

Revista

VOL. 1 | N. 1 | JUL/2020

# ESTUDOS TRANSVIADES

revista sobre transmasculinidades idealizada por pessoas transmasculinas



## A CONSTRUÇÃO POLÍTICA DE CORPES TRANSVIADES

REDESENHANDO MASCULINIDADES

*Danillo Pietro*

ESTUDOS  
TRANSVIADES



A arte da capa é de autoria de Danillo Pietro Craveiro.

O arquivo do primeiro número do volume I da Revista Estudos Transviades pode ser encontrado no seguinte endereço eletrônico: [www.revistaestudostransviades.wordpress.com](http://www.revistaestudostransviades.wordpress.com).

Informações adicionais podem ser encontradas em nossa página do Instagram (@revistaestudostransviades) e recebemos mensagens por Instagram e por email (revistaestudostransviades@gmail.com). Qualquer reprodução ou citação dos materiais dispostos nesse número deve estar acompanhada da menção da fonte de(s) autore(us) e da revista.

Nessa edição, pensando em questões referentes à acessibilidade, descrevemos todas as imagens presentes nesse número através da ferramenta de texto alternativo disponibilizada pelo Word.

Para referenciar os materiais dispostos nesse volume, especialmente os artigos acadêmicos, pode-se usar como base o seguinte exemplo:

FERREIRA, Saman. A emergência do debate da transmasculinidade negra. Revista Estudos Transviades, v. 1, n. 1, p. 155-164, jul. 2020. Disponível em: <[revistaestudostransviades.wordpress.com/blog-2/](http://revistaestudostransviades.wordpress.com/blog-2/)>. Acesso em: (data de acesso).



Esta primeira edição da Revista Estudos Transviades é dedicada a Demétrio Campos, homem trans negro, que buscava espaço na arte como dançarino e modelo, sendo referência para muitos de nós. Com seu corpo e existência, Demétrio foi inspiração nos projetos em que participou e nas memórias que fez construir.

Demétrio batalhou árdua e diariamente contra o racismo e a transfobia engendradas em nossa sociedade. Sua partida, em maio de 2020, representou uma perda irreparável, mas sua potência se multiplica a cada dia que nós, pessoas transmasculinas e pessoas trans, permanecemos vivos.

Desejamos forças à sua querida mãe, Dona Ivone, que continua lutando para que a trajetória do seu filho não seja apagada, e nos colocamos ao seu lado na luta.

Ademais, dedicamos essa edição a todas as pessoas transmasculinas que tiveram suas vidas interrompidas em função do sistema opressor e necropolítico ainda vigente.



## **Sumário**

|  |    |
|--|----|
| <b>Corpo Editorial</b>   | 8  |
| <b>Apresentação</b>  | 9  |
| <b>Editorial</b>   | 12 |
| <b>Artes de Apuã de Melo</b>   | 16 |
| Diante do Vazio I  | 16 |
| Os ângulos de te olhar   | 17 |
| Esse tiro no meu peito foi você quem deu                                     | 18 |
| Louvido seja – arrebatamento   | 19 |
| Distorção e mau contato  | 20 |
| A lombra do prensado   | 21 |
| Tormenta I   | 22 |
| Preto Luz  | 23 |
| <b>Preto Luz / Diante do Vazio II</b>  | 24 |
| Apuã de melo   | 24 |
| <b>Negritude pensada sob a ótica de um homem trans afeminado e pansexual</b> |    |
| Leonardo Luis  | 25 |
| <b>Mainha</b>  |    |
| Daniel de Brito  | 27 |
| <b>Sobre infância e repreensão</b>   |    |
| Tony Gabriel   | 29 |
| <b>O que é ser homem</b>   |    |
| Oliver Cavalcante  | 31 |
| <b>Ser machista não te faz homem de verdade</b>                              |    |
| Danillo Pietro Craveiro  | 32 |
| <b>ode (o) à masculinidade</b>   |    |
| Caio Jade  | 38 |



|  |    |
|--|----|
| <b>Artes de Caru Brandi</b>  | 39 |
| <b>Uma Prosa Sobre a Mãe e o Filho</b><br>Shay de los Santos Rodriguez   | 41 |
| <b>O eu e o outro</b><br>Thomas Terra  | 44 |
| <b>Arte de Thomas Terra</b>  | 45 |
| <b>Carta para mim</b><br>Ernesto Nunes   | 46 |
| <b>Transgressões</b><br>Julian Steven  | 48 |
| <b>Artes de Uarê</b>   | 49 |
| <b>T de tesão</b><br>Lui Foito   | 53 |
| <b>Homem trans e drag</b><br>Leonardo Luis   | 55 |
| <b>Para Além da Binariedade dos Corpos Estilo A-Gênero</b><br>Caê Vatiéro  | 57 |
| <b>Entre as pernas</b><br>Cauê Assis   | 60 |
| <b>As noções de sexo biológico como instrumento de transfobia</b><br>Dhiego Monteiro   | 61 |
| <b>Homens trans e a arte drag</b><br>Kauê Conrado  | 65 |
| <b>Esquerdoboy</b><br>Bernardo dos Santos  | 67 |
| <b>Eu cheguei até aqui</b><br>Gab Pontes   | 69 |
| <b>O Homem Invisível: Ensaio reflexivo sobre as perspectivas do visível e invisível aos olhos e a mente sobre um corpo de homem</b><br>Fotografia: Nathalia Gregory, Conceção e Modelo: Tali Ifé | 71 |





|  |     |
|--|-----|
| <b>Desconfinamento</b><br>Thomas Terra   | 77  |
| <b>Eu Caim</b><br>Daniel de Brito  | 78  |
| <b>Homens trans existem</b><br>Orlando Tailor Vinhoza  | 96  |
| <b>Quadrinhos de Lino Arruda: Transição da Depressão</b>   | 98  |
| <b>Uma vida em dissidência de gênero</b><br>Dhan Tripodi   | 99  |
| <b>Desenho s/ papel, 2016: Passabilidade</b><br>Lino Arruda  | 109 |
| <b>Quanto mais pobre preta e perto de ser mulher for: micro e macro violências na poesia e na arte de Kika Sena</b><br>Esteban Rodrigues   | 110 |
| <b>O corpo transmasculino como um campo de batalha: espaços de narrativas e construções tecno-semióticas</b><br>Kaio Souza Lemos   | 119 |
| <b>Desenho s/ papel, 2018</b><br>Lino Arruda   | 128 |
| <b>A visibilidade intersexo é essencial para despertar a sociedade a respeito das cirurgias de normalização, que acontecem no país e no mundo, sem levar em consideração o futuro da criança</b><br>Amiel Vieira | 129 |
| <b>Produção não preta: corpos contemporâneos</b><br>Alex Pletu   | 133 |
| <b>Pessoas trans são gente que sobre: uma breve análise marxista da transgeneridade</b><br>Orlando Tailor Vinhoza  | 142 |
| <b>Desenho s/ papel, 2018</b><br>Lino Arruda   | 146 |
| <b>Acesso à testosterona por homens trans e pessoas transmasculinas</b><br>Patrick M N Silva   | 147 |



**Desenho s/ papel, 2017**

Lino Arruda

161

**A emergência do debate da transmasculinidade negra**

Saman Ferreira

162

**Bios**

172







### **Conselho Editorial**

Bruno Pfeil

Cello Latini

Kaio Lemos

Nicolas Pustilnick

Thárcilo ipá

Théo Souza

### **Design e formatação**

Bruno Pfeil

Cello Latini

Nicolas Pustilnick

Thárcilo ipá

### **Agradecimentos especiais**

Guilherme Sanva

Inconformados Psi

IVY

Kollinn Benvenuti

Mayra Ribeiro de Oliveira

Movimento Artístico Poético Nacional TransPoetas

Tali Ifé



## Apresentação

No início de 2020, em uma reunião entre Bruno, Cello, Nico e Ramiro Gonzalez numa lanchonete no centro do Rio de Janeiro, a ideia de criar uma revista surgiu. A princípio, havíamos nos reunido para falar de um projeto sobre LGBTIAfobia e educação, porém, animados com a temática, acabamos por mencionar a possibilidade de criar uma revista sobre gênero e sexualidade *de* pessoas trans *para* pessoas trans. Uma série de reflexões e questionamentos foram desencadeados e postos em debate, fazendo com que aos poucos nossa ideia florescesse e ganhasse escopo dentro de uma discussão que se mostrou fundamental para nós: a invisibilização de homens trans e pessoas transmasculinas nos mais diversos espaços.

Nossas corpes transmasculines não são legitimadas nem reconhecidas. Não há um lugar social transmasculino historicamente constituído. Temos muito pouco sobre o que nos sustentar durante os processos de construção de nossas identidades. O que há sobre as transmasculinidades está sendo majoritariamente constituído agora, por nós mesmas, em nossas redes de amizade, em grupos de redes sociais, ao trocarmos nossas experiências. A proposta dessa revista é incentivar um processo de mudança cada vez maior nesse cenário de marginalização e invisibilização. É pensar as potencialidades de corpes transmasculines produzindo vida e novos horizontes de futuro. Pretendemos criar um espaço de acolhimento e visibilidade para as mais variadas produções de corpes transmasculines, de forma a buscar os diversos atravessamentos das transmasculinidades sem imposições academicistas e fora de uma lente patologizante cisnormativa. Almejamos uma liberdade cada vez maior para o diálogo, pela constituição de subjetividades que fiquem marcadas aqui, dispostas para serem conhecidas agora e no futuro.

Apesar de surgir no início do ano, a ideia somente foi levada adiante alguns meses depois, quando Cello contactou Ramiro, Nico e Bruno para repensar o projeto. Mais tarde, integraram-se ao grupo: Cello, Ramiro, Nicolas, Thárcilo, Kaio Lemos, Bruno, Théo Souza e Hirne Siqueira – que nos auxiliou com a formatação do site. Também chamamos Guilherme Almeida e Leonardo Peçanha para eventualmente nos auxiliar na construção da revista. Após a escolha do nome – Revista Estudos Transviades: revista sobre transmasculinidades –, que faz alusão à obra de João W.



Nery e aos estudos transviados consolidados no Brasil, criamos um e-mail, um perfil no Google, no Wordpress e no Instagram, onde começamos a fazer postagens convidando homens trans e pessoas transmasculinas a enviar suas produções. Nos surpreendemos com a amplitude que o projeto tomou, graças ao apoio de amigos, especialmente do Movimento Artístico Poético Nacional TransPoetas (Instagram: @transpoetas), do grupo Inconformados Psi (Instagram: @inconformados\_psi) e de Tali Ifé, através do Solar do Jambeiro (Instagram: @solardojambeiro), que nos ajudaram muito com a divulgação. Agradecemos também a IVY (@diosaiivy) e Guilherme Sanva (@guisansil), pelo importante auxílio na elaboração da capa da revista, e a Kollinn – pela elaboração do cabeçalho e instruções sobre acessibilidade – e Mayra – pelo auxílio no processo de descrição das imagens.

À medida que avançamos, Hirne Siqueira e Ramiro Gonzalez, sendo homens cis, contribuíram da forma que puderam, enquanto cada vez mais solidificávamos a ideia de que a revista deveria ser dirigida e coordenada por homens trans e pessoas transmasculinas. Agradecemos por suas contribuições durante o tempo que ficaram conosco!

Ficamos muito contentes com a quantidade de produções que recebemos. Foram ensaios, textos, poesias, prosas livres, depoimentos, cartas, desenhos, aquarelas, quadrinhos, ensaios fotográficos e artigos acadêmicos sobre temas que não abarcam somente questões dos estudos de gênero e sexualidade, como também questões outras, emocionais e do cotidiano, dentro da vivência de nossos corpos.

Nosso objetivo não foi organizar uma revista acadêmica, embora entendamos a importância da academia para nossas conquistas. Agrupamos todos os artigos acadêmicos ao final do documento e, ao longo da revista, mesclamos prosas, imagens e poesias; visamos, com isso, uma localização simples dos textos acadêmicos para possíveis citações e referências.

Em relação ao critério de seleção dos materiais, aceitamos quaisquer produções desde que não reproduzam opressões e/ou que não possuam conteúdos que possam ser entendidos como violentos. Não toleramos discriminações, seja por parte dos autoras ou de suas produções. Nossa política em casos de discriminações e violências é a não integração dessas autoras e de suas produções no corpo da revista.

Temos consciência de que as leitoras dessa revista serão diversas, desde transmasculinas com anos de contato com as transmasculinidades, até pessoas que ainda



estão se descobrindo, questionando sua identidade. A decisão de agrupar as biografias ao fim da revista foi pensada a partir da proposta de visibilidade que mencionamos anteriormente: ao lermos as apresentações dos participantes, percebemos como esse projeto conseguiu abarcar diferentes transmasculinidades de diversas regiões do país, em condições distintas, mas que se entrecruzam. Agradecemos imensamente a todos que nos enviaram seus materiais e convidamos cada vez mais pessoas transmasculinas a nos confiar suas produções!

Estamos sempre dispostos a integrar novas ideias para construir um espaço mais diverso e plural das transmasculinidades. Para dúvidas ou sugestões, procure nossa conta no Instagram (@revistaestudostransviades), nosso site no Wordpress (revistaestudostransviades.wordpress.com) ou nos contate por email (revistaestudostransviades@gmail.com)!



## Editorial

A presente edição reúne expressões de autoras diversas, que abarcam questões sem as quais não podemos pensar transmasculinidades, como negritude, família, sexualidade, processos internos de autodeterminação e reconhecimento, feminilidade e performance, possibilidades de modificação corporal, entre outras. Iniciamos esse volume com as artes de Apuã de Melo, em seu enfoque sobre corpos trans e negros, nas emoções que os atravessam. Expusemos dez artes de Apuã, sendo nove desenhos e pinturas e um poema, chamado “Preto Luz”. Partimos, então, para o texto “Negritude pensada sob a ótica de um homem trans afeminado e pansexual” de Leonardo Luis, em que o autor discorre sobre seus atravessamentos enquanto um homem trans preto e periférico, cuja sexualidade e expressão de gênero não seguem as normas cisheteronormativas. Em seguida, passamos para o poema “Mainha” de Daniel de Brito, que discorre sobre a infância do autor, sua relação com sua mãe, suas experiências com racismo, transfobia e família. O próximo texto, “Sobre infância e repreensão” de Tony Gabriel, retrata as impressões do autor sobre sua infância, sua relação com a família e com a construção de sua masculinidade, no contexto da cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Complementamos o texto com um desenho do próprio autor representando sua família.

O poema “O que é ser homem” de Oliver Cavalcante questiona as noções normativas de hombridade e masculinidade, e é complementado pelo texto “Ser machista não te faz homem de verdade” de Danillo Pietro Craveiro, em que se discorre sobre as experiências de homens trans com machismo e misoginia. Em “ode (o) à masculinidade”, Caio Jade versa sobre seu lugar social enquanto homem “sob o crivo da verdade / ou da mentira”, falando sobre imposição de estereótipos de masculinidade. Seguimos para duas aquarelas de Caru Brandi que retratam perspectivas de corpos transmasculines, antecedendo o ensaio “Uma prosa sobre a mãe e o filho” de Shay de los Santos Rodriguez, sobre a história do nascimento e do crescimento de uma pessoa transmasculina em Tacuarembó, no Uruguai. No texto posterior, “O eu e o outro”, Thomas Terra escreve sobre a representação do “outro” no escopo das transmasculinidades e em sua libertação de um ideal de corpo cisnormativo. O texto é complementado por uma arte do próprio autor.



Em “Carta para mim”, Ernesto Nunes narra sua mensagem para seu eu do passado em relação a quem ele é: um homem transgênero que se descobriu com quase 40 anos. A mensagem dessa carta antecede o poema “Transgressões” de Julian Steven, que retrata as dificuldades enfrentadas por muitas pessoas trans em seus processos de autoidentificação. Com isso, dispomos de quatro desenhos de Uarê, que simbolizam aspectos fundamentais das subjetividades transmasculinas. A partir daí, temos “T de tesão” de Lui Foito, acompanhado de um desenho do próprio autor.

Retornamos a um material de Leonardo Luis, intitulado “Homem trans e drag”, sobre a construção da personagem drag Sabah, e seguimos para Caê Vatiéro num texto que relaciona moda, identidade de gênero e a possibilidade de desconstruir a binariedade. O poema seguinte, de Cauê Assis, desafia a curiosidade de se descobrir se alguém possui “pau ou buceta” e questiona: “O que isso preencherá em você?”. Após o poema, temos o texto “As noções de sexo biológico como instrumento de transfobia” de Dhiego Monteiro, que reforça o questionamento de Cauê Assis. E voltamos à discussão sobre homens trans e a arte drag com o texto de Kauê Conrado sobre a construção de sua própria masculinidade e de sua drag Dafnny Rockffeler.

Seguindo, passamos para o poema “Esquerdoboy” de Bernardo dos Santos, que representa uma forte crítica a figuras masculinas cuja “pele continua aí, branca, pura e imaculada / cheia de privilégio e aval pra opressão” e os desafia: “Mas vem passar um dia sendo preto e trans pra tu ver”.

Gab Pontes, em “Eu cheguei até aqui”, discorre sobre suas vivências durante o isolamento social na atual pandemia do COVID-19 e sobre seu processo de adaptação e autoconhecimento da sua identidade de gênero. Gab Pontes nos diz que o isolamento social conseguiu modificar “a relação íntima com nós mesmos e como sentimos a nossa existência no mundo”. Após isso, temos o ensaio fotográfico de Tali Ifê, fotografado por Nathalia Gregory, chamado “O Homem Invisível: Ensaio reflexivo sobre as perspectivas do visível e invisível aos olhos e a mente sobre um corpo de homem”. Então, apresentamos o poema “Desconfinamento” de Thomas Terra, sobre a vida na cidade grande.

Passamos para um texto reflexivo de Daniel de Brito chamado “Eu Caim”. Nesse diálogo, o interlocutor conversa com uma figura que aparece toda noite e o atormenta, tocando em questões delicadas de seus sentimentos, suas angústias e suas relações consigo. Logo após, temos quadrinhos de Orlando Tailor Vinhoza sobre



pessoas transmasculinas marcantes na História, seguindo para os quadrinhos de Lino Arruda sobre as expectativas em relação às mudanças físicas e os imprevistos decorrentes disso.

A partir daqui, agrupamos os textos acadêmicos, separados entre si por quatro desenhos alternados de Lino Arruda. Em “Uma vida em dissidência de gênero”, Dhan Tripodi escreve sobre suas experiências como um trans homem em uma família religiosa em Salvador, junto de reflexões sobre feminismo e cissexismo. Daí, temos o artigo “Quanto mais pobre preta e perto de ser mulher for: micro e macro violências na poesia e na arte de Kika Sena”, de Esteban Rodrigues, sobre a arte política da artista e ativista Kika Sena e sobre as opressões que atravessam corpos trans negras. Em seguida, partimos para o texto “O corpo transmasculino como um campo de batalha: espaços de narrativas e construções tecno-semióticas” de Kaio Souza Lemos. Nesse texto, o autor discorre sobre vivências, práticas e construções do corpo transmasculino, os processos de hormonização, os processos transexualizadores, etc. Passamos para o texto “A visibilidade intersexo é essencial para despertar a sociedade a respeito das cirurgias de normalização, que acontecem no país e no mundo, sem levar em consideração o futuro da criança”, em que Amiel Vieira escreve sobre indivíduos intersexo, as abordagens da medicina à intersexualidade e as discriminações e violências que atravessam esses corpos.

Em “Produção não preta: corpos contemporâneos”, Alex Pletu expõe suas “inquietações pessoais, a respeito do entendimento do corpo como lugar, que não é indissociável, das consequências de carregar consigo os atravessamentos, na contemporaneidade”, trabalhando com a exposição PretAtitude, ocorrida no Sesc Vila Mariana, em 2019. Revisitamos Orlando Tailor Vinhoza em “Pessoas trans são gente que sobra: uma breve análise marxista da transgeneridade”, onde argumenta a partir da possibilidade de se pensar os conceitos de Marx dentro da experiência de pessoas trans na atualidade.

Em “Acessos à testosterona por homens trans e pessoas transmasculinas”, Patrick M. N. Silva escreve sobre as noções de “trans de verdade” e “trans oficial” em relação à hormonização, e descreve os meios pelos quais pessoas trans conseguem acesso aos hormônios, se desejarem se hormonizar, bem como sobre os riscos de percorrer essa jornada sozinho. Finalizamos esta edição com o texto “A emergência do debate da transmasculinidade negra”, no qual Saman Ferreira reflete sobre





transmasculinidades negras no Brasil, pensando as opressões que atravessam homens trans negros.

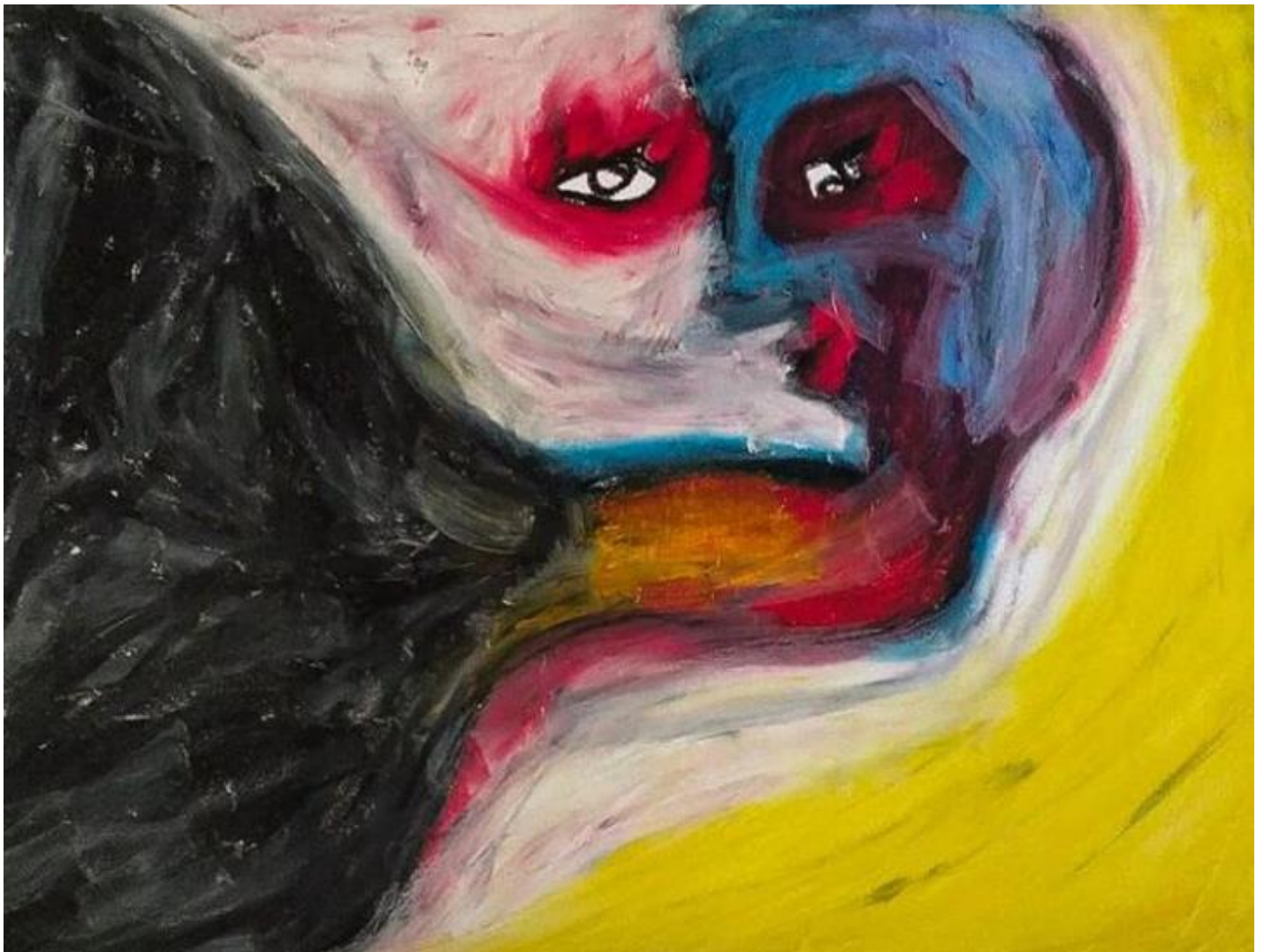
Assim, apresentamos o primeiro número da primeira edição da Revista Estudos Transviades. A reunião de tantas produções nesse projeto provoca imenso orgulho em todas as pessoas que se empenharam e que acompanharam o nascimento dessa revista. Trabalhamos para dar visibilidade, criar redes de afeto, fortalecer subjetividades transmasculinas, e também para nos mobilizar politicamente pela conquista de espaço e representação.

## **Artes de Apuã de Melo**

meus desenhos não falam apenas sobre um corpo trans, suas disforias e as marcas que isso causa em mim e que moldam minha personalidade. fala também sobre como um corpo trans e negro lida com sentimentos como amor, dor, angústia, depressão e ansiedade. trabalho com uma mistura de tons, texturas, focando mais nas urgências de expressar meus sentimentos do que em técnicas de pinturas.

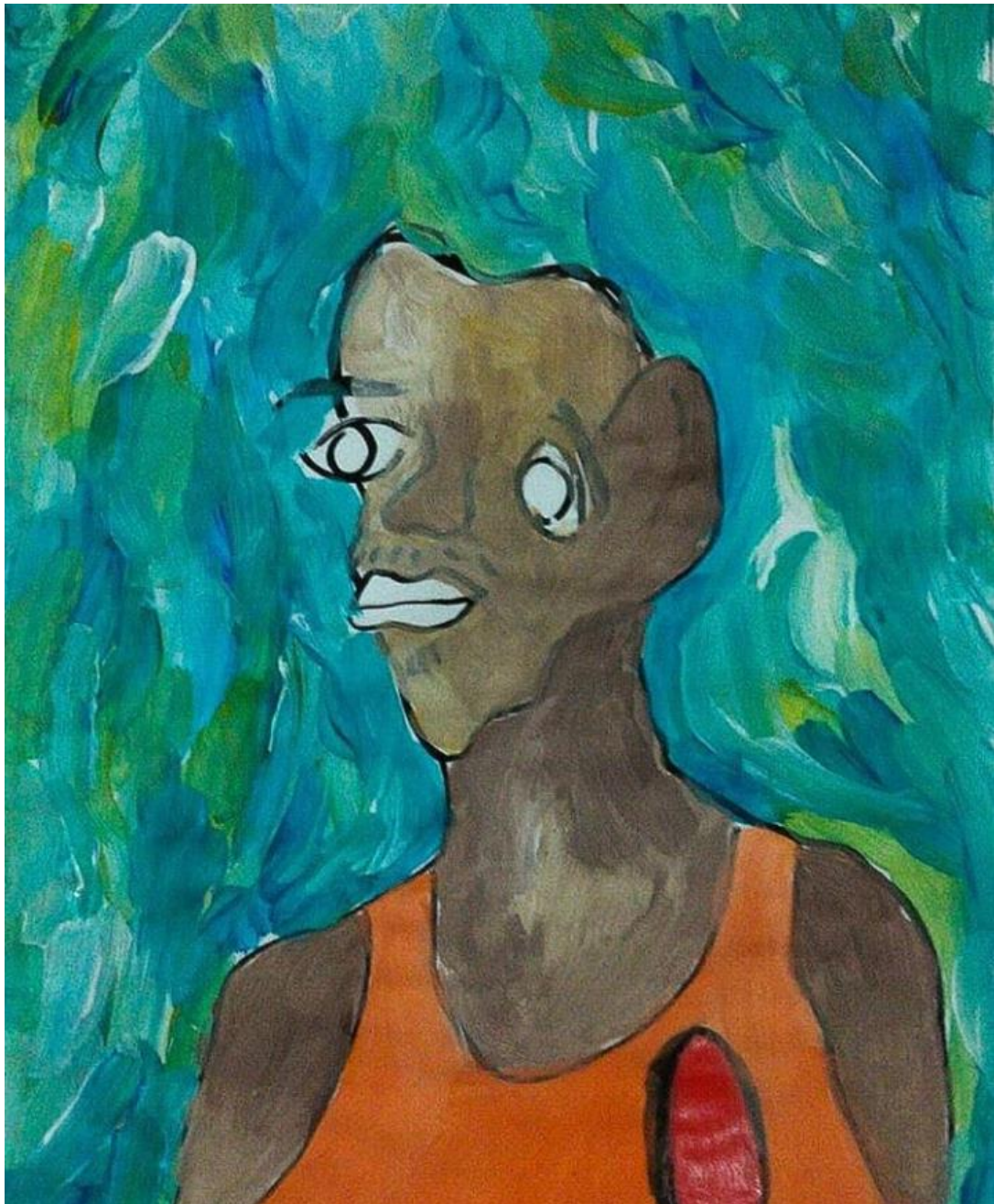


### **Diante do Vazio I**

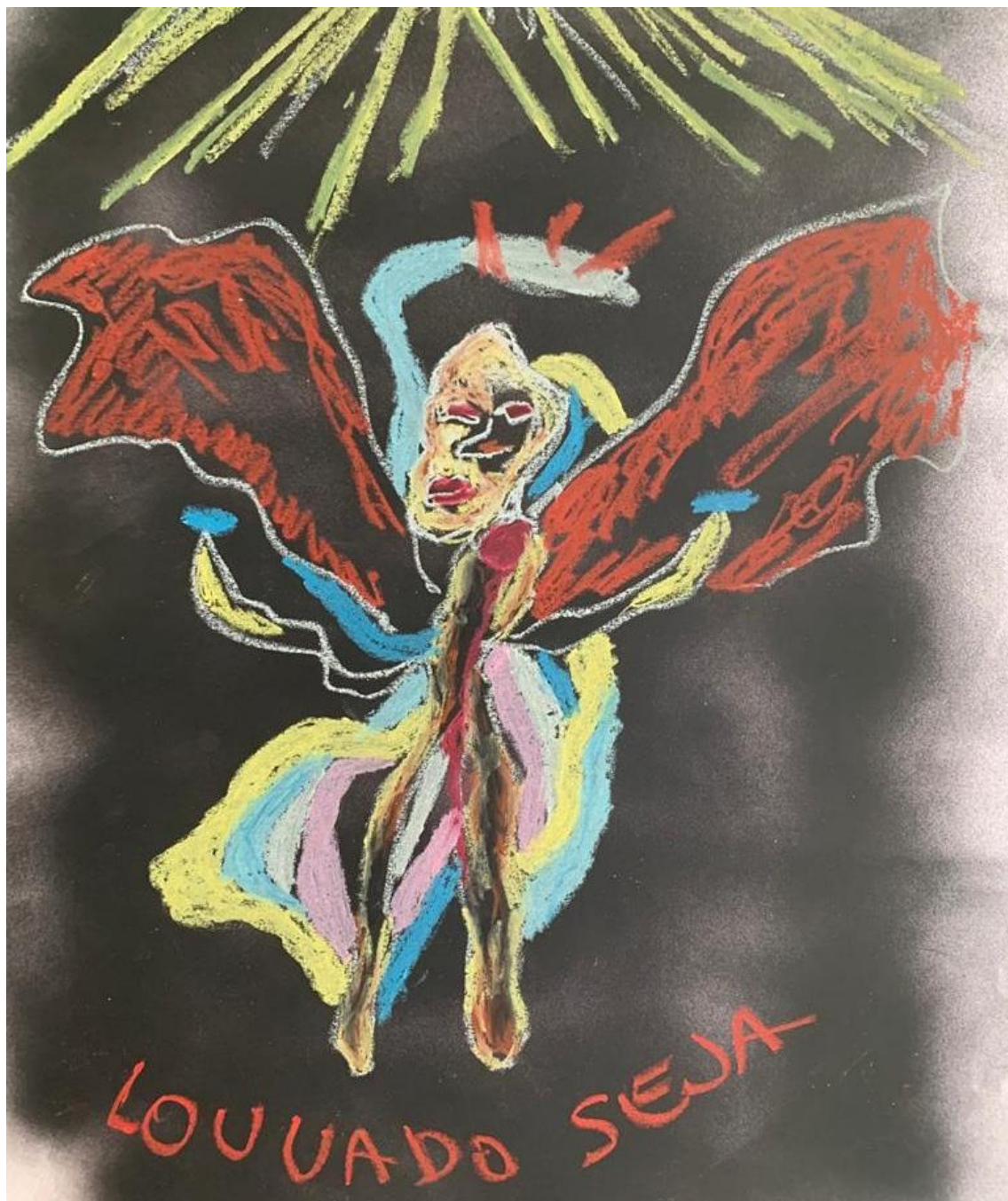


### Os ângulos de te olhar





**Esse tiro no meu peito foi você quem deu**



### Louvido seja – o arrebatamento





### Distorção e mau contato



### **A lombra do prensado**





**Tormenta I**



**Preto luz**

## Preto luz

*Apuã de Melo*

me escondo na sombra  
dos pensamentos  
dos sentimentos  
e os mastigo.  
como um pão: seco, duro, intragável.  
não me desce pela garganta nem o rastro,  
tudo foi invadido, saqueado  
pela violência indigesta do estado.  
nas sombras dos meus pensamentos contém  
tudo que me foi roubado:  
tato, paladar, olfato.  
saboreio tudo com um gosto amargo na boca  
  
e penso  
  
o que é isso que nos deixa  
na sombra?  
medo  
miséria  
ódio  
ação do tempo  
quanto mais se envelhece  
mais distante fica  
a luz no fim de tudo  
será  
que  
é  
uma  
bala  
perdida?  
demétrio vive!



**Diante do vazio II – Apuã de Melo**





## **Negritude pensada sob a ótica de um homem trans afeminado e pansexual**

*Leonardo Luis*

Falar sobre gênero sem fazer um recorte sobre raça com certeza é um equívoco. Durante minha transição de gênero pude ver quão importante é o marcador de raça; enquanto era lido pela sociedade como mulher, eu era abordado na rua por homens, via os olhares deles para meus membros inferiores, leia-se bumbum, recebia buzinadas, enfim, todo o tipo de cantada idiota que toda mulher infelizmente já recebeu na sua vida.

No início da transição, cortei o cabelo e passei a usar os hormônios e roupas masculinas, nota: eu moro numa periferia do DF, onde a violência é algo marcante. Ainda estou no conflito da minha identidade mesmo após 5 anos de transição, pois me vejo várias vezes como uma pessoa não binária, como um demi boy, mas ainda me identifico socialmente e politicamente como homem trans.

Então comecei a notar que quando voltava à noite da faculdade já não mais recebia os mesmos olhares, muito pelo contrário, passei a ser até mesmo saudado por homens de forma respeitosa. Parece que só por ser lido como homem já fui tratado com respeito, como se mulheres não fossem merecedoras desse respeito; isso revela uma sociedade machista e fálica em que vivemos.

Notei também que o convívio com outras mulheres mudou; lembro que um dia voltando da faculdade à noite tinha uma mulher na minha frente andando, era um local um pouco perigoso ali, tinha muito assalto, eu também tinha medo então aproveitei que ela estava por lá e apressei o passo, para não ficar só e ser presa fácil, mas ela também começou a andar rápido e olhar pra trás desconfiada. Entendi que ela estava com medo de mim, por ter me lido como um homem preto, que de alguma forma representei perigo para ela, mas antigamente eu não seria lido assim por ela.

Ser um homem preto pansexual foi algo difícil para algumas pessoas entenderem, meus parceiros sexuais ficavam fazendo fetiche comigo, me forçaram a ser sempre aquele estereótipo do cara forte e que não podia mostrar meus sentimentos; eu amo dançar funk, gosto de ser versátil passivo, por muitos anos deixei isso de lado. Nos dias atuais, não faço mais isso, se sinto vontade de dançar até o chão, faço, não forço



minha voz ou trejeitos, simplesmente deixou fluir e quase sempre flui para o lado bicha afeminada mesmo, com bastante deboche.

Tenho me relacionado mais com pessoas trans/travesti e caras cis gays. Me sinto livre e bem assim. Creio que o futuro para se relacionar bem pra pessoas trans é entre pessoas trans, hoje tenho uma relação transfroscentrada.



## Mainha

*Daniel de Brito*

Cresceu tomando banho de sabão de coco,  
Esfregava bem as pernas, os braços e o rosto.  
No meio de tantos irmãos e irmãs,  
Era uma das mais pretinhas, do cabelo grosso.  
Aprendeu que seria amada pela Mainha dela  
Se fosse menos preta, menos queimada e menos favela.  
Casou com um moço mais claro que ela,  
Olhos verdes e pedreiro,  
Um sonho de novela.  
Como a redenção de Cam,  
Ela buscou o embranquecimento,  
Pena, como ela saberia, que seu filho não sairia

A cara do pai, mas sim a cara dela.  
Aos 5 anos de idade, seu filho, sem entender,

Reproduziu o racismo:

– Mainha odeio o meu nariz, odeio parecer você!  
Com seus olhos cheios de lágrimas,  
Ela pôde responder:

– Meu filho não pense isso, você é lindo, por favor,

Tente esquecer.

Foram as palavras e o olhar dela que marcaram,  
Entraram em mim como sementes, mas me rasgaram.

Senti um pouco de sua dor,



De uma vida de renegação, marginalização e falta de amor.  
Queria poder dizer algo que lhe fosse bom, bonito e consolador,  
Mas só pude sentir tudo o que esse sistema cruel nos deixou.

Entre outras lembranças,  
Lembro de comer tomates como lanche  
Enquanto ela negociava verduras em sua barraca,  
E quando não vendia bem, e a vida parecia errada,

Ela agradecia a Deus e louvava.  
– Obrigada senhor por tudo,  
Seja só pão ou seja só água!  
Dizia ela admirando o céu, mas acho, mesmo,  
Que era ele que a admirava.

Com o passar do tempo, me enxia de orgulho parecer com ela,

Pense em uma mulher arretada!

Mesmo me empurrando a ir à igreja todo o domingo e

A usar saia,

Na limitação dela, na medida dela,  
O abraço sempre me encaixava.  
E hoje minha Mainha, eu sinto disso  
É uma saudade danada!  
Mesmo que sejamos diferentes,  
E que seja difícil para você me entender,  
Saiba que eu amo cada pedacinho do seu corpo,  
Cada pedacinho da sua história,  
Cada pedacinho de você.  
Mainha...

(Recife, 27 de Maio de 2018)





## Sobre infância e repreensão

*Tony Gabriel*

Tenho quase trinta anos. Sou de uma cidade chamada Mossoró, no Rio Grande do Norte, e venho aqui falar da infância.

Não é fácil expor isso. Entre espaços de convivência, entre uma moradia e outra, há coisas difíceis de verbalizar. Brigas, conviver com pai alcoólatra, experiência de fome, de estar numa casa cheia de cinco crianças e quatro adultos. É difícil, para mim, voltar ao passado e reviver tudo o que me doeu e que ainda dói.

Tive uma infância confusa para uma menina na pele de um garoto, ou não seria o contrário? Lembro-me de quando meus pais não podiam nem ficar comigo nem com minha irmã, e me deixavam com minha vó. Morei com ela por três anos, pois a casa de meus pais era só um cômodo e não dava pra morar tanta gente. Só ia pra casa deles nos fins de semana. Por eu e minha avó termos uma relação sem tanto contato, tive mais liberdade para jogar futebol, para brincar com outros meninos da rua; brincava de bila (bola de gude), de pião, entre outras brincadeiras aqui do nordeste.

Minha infância se desgastava em maus tratos de quando eu ia para a casa dos meus pais aos fins de semana. Era tudo regrado: hora de dormir, menina não podia brincar com meninos, tinha que andar direito, não podia comer de boca aberta, tinha que sentar correto... Coisas que entendo hoje como machismo. Era terrível. Eu apanhava todo dia na escola, era chamado de boneca do cão (associado a coisa feia), falavam que eu era negra de cabelo ruim, que eu jamais ia mudar. Sofri *bullying* durante a infância como esqueleto, “droguinha”, “menina-macho”, “bicho-macho”. Minha mãe ia quase todos os dias à escola por conta das violências que eu sofria: chegava com braço roxo, cabelo arrancado, roupa rasgada. Eu não sabia me defender. Na época, era melhor ficar quieto do que revidar e apanhar mais. Embora meus pais tentassem resolver esses problemas, de nada adiantava. Troquei de escola, passei um ano sem estudar por conta de depressão.

Algo que também me remete à infância é minha experiência como PAIdrasto. Fui padrasto de uma menina pré-adolescente, que me respeitou do início até hoje e por quem tenho muito apego. Eu a amo como filha, a abraço como filha e, com ela, aprendi a lidar com momentos de sensibilidade, com momentos de afetividade, com momentos

de satisfação. Até mesmo nos momentos mais difíceis, aqueles momentos em que a gente pega no pé, mesmo estes momentos foram muito maravilhosos; momentos presentes durante quase cinco anos da minha vida.

Devo falar também sobre meu eu como tio e

amigo. Esta experiência tem sido maravilhosa. Meus sobrinhos são as únicas pessoas da minha família que respeitam meu nome, meu gênero, minha existência; são as pessoas com quem posso contar para brincar, para me alegrar; a quem posso dizer que amo e receber um “eu te amo”, que me dão carinho diariamente. Eu os amo demais. É lindo ser tio e amigo.

Meu sobrinho mais velho me tem como uma figura masculina importante, uma experiência de pai muito grande. Comigo, ele me conta coisas sobre as quais não consegue conversar com o pai, a mãe, os tios e irmãos. É interessante pensar que, embora ele tenha vários tios cis, não os chama de “tio”, somente pelo nome. A mim, ele chama de “titio”. Isso me faz existir mais ainda, me faz renovar forças todos os dias.

Meus sobrinhos mais velhos verbalizam muito as coisas comigo. Já cheguei a perguntar se eles realmente me veem como sou. O mais novo me diz, às vezes, “titio, você fica mais bonito quando corta o cabelo” ou “fica melhor quando você ajeita seu bigode”. Quando diz isso, ele está vendo que o Tony existe. Ser tio é maravilhoso, ser amigo é maravilhoso. É uma sensação que não sei descrever. É a única prazerosa. É voltar à infância e viver o hoje como antes, brincar de carrinho, de boneca; é abraçar e chegar e dizer “eu te amo”. É ser retribuído por esse amor.

Escrevo sobre minha infância e sobre a de meus sobrinhos pela distância que separa nossas experiências. No entanto, ao mesmo tempo em que ocupamos lugares completamente diferentes, olhar para eles me faz pensar no meu eu de criança. Quero proporcionar a eles uma infância diferente da minha, com afeto, com cuidado, e também dar a eles tudo o que aprendi nesse tempo.





## O que é ser homem

*Oliver Cavalcante*

Homem  
Deixe lhe dizer  
Tudo eu posso fazer  
Ninguém precisa entender  
Eu não preciso disso  
Nem daquilo  
Eu sou meu próprio abrigo  
Que cuida do próprio umbigo  
Mas se você me questionar  
Eu vou lhe dizer  
O que é ser homem  
Ser homem é o que eu quiser  
Mas se a sociedade vier  
Eles irão descobrir  
Que o meu “ser homem” é estranho  
É errado  
Tá tudo errado e danificado  
Tu não és homem  
Tu és mulher  
Passar roupa  
Brincar de boneca  
Limpar colher  
É, mulher não tá fácil  
Tu  
Apenas tu  
Consegue dizer o que tu és  
E acabou que tu não és nem mesmo mulher



## **Ser machista não te faz homem de verdade**

*Danillo Pietro Craveiro*

**Resumo:** Meu nome é Danillo Pietro Craveiro, militante LGBT, escritor e poeta, afro religioso e homem trans. Identifico-me como homem trans desde os 12 anos de idade, quando de fato descobri a nomenclatura “transgênero”, porém, minha disforia de gênero (uma inconformidade de ser submetido a um gênero ao nascer, por conta da genitália) teve início desde os três anos de idade. Por volta dos 15 anos, comecei a dar os primeiros passos para a minha transição de gênero, não foi nada fácil, cada etapa foi muito dura e cheia de aprendizados, inclusive um aprendizado ainda em construção.

Atualmente, percebemos que a transgeneridade está tendo grande visualização comparada a décadas anteriores, tempos estes em que apenas se “falava” de travesti (como piada-transfobia explícita) e transtorno de gênero, resumia a transgeneridade com o termo já abolido “transexualismo”, devido a não ter tanta informação ou/e interesse, como observamos nos dias atuais.

Visualizamos muitos rostos trans surgirem nos jornais como vítimas do preconceito social, nas mídias de televisão e na internet, como artistas e influencers digitais, como Liniker (cantora e travesti), Thiessa (blogueira e mulher trans) e Tarso Brant (ator, modelo e homem trans), sendo estes inseridos num contexto de que pessoas trans precisam desconstruir a cisnormatividade constantemente. Desta forma, poderemos dizer que os males que assolam a população cisgênera também estão presentes no nosso cotidiano, pessoas transgêneros.

Assim, nesse texto, vou tentar dialogar com a temática transmasculinidades e machismo, abordando experiências, comportamentos, falas de pessoas trans, tanto minhas como de pessoas ao meu redor.

### **Ser machista não te faz homem de verdade.**

Por muitos anos, as mulheres e toda a sociedade se viram subordinadas às imposições sociais do traço masculino, porém as mulheres começaram a questionar essas violências de que eram vítimas por parte desses homens, e conseqüentemente da sociedade, resultando assim no que chamamos hoje de feminismo, ou seja, a luta das mulheres para que sejam tratadas e visualizadas com os direitos iguais. As reações contra o machismo



são consideradas por muitos estudiosos e ativistas como uma luta de todos e não somente das mulheres, afinal, sabemos que não somos obrigados a cometer/repetir esses comportamentos autoritários e violentos.

Entretanto, muitas pessoas de todos os gêneros e identidades ainda acreditam que ser machista e *escroto* é um traço pertencente à personalidade masculina, e com isso tentam padronizar esses comportamentos nas futuras gerações. Esse comportamento, observa-se, iniciou com homens héteros cisgêneros, em diversos continentes e culturas, tanto que masculinidade transformou-se em sinônimo de grosseria, agressividade, e nada que pudesse referenciar o feminino por parte desse homem cisgênero. Essa ideia se manteve pertinente e se mantém até hoje. Isso pode ser visto em diversas criações, educação em famílias heteronormativas e cisnormativas.

A masculinidade é um fator de personalidade que faz parte de uma construção social para expressão de gênero nomeado como masculino; logo, a transmasculinidade tem o mesmo significado, porém, é reiterado e protagonizado por pessoas transgêneras. Transgeneridade é um termo “guarda-chuva” utilizado para nomear uma identidade de gênero que difere do que é imposto socialmente, a partir dos genitais de uma pessoa (a cisnormatividade). Uma pessoa transgênero é alguém que pode ter ou não disforia ao gênero que lhe foi imposto ao nascer e que se identifica com outra identidade que não é a cis, podendo ser a trans.

Dentro do contexto da transgeneridade, podemos encontrar alguns termos que são muito presentes no nosso cotidiano, como: travesti, transexual, homem trans, mulher trans e não binário. Todos costumam exibir uma expressão de gênero que são as formas como você se mostrará ao mundo a partir de nome, pronomes, roupas, comportamentos e posicionamentos.

A transmasculinidade é uma expressão de gênero que têm como base e referência o ser masculino, transitar entre o que se pode ser lido socialmente como masculino, ou seja, o que para cis é “ser homem”, porém tanto para cis quanto para trans a masculinidade pode ser confundida com o machismo, que são comportamentos abusivos de pessoas que possuem expressão de gênero masculina ou não, e que oprimem, ridicularizam e violentam o que é lido como feminino, dentro de um estereótipo tido como autoritário e cheio de liberdade para o gênero masculino, e submissão e exploração para com o gênero feminino.

Para alguns homens trans e pessoas transmasculinas, o feminino é algo que não



pertence mais ao corpo em transição para o masculino, e para isso é preciso “exalar masculinidade pelos poros”. Quando comecei a ir em busca do que era “ser homem”, me deparei com muitos garotos e transmasculines que utilizavam o machismo como um trunfo perfeito, e a ideologia do que era “ser homem de verdade”, a partir de comentários que inferiorizavam mulheres cis e trans, invisibilizava travestis e objetificava o corpo cis feminino. E um grande palco para esses comportamentos e falas foram as redes sociais, o mundo digital, afinal, é onde as pessoas mais se socializam no momento.

Em uma rede social, lembro de um comentário de um garoto sobre sexo: “(...) queria ter um pau para socar gostoso a buceta de uma mulher”. A fala deve ser considerada machista por estar objetificando o corpo de uma mulher, como se aquele corpo só servisse para ser usado no sexo e nada mais, pelo desejo exacerbado por uma vagina e a idealização de um pênis com intuito de penetrar a vagina. Interessante pontuar que, para fazer parte de uma relação sexual, o pênis e a vagina podem ser substituídos facilmente por outros orifícios, ou por brinquedos eróticos; sendo assim, podemos chegar à conclusão de que o ato sexual poderia ser realizado com estes, de outra maneira, outras formas, com o consentimento do outro, claro.

Ainda nas redes sociais, ouviam-se frases do tipo: “(...) mulher trans só serve para beijar” ou “(...) adoro chupar uma bucinha”. Além de machista, essa frase é transfóbica, seja dita por cis ou por trans, pois estão diminuindo a identidade feminina de uma mulher com o intuito de ser um objeto que tenha uma única serventia, a satisfação do homem e a agressão transfóbica por nitidamente se fazer menção de que não teria relações sexuais com uma mulher trans por ela não ser cis, e talvez por não ter uma vagina; novamente, era possível ver a genitalização e o sexismo acerca da figura feminina.

Em outro momento, presenciei uma discussão por conta de um participante que enviou uma foto de uma mulher cis nua, e o comentário relacionado ao “Outubro Rosa” (mês em que se fazem campanhas de prevenção ao câncer de mama) e a vagina da mulher se referia à cor rosa por ser uma mulher cis e branca. A discussão foi acerca dessa imagem, e até mesmo eu pensei em revidar com uma imagem similar, porém com uma travesti, mas desisti por achar que estaria cometendo o mesmo ato machista que o outro participante, pois o que estava explícito ali, para além da genitalização, eram homens machistas que riam de um corpo feminino, que na visão deles era ideal por ter



uma vagina e que tinha o intuito de satisfazer o seu desejo masculino, fazendo do corpo feminino uma propriedade que podia ser compartilhada como uma piada sem problema algum, pois, nas “cabeças” dessas pessoas, ser homem é ter o controle do corpo feminino, é expressar o poder masculino, e a superioridade desse corpo para com o corpo que é socialmente visto como inferior.

Algumas vezes, atos e comportamentos machistas são visíveis ao nosso redor, em roda de amigos, em confraternizações. Em um destes, observei um casal de namorados, ambos eram transgêneros, e mesmo assim o machismo poderia ser visualizado tanto do lado dele, quanto do dela, ao referendar um papel submisso e de aceitação diante destas atitudes, como, por exemplo, recolhia os objetos que ele deixava espalhado por estar alcoolizado, chegando até mesmo a parar tudo que estava fazendo para “cuidar” dele. O machismo institucional está nisso, no comportamento pré destinado de uma mulher para com alguém que expressa masculinidade, o cuidar, o preocupar-se, servir, falar baixo, a submissão total, e principalmente, o de não se perceber dentro de um machismo.

Para além, ao conversar com ela, pude verificar o machismo “escrachado” quando me relatou que não tinha mais ido visitar amigos porque o namorado não gostava que ela estivesse indo na casa de outro homem sozinha, não queria que ela andasse na rua com roupas curtas, com decote ou coladas ao corpo, devido à justificativa de que outro homem iria ficar olhando para ela e/ou iria descobrir que ela não era cis, bem como não gostava que ela usasse muita maquiagem porque chamava atenção na rua, não a deixava usar salto, pois iria chamar também atenção, e a forma como ele falava com ela, como se ela de fato fosse um objeto ou uma serviçal e tivesse uma dívida, por ele, um homem trans, estar se relacionando com ela, uma mulher trans.

Essas situações vivenciadas foram essenciais para rever muitas coisas e modificar tanto na minha vida como ao redor, eu não precisava que alguém chegasse até mim e falasse sobre machismo, porque não tinha como não ver, assim como não tinha como não “militar” pela causa.

Durante muitos anos da minha vida, me vi preso em um tipo de comportamento que era de fato normalizado por grande maioria ao meu redor e nos veículos de comunicação: o ser machista. Este era como algo que estava relacionado diretamente com a masculinidade, o que tentava levar sentido a uma frase: “todo homem de verdade é um pouco machista”. Dentro dos aspectos que consegui perceber quando meu corpo





socialmente era visto como feminino, não quis levar para quando estivesse transicionando para o gênero masculino, como: olhar a bunda de uma mulher, tratar uma mulher como lixo, utilizar termos (“comer”, “foder”, passar a “tora”, elogiar a genital de forma grotesca etc.), insinuar a todo o momento atos sexuais, invadir o espaço do outro com único intuito de me aproveitar sexualmente, objetificar o ser feminino como algo que fosse minha propriedade e por isso pudesse tratá-la da pior maneira que me foi permitido por conta de toda a liberdade e machismo “pertencente” a uma imagem masculina, ao qual seria visto neste momento.

Mesmo fazendo o máximo para não ser machista, ainda assim fui, ainda sou, pois a desconstrução é contínua, a normalização do machismo é tão presente que esse comportamento opressor não é reproduzido apenas com quem se identifica com a identidade de gênero masculina, tanto que já observei mulheres, em sua diversidade, reproduzindo tais comportamentos, como por exemplo dizer que a menina tem que se preservar e não falando o mesmo para o menino, justificar assédios e estupros ocasionados devido a roupas que estavam usando, falas e posicionamentos de mulheres, diante de comportamentos mais “modernos” de suas compatriotas, e até mesmo pessoas transfemininas aceitando e compartilhando nas redes sociais piadas machistas acerca de uma pessoa transmasculina que se expressa de forma andrógina ou feminina com o dizer: “isso não é homem de verdade”, e assim corroborando em uma falácia que conclui que o tal homem de verdade é aquele que pega pelos cabelos, joga na cama, rasga a roupa, transa loucamente, não se preocupa com o prazer alheio, goza, se veste e vai embora, liga sempre que bate a vontade de transar novamente, a chama de “cachorra, safada, ordinária, puta, vagabunda”, agride seu corpo, oprime e a violenta a todo momento. Desta forma, podemos perceber que há uma necessidade que homens e mulheres construam novos e atuais olhares, diante de um contexto opressor.

Permito-me agradecer às mulheres que disseram que eu estava sendo machista, pois consegui parar, questionar, e assim rever meus atos e me policiar para não cometer os mesmos erros, fazendo o possível para corrigi-los. A comunidade LGBT, percebemos infelizmente, propaga muito machismo; como citei anteriormente, o machismo não é uma “característica” apenas de homem cis, assim como também não se limita ao homem hétero.

Ainda há quem acredite que para ser uma pessoa transmasculina é necessário que se tenha uma base de um homem cisgênero, quando na realidade ninguém precisa



propagar preconceito, ou se basear em uma pessoa, cuja cultura e sociedade cisnormativa impõem tais estereótipos de gênero. O machismo é uma louca e errada ilusão do que seria ser homem, e deve ser desmotivado, desconstruído, afinal, o patriarcado que tanto oprime e mata pessoas de todas as identidades e gêneros se faz muito presente no machismo.

Os afetos entre transmasculinos para mim era algo muito estranho, afinal de contas a sociedade diz que nós, que nos identificamos com a masculinidade, não devemos demonstrar afetos, certo? Não, é Errado. Ser homem não tem nada a ver com grosseria, sem abraços nos amigos, demonstrações de carinho e outras formas de afeto. As ausências desses modos de carinho contribuem para a masculinidade frágil, na qual você tem grande aversão a tudo que soa como feminino. Entretanto, nós somos seres humanos, e precisamos entender que deve haver um equilíbrio sempre, no que se pode ser lido como masculino e feminino (se isso for necessário em sua vida), caso contrário, é sempre bom estabelecer as linhas do respeito. Se uma pessoa transmasculina decidir que vai utilizar artigos, objetos, acessórios, símbolos ditos femininos, expressar seu gênero como feminilidade ou androginidade, nada muda a identidade autodeclarada desse indivíduo. E se uma pessoa transmasculina se expressa de forma masculina, faz uso de artigos ditos masculinos com respeito, desconstruindo o machismo social que nos empurra para a “escrotisse” enquanto transmasculinos, não é uma dança até o chão ou tratar pessoas com respeito que vai fazê-lo menos másculo, menos masculino, menos homem.

Quando eu finalmente me libertei do “ser homem” para a sociedade e como essa aceitação não define quem eu sou, eu pude de fato olhar no espelho e ver que o homem que sou, com curvas, peitos, pelos, que gosta de maquiagem, brincos, ama coisas que se referem ao feminino, como drag e toda a arte que pode ser expressada por essa modalidade, me senti feliz de verdade. Algumas pessoas dizem que eu pareço ser viado por conta de estereótipos que criamos para os gêneros, isso não me inferioriza, ser viado para mim é elogio. E junto de mulheres que falam de suas lutas, do que fazer para não reproduzir o machismo, vou aprendendo, evoluindo e moldando, cada vez mais, a minha personalidade transmasculina que também é forte e sensível, séria e engraçada, enfim: masculinidade com traços de feminilidade.

## ode (o) à masculinidade

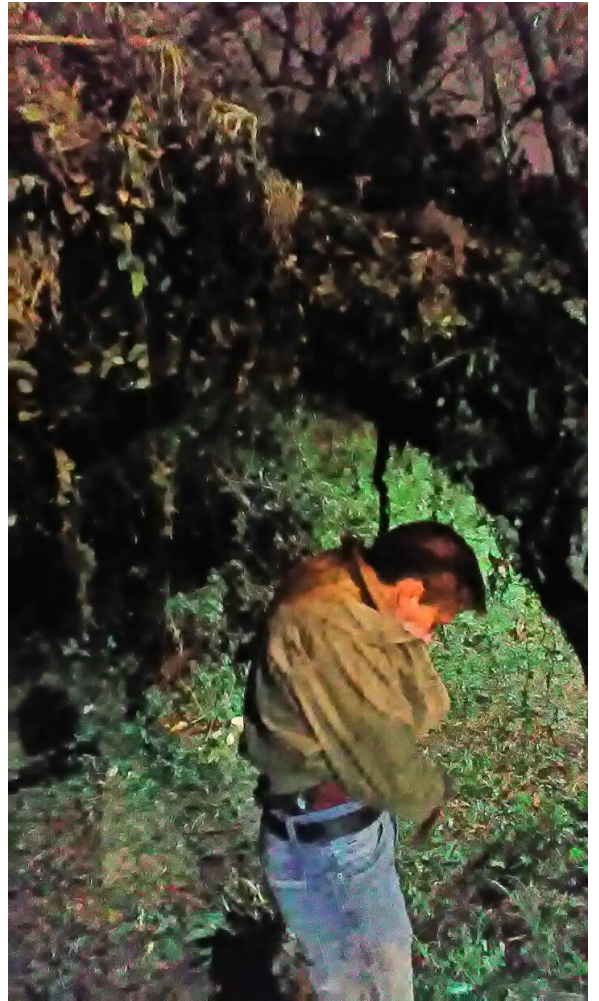
*Caio Jade*

conquista de território  
mijando em pé  
o que carrego no meio das pernas  
não se surpreenda  
é um bocado de cultura

aos 25 anos  
a sociedade me obriga e me ensina  
formas que antes não me eram permitidas  
códigos de honra  
não podem ser quebrados  
sou sempre visto  
sob o crivo da verdade  
ou da mentira

como se vive  
quando o próprio corpo  
é um campo de batalha  
com a morte quase mordendo  
os seus calcanhares?

sou aço e sonho  
fiando teias de sentidos  
raramente imaginados  
quase sempre perseguidos  
vigiados  
e punidos



Fotografia: Helen Maria; Modelo: Caio Jade



## Artes de Caru Brandi









## Uma Prosa Sobre a Mãe e o Filho

*Shay de los Santos Rodriguez*

Aconteceu na cidade de Tacuarembó (Uruguay), que nasceu uma criança na madrugada do dia 12 de novembro, no ano de 1997. Foi um planejamento de sua mãe, que, com 15 anos, já era adulta. A mãe desejava ter um filho, um menino. Porém, vivemos em um mundo onde a genitália define o gênero e o sexo, e pelo discurso médico, disseram-lhe: “parabéns, nasceu uma linda menina”. Mesmo não sendo um menino, a mãe já estava completamente apaixonada pelo bebê, e assim vislumbrou que seriam muito felizes e que teriam sempre um ao outro.

Quando já tinha completado 2 anos de idade, sua mãe decide se separar de seu pai, e também resolve ir morar em outra cidade. Em Ansina, uma cidadezinha vizinha que mais parecia uma vila, se iniciavam muitas aventuras. A mãe arrumou um emprego em um mercadinho que ao lado tinha uma pizzaria. Perto da casa nova, a mãe sempre deixava a criança na creche, na qual tinha a matriculado. Na creche, a criança se divertia muito e também observava muitos as outras crianças. Mas a criança também se sentia um pouco afastada das outras crianças, principalmente das meninas, pois muitas vezes não queriam brincar com ela, por acharem “estranha”. Assim, suas brincadeiras eram com os meninos ou então só. A criança era muito criativa, sabia muito bem se divertir sozinha, e sabia que logo logo sua mãe iria buscá-la para ficarem juntas novamente. A mãe e a criança sempre estavam juntas, era muito difícil para a criança ficar longe de sua mãe, mas era preciso estar um pouco separadas, pois sua mãe tinha que ir trabalhar. Até mesmo quando a mãe ia para as festas, costumava levar a criança junto, dizendo: “eu engravidei e eu vou criar”; e assim, aos 2 anos de idade, a criança tinha ido em sua primeira festa e com a melhor companhia do mundo. No entanto, sua mãe era jovem e bonita, e de repente surge um namorado. A criança não gosta muito, pois a mãe era só dela e sempre seriam só elas. A criança não aceita o namorado da mãe e sempre que ele visitava a sua mãe, a criança mijava nas calças, em ato de rebeldia. Mas não funcionou.

Já com 4 anos idade, e em uma escolinha primária, a rotina era acordar cedo, tomar café, vestir o uniforme escolar e ir de moto até a escolinha, e ao meio dia, já estava lá sua mãe esperando de moto para levar a criança para casa. A criança adorava andar de moto com a mãe, gostava muito da sua companhia. Mas muitas vezes não tinha



como a criança ir ao mercado junto com a mãe, e assim surgiu a ideia de chamar uma babá. A criança só aceitava a companhia da mãe, e, em um certo dia, a babá vivenciou um dia extremamente infernal. A criança gritava, chorava, tirava todas as coisas do guarda-roupa do quarto da mãe, quebrou um cano da pia do banheiro que ficou espirrando água sem parar e a babá coitada tendo que arrumar toda a bagunça. Ela fez almoço, e parecia que a criança já estava sem forças para continuar com a tentativa de “sofrência” com a babá, pois a única pessoa que poderia cuidar dela, era sua mãe. A babá, percebendo que a criança tinha comido toda a comida do prato, pergunta: “estava boa a comida?” e a criança responde com um não e comete um ato horrível de cuspir no prato e jogar grosseiramente no chão. Aquele dia não foi um dia formidável para a babá. E na tarde, a mãe chega, a criança já quietinha e feliz em ver sua mãe, e ela já pensa: “o pior já passou, minha mãe já está de volta em casa”. A mãe pergunta para a babá: “como foi o dia hoje? Ela aprontou muito?” e a babá surpreendentemente responde que não aconteceu nada demais e que foi tudo bem. A criança não entende a atitude da babá e se vê confusa com a resposta, pois fez de seu dia um inferno. Mas a mãe não voltou a chamar mais a babá.

Mais um tempinho se passou e nasceu o seu irmão. A criança não fica feliz, pois mais uma vez sua mãe não será só sua. A criança estava percebendo que perdia a sua mãe aos poucos, e que os dias não seriam mais como antes, não seriam só elas. Quando a criança já tinha 5 anos, acontece outra aventura: a mudança para o Brasil. Um país vizinho, mas diferente, com a língua diferente e costumes diferentes. No Uruguai que moravam em cidades, no Brasil se mudaram para o interior, em uma fazenda. A criança tinha que ir de ônibus para escola, que passava na porta de casa as 5:30 e chegava às 7:00 horas na cidade. Passou fazendo esse trajeto por toda a infância e a adolescência. A criança cresceu, aprendeu a ler e escrever em português, quem via, sempre dizia: “nem parece que é do Uruguai, fala tão bem o português”. Agora, como adolescente, muitas coisas já tinham mudado. Quando tinha 13 anos, falou para a sua mãe: “eu gosto de meninas também”. A mãe não soube muito como reagir, foi pega de surpresa, mas não foi rude, foi atenciosa e compreensiva, pois era só uma criança de 13 anos, talvez seja só uma fase. A adolescente sempre tinha muitas amigas e adorava ir na cidade, sua mãe sempre que podia a levava de carro. Quando estavam juntas em casa, adoravam conversar e passar o tempo assistindo filmes, era uma das suas atividades preferidas.





Com 17 anos, a adolescente foi para a faculdade e teve que partir para outra aventura, e ir morar em outra cidade. No primeiro ano de faculdade, a mãe largou o emprego que tinha na fazenda para ir morar com a adolescente, para lhe fazer companhia e a ajudar a se adaptar em um novo lugar e na nova etapa da vida. A mãe muitas vezes ficava sozinha em casa, pois a adolescente estudava em turno integral, e algumas vezes ficava até a noite na faculdade. A mãe sentia muita saudade do seu padrasto e do meu irmão. E no segundo ano de faculdade, a adolescente já com 18 anos e adaptada à nova rotina e vida, a mãe decide retornar para a fazenda e a adolescente foi em uma república de estudantes da universidade. Em um dia, quando a adolescente vai visitar a família na fazenda, chama a sua mãe e fala: “eu sou homem”.

Aconteceu no dia 12 de maio de 2016, o segundo nascimento ou, se preferirem, o renascimento, ou melhor, o despertar. A sua mãe foi a primeira pessoa a saber que ele é homem, foi a primeira pessoa a ouvir da sua boca “eu sou homem”. E de maneira inesperada por ele, a mãe conta um fato que ela nunca tinha lhe falado. Disse que antes de ele nascer ela tinha comprado todas as roupas de cor azul, e que queria ter um menino, e agora estava muito feliz, pois ela tinha tido mesmo um. O garoto de 18 anos, que já tinha cortado o cabelo, o pintou de azul e até os dias de hoje o mantém com a mesma cor, e garante que essa é a sua cor.

Hoje, a mãe e o filho não moram mais juntas. Viveram muitas aventuras e momentos felizes juntas. Mas a vida é confusa e às vezes dói, ela machuca, e separa as pessoas. O filho que antes sofria o machismo, agora conhece a transfobia. E dentro de sua casa com a própria família, não se sentiu mais seguro, respeitado e livre. Percebeu que agora é melhor estar longe, pois não vale a pena estar em um lugar onde sua voz é silenciada. O filho ama muito a mãe e a mãe ama muito o filho, e se perguntam: “será que um dia viveremos juntas novamente?”.

*Prosa escrita no dia 16 de maio de 2020 às 22:16 da noite.*



## O eu e o outro

Thomas Terra

Quem sou eu sem o outro?

Existo?

Quem é o outro?

Insisto.

O outro e o espelho, me validam, mais do que eu gostaria de admitir. Nunca saberia a cor dos meus olhos, a forma do meu nariz, o tom do meu rosto sem a ajuda “desses outros”. Mas, aqui dentro, sou espelho de mim mesmo.

Se o pássaro sabe ser pássaro, a fruta sabe ser fruta, a árvore sabe ser árvore, por que eu, justamente o Eu, não saberia ser eu?! Quem valida o pássaro? Quem valida a árvore? Quem me valida?

O outro é ajuda e sofrimento. Observando o outro, eu sei, não sou homem. Não sou mulher. Sou aquele outro relatado, estudado, analisado e *existido* por uma mente normativa psicanalítica.

Minha mãe nunca precisou de certificado de mãe para acreditarem que ela deu a luz. Ela diz que é mãe e ninguém lhe pede para provar, mostrando a cria.

Eu me pari, nasci grande.

A sociedade seleciona os atestados, encarece seus certificados, e ensina sobre o medo do outro diferente de mim. Eu, por décadas, me esforcei em não ser diferente do outro. Fui fiel ao que me leem entre as pernas. Honrei essa escravidão, deixei que a vagina validasse toda minha existência. Todos os outros me aceitavam bem, menos eu. Me faltou espelhos, me faltou aquele outro que me mostrasse a possibilidade de quem eu poderia ser. E, assim, tentava ser o outro da minha volta até, desesperadamente, não saber mais quem eu era.

Hoje eu sei! Hoje eu me sinto! Hoje sou como o pássaro, como a fruta, como a árvore, ao mesmo tempo que passo a ser um *não ser* para uma centena de outros. Outros que insistem em me refletir da forma errada.

Quem me valida?

Eu ou o outro?

Ainda insisto, por que não mais desisto de existir!



## Arte de Thomas Terra





## Carta para mim

*Ernesto Nunes*

**Brasília, 23 de novembro de 2017**

De: Ernesto em maio de 2018

Para: Ernesto em novembro de 2017

Querido Ernesto (sim, esse é mesmo seu nome), sei que tudo parece de cabeça pra baixo por aí e um tanto inacreditável e assustador. Sei que é aterrorizador pensar que você talvez seja um homem trans. O que fazer com isso, né? Com essa sensação de que tudo se revira por dentro. É mesmo muito confuso achar que isso não faz sentido, mas ao mesmo tempo sentir que essa possibilidade te traz um conforto e uma paz intrigantes. Sei também que é apavorador perceber o sentido chegando aos poucos.

Te escrevo para dizer que aqui tá tudo bem. Respira, você não matou sua mãe com isso, ela continua te amando daquele mesmo jeitinho, fazendo as comidas vegetarianas que você gosta. Seu filho também tá bem. É muita novidade pra todo mundo, mas estão recebendo de forma bem linda.

Preciso te adiantar uma coisa: não tem bússola, esquece, não tem receita... Pare de procurar, vai descobrindo no caminho. Você vai sentir uma solidão tão profunda, dessas que você nunca sentiu. Não precisa ter medo, é uma solidão necessária e amparada. Vai ter um monte de gente linda contigo (você vai conhecer novas dimensões de amor), elas vão te aquecer o coração, te apoiar e fortalecer, mas nenhuma delas vai resolver sua solidão, daí você vai descobrir o quão forte você é. Sabe, Ernesto, talvez você se surpreenda com a generosidade e cuidado que vai encontrar em você mesmo e se amar de um jeito tão novo, a despeito de tudo, que vai ser lindo ver. Muita dor, muito cansaço, e o mundo não para, mas você vai estar presente, querendo viver, querendo existir. Se permita chorar, deixa sair, tem muita coisa pra ir embora pra outras poderem vir. Mas olha, a dor de agora (aqui e aí também, né?) é diferente daquelas outras que você já sentiu e que a gente conhece bem, que desorganizavam, que desesperavam. Pare de procurar receita, pare de tentar descobrir o caminho: ser um homem trans é só um aspecto teu, um detalhe sobre você, tua masculinidade vai se desvendar a partir de ti, sem modelos. Respira, pode parecer clichê, mas a sua bússola é teu coração. As coisas



aqui andam cansativas, mas estou firme, tem dias que choro, mas já não do jeito que você chora aí, vai tudo se acalmar devagar, acredite em mim.

Você vai entender aos poucos que não há nada de errado em se dar conta que é um homem transgênero com quase 40 anos, pode ser bem interessante ter essa maturidade pra viver um processo tão intenso. Outra coisa, isso de identidade é bem forte, olhe pra você, não é só teu gênero, nome e corpo que vão mudar: teu jeito de olhar o mundo, teu jeito de sentir, teu jeito de acreditar, sonhar, amar, de transar... muita coisa vai mudar, até o teu paladar. Pode ser divertido, você sempre soube se divertir em situações adversas... que tal mantermos isso? Não precisa se assustar, tua essência tá aqui, tem coisas que você não vai abrir mão, que lhe são caras, uma delas é a amorosidade e o desejo pela revolução. Ah, e a bissexualidade, né? Se tem uma coisa que parece que você não vai ser de jeito nenhum é hétero (Amém!). Fica tranquilo, lembra de respirar e beber água, vai ficar tudo bem.

Com amor, Ernesto



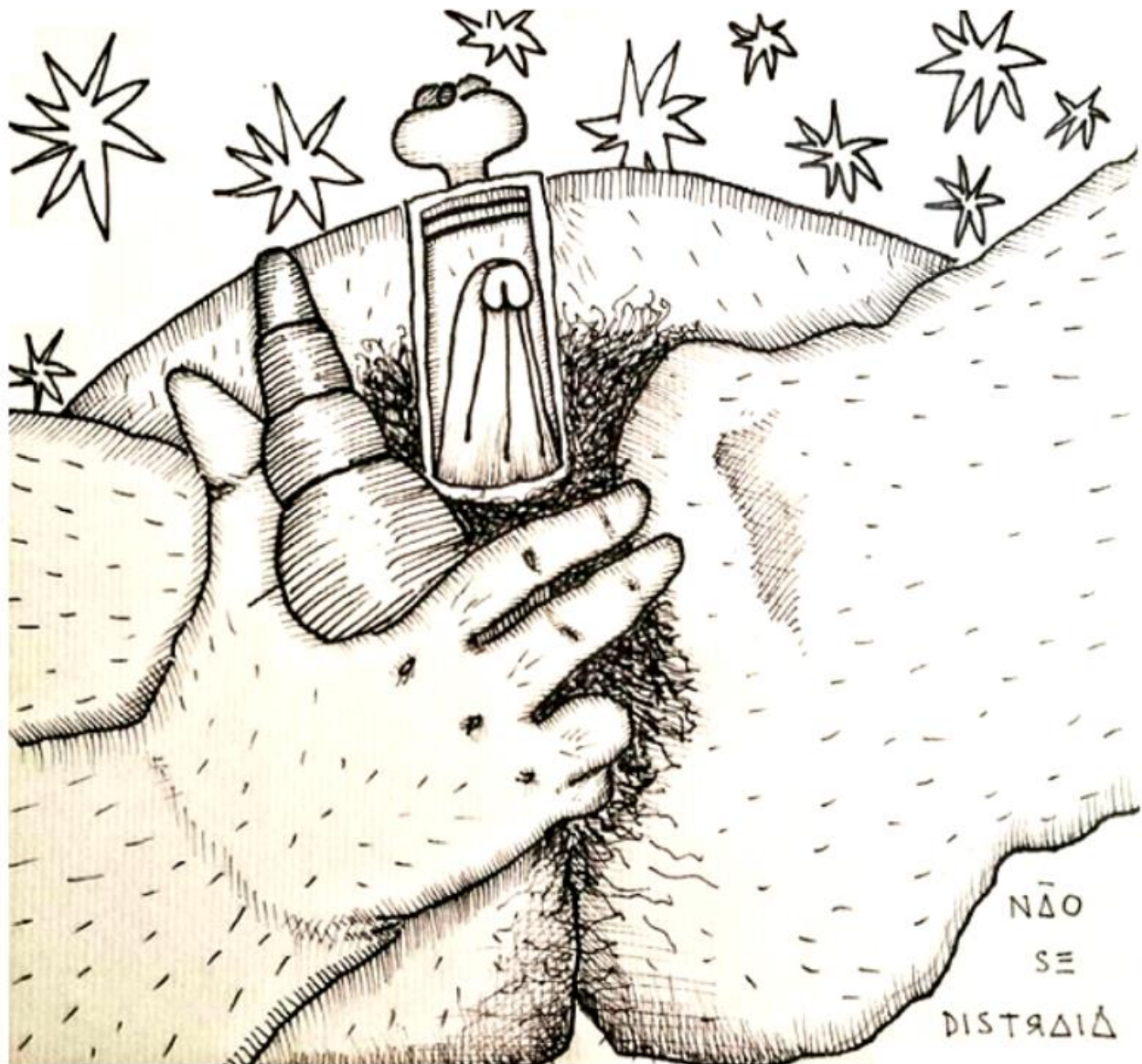
## Transgressões

*Julian Steven*

Eu devo me manter erguido, mas apontam  
Eu deveria me manter erguido, mas duvidam  
Eu devo me manter erguido, mas zombam  
Eu deveria me manter erguido, mas me expulsam  
Eu devo me manter erguido, mas até eu mesmo duvido se é possível me manter erguido  
se o mínimo que eu quero é respeito e respeito não me dão  
Eu deveria me manter erguido, mas são dias difíceis. São dias lentos, cansativos  
E o tempo? O tempo parece que não passa, parece que levou com ele os dias bons e só  
sobrou...  
Só sobrou esse bando de pessoas tóxicas.  
Suor frios em minhas mãos  
Só eu  
E  
Minha solidão  
Tem sido tempos difíceis, mas eu devo e vou ficar erguido  
Por mim  
E  
Por eu não me encaixar na tua caixinha, expandi  
Evoluí  
E  
TRANScendi

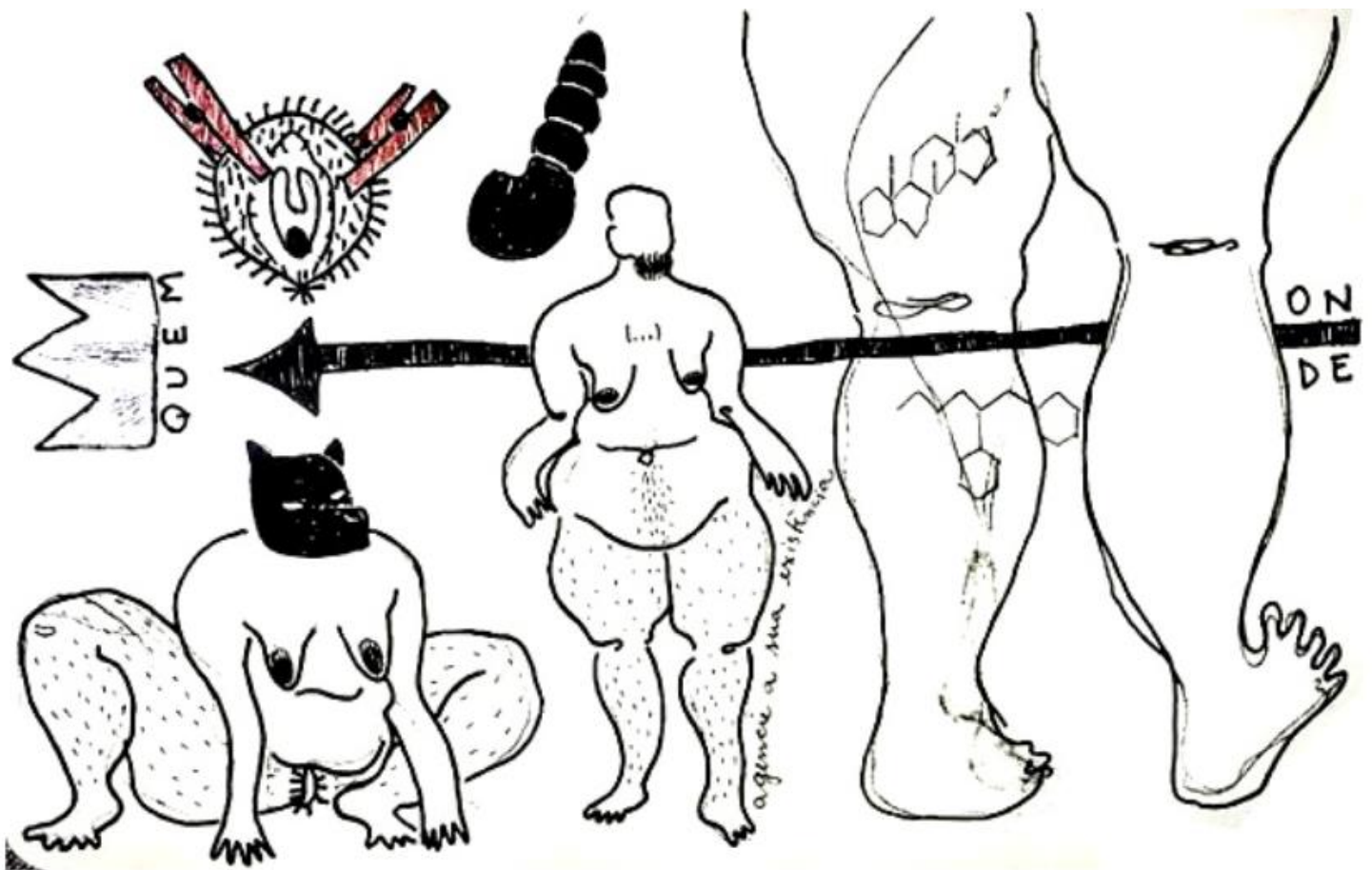


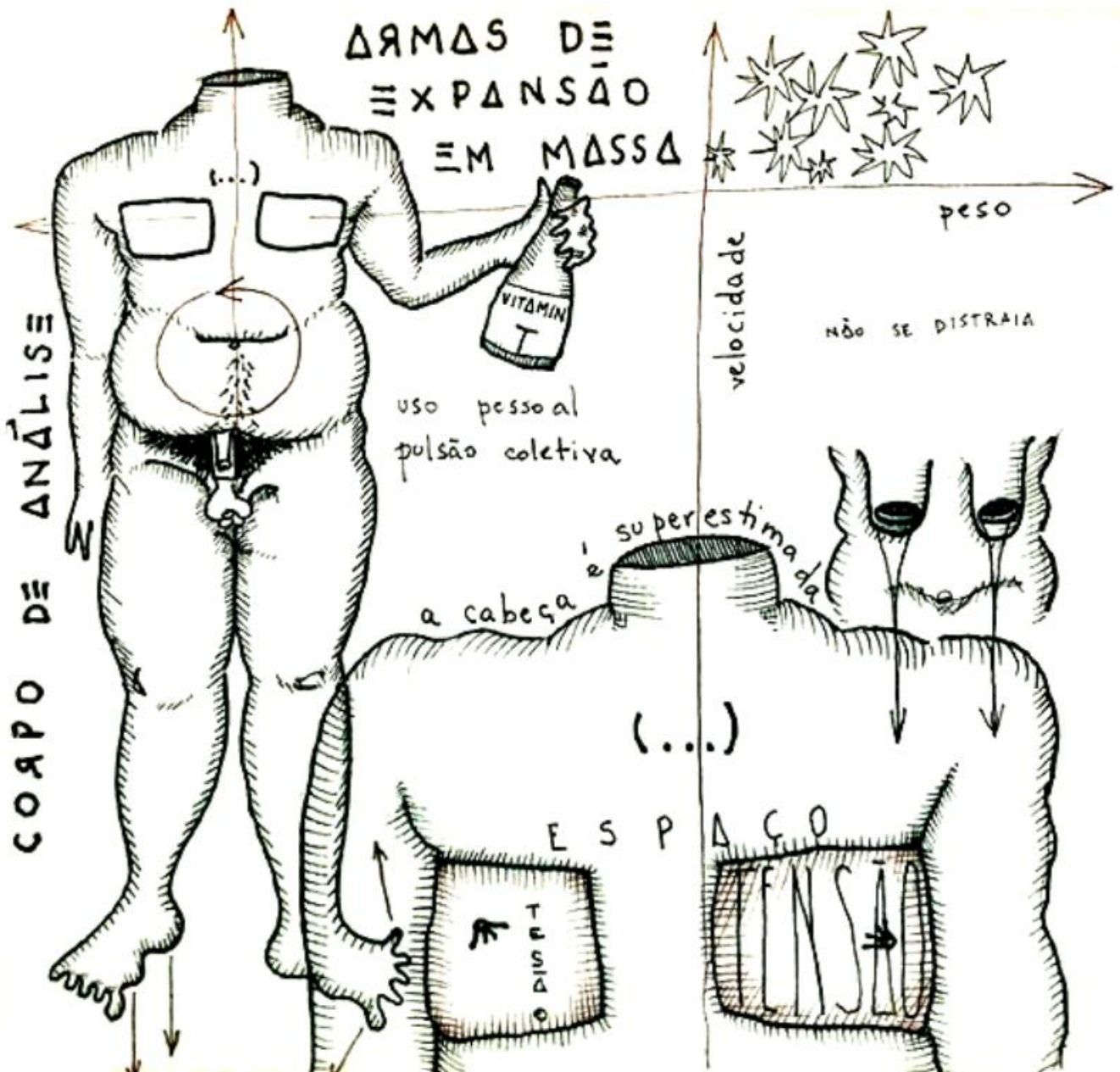
## Artes de Uarê













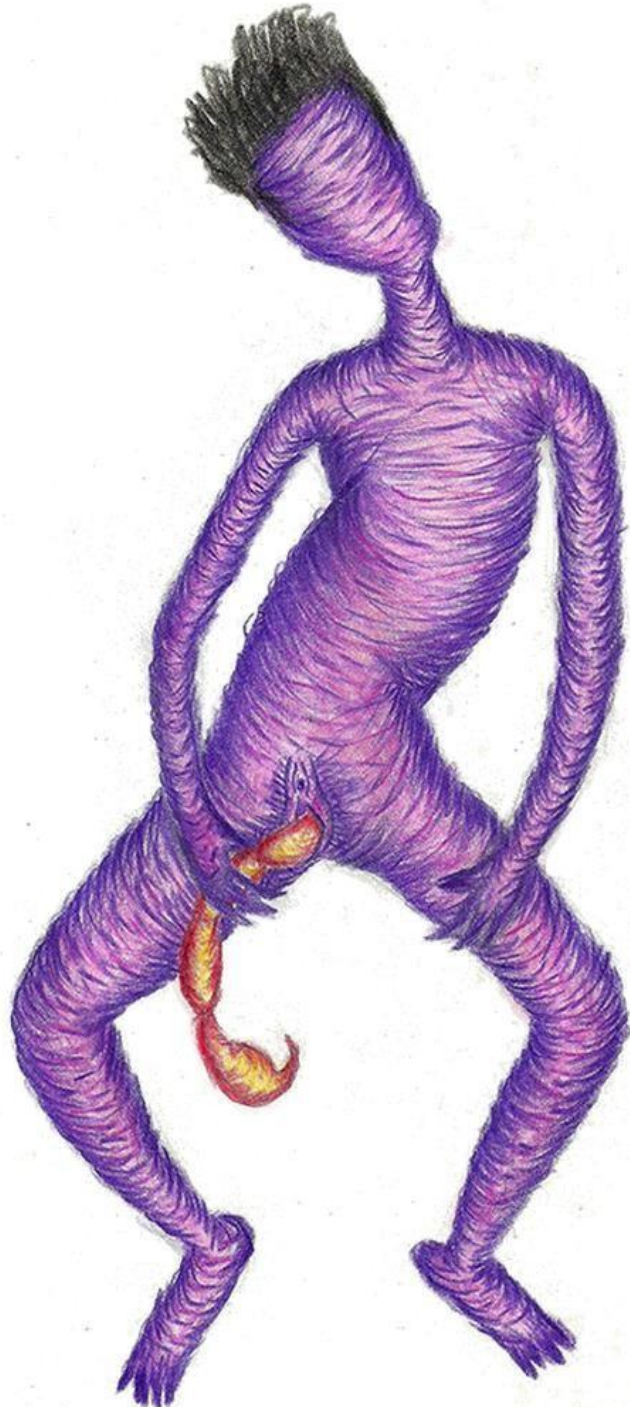
## T de tesão

*Lui Foito*

Corre no sangue  
No espelho vejo  
Segunda puberdade,  
Erupções acnosas.  
Três fiados perdidos  
No buço que agora é xuxu.  
Humor de velho  
Ranzinza que perdeu  
Dinheiro no carteadado.

Corre no sangue  
Quando comecei a explorar  
Meu corpo e  
Toquei o gozo,  
Lembro que dizia:  
“Que vontade de T.”  
Abreviava ‘transar’  
Palavra proibida,  
Imunda de pronunciar.  
“Não tem maldade”  
Se enganam achando  
Que criança não goza.

Corre no sangue  
Roça,  
Esfrega,  
Empurra.  
Culpa que não é minha  
“Nunca mais faço”.





Corre no sangue  
Encontros improváveis  
Com quem não fui.  
Destino desviado.  
Agulha,  
Algodão,  
Álcool setenta,  
Ampola.  
Pica, nem dói.  
Que vontade de T.

## Homem trans e drag

*Leonardo Luis*

A minha drag tem sido para o lado feminino, conhecida no meio drag também com o termo “polida”, e ultimamente tem sido caricata também, estilos que podem mudar e variar de acordo com minha maturação em performances.



Durante a construção dela, que nasceu em meados de junho de 2019, eu pude pensar o quanto eu sentia falta de usar salto, de pintar as unhas, não que eu tivesse sido uma pessoa tão feminina assim durante minha vida, mas gostava de brincar com o andrógino, misturar peças de roupas ditas masculina e femininas. Sendo uma pessoa preta, é delicado

fazer essas coisas, pois agora como homem preto, ser afeminado é algo insultante para a sociedade, que pinta o homem preto como viril e sempre muito masculino e ativo. Usei a drag como válvula de escape pra essas coisas.

Ela também vem sendo pensada depois de uma fala de minha mãe, quando fui elogiá-la sobre há tempos não estar mais me chamando com pronomes femininos e ela disse: “é como se aquela pessoa tivesse viajado e nunca mais voltou”. Eu senti a perda dela, e usei a drag pra que de alguma forma ela pudesse ver que aquela pessoa ainda sou eu, e suavizar esse sentimento de perda de um ente querido.

A drag me faz pensar muito sobre ter coragem de novamente utilizar roupas ditas femininas no meu





dia a dia; ultimamente tenho usado calças mais apertadas, mas ainda não consigo usar salto no dia a dia, ou pintar as unhas, “ah como sinto falta de pintar minhas unhas!”; eu tinha uma coleção de esmaltes que me senti obrigado a desfazer com minha transição.

Sabah veio mostrar o meu alter ego, feminina, caricata e, como diria pela sociedade, bem puta mesmo, não precisa de homens pra se fazer presente, pra se fazer bem, pra ser feliz.

A escolha do nome advém de uma personagem da bíblia que, segundo a estória, era bem rica, não era casada e não se deixa enganar por homem. Essa sou eu, isso faz parte da minha construção como pessoa!



## Para Além da Binariedade dos Corpos

### Estilo A-Gênero

Caê Vatiéro

O gênero é algo que molda a sociedade por inteira. Uma construção social que define características e comportamentos do ser homem ou mulher. Essas categorias compõem o que é conhecido por binariedade de gênero: masculino *versus* feminino. A moda é um dos elementos que solidifica essa construção, sendo as roupas uma das ferramentas para distinguir um sexo do outro.

A moda sem gênero vem para romper com o padrão binário do “vestir”. Renan Vital, criador da REV Street, marca de roupa sem gênero de Bauru, conta como surgiu a ideia de criar a própria marca. “Dá vontade de colocar em prática todo meu repertório construído ao longo da vida acadêmica e conseguir unir coisas que eu acho fundamentais hoje no contexto da moda brasileira”. Para ele, a moda é uma forma de expressão social, sendo o *no gender* uma possibilidade de não rotular os indivíduos.

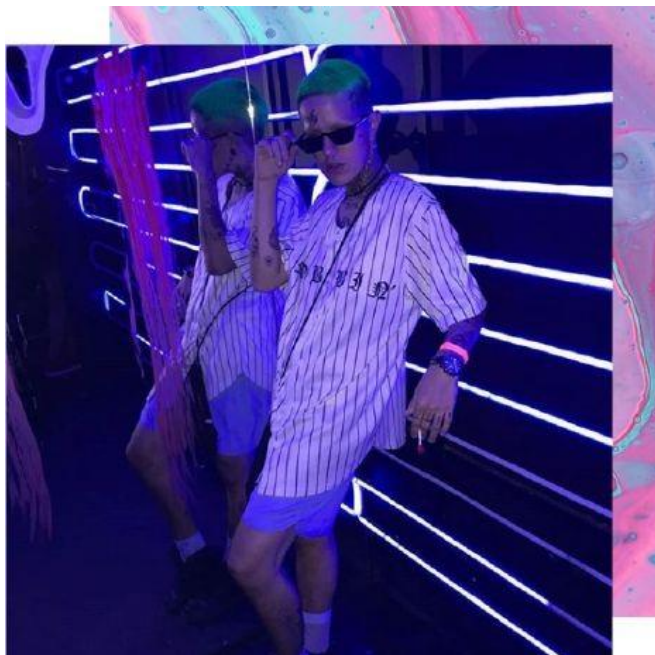
“Os gêneros foram criados para separar as pessoas pelo sexo feminino ou pelo sexo masculino. Essa separação fez com que objetos, roupas e atividades começassem a ser designadas como sendo mais adequadas às mulheres por serem mais ‘delicadas’, ou ideais para os homens por serem mais ‘brutos’”, explica. O estilista afirma que apesar desses conceitos ainda serem muito fortes na sociedade, existe um movimento crescente na moda que busca romper com esses paradigmas.



**“Eu costumo acreditar que eu já vivo montado” – Nicholas Amón**

Nicholas Ámon, homem trans e *body piercer*, afirma não se enxergar dentro da binariedade constituída pela família, Estado, escolas e instituições no geral. Para ele, a moda binária “nada mais é do que uma performatividade, seja do masculino ou do feminino, de uma binariedade e que não deixa de ser uma performance”. “Em alguns momentos eu me vi meio perdido, tentando performar essa masculinidade que acaba sendo compulsória, até mesmo dentro do âmbito de homem trans”, conta.

A moda sem gênero possui um conceito fundamental: o de inclusão. Essa proposta de moda se tornou essencial para acolher a todos que buscam ir além da normatividade. O universo trans – mulheres trans e travestis, homens trans e pessoas não-binárias, as quais não se identificam nem como homem ou mulher – utilizam o ato de se vestir como uma expressão de liberdade dos corpos. “Eu não me considero não-binário, mas eu acredito que manter uma imagem mais ligada ao não-binarismo me deixe mais passável como um homem trans e que eu não seja associado diretamente a um homem cisgênero”, pontua Nicholas.



**“Se eu estou usando uma roupa feminina que deveria ser usada por uma mulher dizendo que eu sou um homem, não faz sentido na cabeça da normatividade” – Nicholas Amón**

Apesar da moda sem gênero atuar de maneira política, é necessário um trabalho mútuo de conscientização e respeito da diversidade. A desconstrução de gênero diz respeito à não violência dos corpos e ao rompimento de padrões impostos pela sociedade. Nicholas Ámon afirma ser uma pessoa que não vê as vestimentas como algo com gênero, usando muitas roupas dentro de casa até mesmo da própria namorada, como calcinhas e *baby dools*. “Eu não vou sair na rua com um vestido, não porque eu

não usaria um vestido, mas sim porque as pessoas ao meu redor não entenderiam e respeitariam isso, justamente por ser uma roupa feminina e que deve ser usado por mulher”, ressalta.

Para além do vestir diário, há também a possibilidade de extrapolar os limites binários da moda por meio do ato de se montar. Para Nicholas, já existiu também a personificação de Gamorra, considerada uma desconstrução pessoal e uma forma de não ser violentado pela normatividade. “Eu me sentia muito livre me montando de Gamorra, sentia que eu podia fazer o que fosse (...), o sentimento mais gostoso de todos era eu não me importar com nenhum pedacinho do meu corpo”, afirma.



**Gamorra**

Desconstruir a binariedade de gênero não é tarefa simples, mas é na prática que se vê a possibilidade. Mulheres que não performam feminilidade, homens que não performam masculinidade e pessoas trans não-binárias são exemplos vivos de que a moda é uma forma de expressão que dialoga diretamente com a resistência. O vestir de cada um pode aproximar-se de uma não padronização das roupas e pessoas, abrindo caminhos para uma moda que não necessite de sessão masculina e feminina.



## Entre as pernas

*Cauê Assis*

O **P**reconceito fantasiado de curiosidade  
    Olh**A**res para averiguar os fatos  
Perg**U**ntas indiscretas sobre íntimas partes  
Título de humanidade **rO**ubado em atos  
O fardo de ser em**B**utido na margem  
    Quando a causa é **C**entralidade  
Por que devo ten**T**Ar responder ?  
    Quando a real pergunta é:  
O que isso preencherá em você ?



## As noções de sexo biológico como instrumento de transfobia

Dhiego Monteiro

No presente ensaio vamos refletir acerca de relações entre gênero e biologia. Mais precisamente, a respeito de uma das falácias da direita conservadora e LGBTI+fóbica que usa as ciências biológicas como aval e justificativa para transfobia. Através do projeto do mito da “ideologia de gênero”, criou-se o medo na população da suposta interferência na educação de crianças e adolescentes por parte de pessoas trans, com a intenção de transformá-las em seus iguais. Confabulou-se o mito de que estaríamos indo contra a ciência do sexo biológico ensinada na escola (e nas igrejas).

O argumento conservador a ser debatido pode ser ilustrado pelo ataque a pessoas trans por meio da seguinte frase: “*você pode fazer [transição/se vestir de tal modo/cirurgia, etc.] que vai continuar sendo [macho/fêmea]*”. Usa-se dos mitos criados acerca de “sexo biológico”, esse fixo, extremamente definido, sem falhas, e determinante, como uma verdade absoluta, algo que não se tem como fugir. E além, isso pressupõe que toda pessoa trans almeja chegar ao outro lado, no outro sexo oposto, pois para eles, sexo e gênero são a mesma coisa. A afirmação visa desvalidar pessoas trans e suas mudanças corporais com a crença de que elas nunca chegarão ao *status quo* dos cisgêneros, independente das suas vivências. O (cis)tema sabe da relação de poder existente e deixa isso bem explícito.

É interessante refletirmos sobre o que seria a tal ciência de que essa direita tanto se apropria. Não pretendo aqui ser contra a ciência – o que seria hipócrita de minha parte se o que eu faço no ensaio é justamente ela –, pelo contrário, me proponho a problematizar e refletir os conceitos. Acredito pessoalmente na importância da ciência, principalmente no atual contexto brasileiro de desvalorização da própria com as terríveis consequências presenciadas. E acredito também na urgência de pessoas trans ocuparem os espaços científicos e suas ferramentas para *fazer ciência*. Pois aqui é que está a questão: a ciência, diferente do que o senso comum conservador alega, não é algo estável e estático, é feita de movimentos, debates, refutações, adaptações e atualizações. Mas se torna difícil essa movimentação se ela é feita majoritariamente, desde o seu início, por homens cis diádicos brancos héteros urbanos eurocentrados/norte americanos, etc.





Precisamos nos fazer a seguinte pergunta: quem é essa ciência que criou o conceito biológico? Quando ela é feita através de apenas uma perspectiva, acontece a subalternização de todos os outros possíveis saberes. A ciência, então, serve apenas a interesses comuns de quem a detém como poder, e quem detém tal poder pode controlar os que não o possuem. A ciência é uma instituição, assim como a religião, a família, etc., que servem ao capitalismo e só vai assistir a outros interesses quando as minorias tomarem os seus meios.

Será que corpos fora da norma social foram e são levados em consideração pela ciência, quando se fala de biologia? Essa ciência supostamente universal é a mesma que considerou a homossexualidade como doença até 1990, a assexualidade até 2013 e a identidade de gênero até 2019. Podemos concluir que não.

Apesar de as ciências biológicas terem um papel fundamental na sociedade, precisamos estar atentos a quando esta estiver fazendo um desserviço, pois é feita de pessoas e pessoas sempre produzem a partir de sua posição social.

Pelos raciocínios apresentados anteriormente, podemos perceber que a biologia cunhou o conceito de sexo baseada e através de determinadas culturas, linguagens, perspectivas e vivências. Em contrapartida aos equívocos criados pelas ciências biológicas, as ciências sociais argumentam que sexo não é biológico e sim social, assim como gênero.

A finalidade não é negar que pessoas nasçam com corporeidades distintas e comuns entre elas, mas expor as intenções e consequências da ciência em agrupá-las em dois, baseadas unicamente em suas funções fisiológicas. É da binaridade que cria-se a noção de que quem foge dos quesitos esperados para se enquadrar em homem ou mulher, como pessoas trans e intersexo, por exemplo, são menos um ou outro, ou menos humano. Retornaremos mais à frente ao assunto.

Os estereótipos e papéis de gênero são tratados pelo conservadorismo como algo dado, não como desenvolvido através da história das culturas. Quando observamos alguém falar que uma pessoa do sexo biológico “feminino” deve usar pronomes femininos, por conta da biologia, existe implicitamente uma “mãe natureza”, “a entidade biologia” que ordena uma linguagem, (algo cultural) que nada tem a ver com funções fisiológicas.

Em entrevista ao jornal francês “Le Nouvel Observateur”, publicada na sua edição de 15/12/2013, Judith Butler conversa sobre o papel das teorias sociais ao falar



de sexo biológico. Para ela, deve-se teorizar a sua relação com a linguagem:

Acredita-se que a definição do sexo biológico é uma evidência. Na realidade, ela sempre foi objeto de controvérsias entre os cientistas. Perguntam-me frequentemente se eu admito a existência do sexo biológico. Implicitamente, dizem “realmente, tem que ser louco para dizer que isso não existe”. E, é verdade, o sexo biológico existe. Ele não é uma ficção, nem uma mentira, nem uma ilusão. Simplesmente, sua definição necessita de uma linguagem e de um contexto teórico – aspectos que por princípio podem ser contestados e que o são. Nós nunca temos uma relação simples, transparente, inegável com o sexo biológico (inegável no sentido de certa, conforme). Nós temos que passar pelo âmbito discursivo, e é esse processo que interessa à teoria do gênero.

Características biológicas como órgãos reprodutores, cromossomos, traços faciais, voz, entre outros, são nomeadas como masculino ou feminino, desconsiderando-se totalmente que “masculino” e “feminino” são termos carregados de símbolos, histórias e valores culturais que vão para além das funções reprodutivas ou fisiológicas. Quando se fala, por exemplo, que um homem trans que passa por um processo de gestação está desempenhando uma função maternal, desconsidera-se que maternidade não é o fenômeno de engravidar, engravidar é uma capacidade biológica. Mães adotivas também estão maternando. Maternidade é, então, o papel social de criação de alguém por uma mulher. Engravidar pode fazer parte do que a cultura chama de maternidade, mas não obrigatoriamente, pois as experiências sociais de um homem engravidar são diferentes de uma mulher; e uma mulher pode maternar sem engravidar.

Compreendemos então que um homem trans ao engravidar não deixa de ser um homem, mas por que não devemos chamá-los de fêmeas? Um homem trans engravidar ou uma mulher trans engravidar outra pessoa é para muitos uma prova do sexo biológico agindo. Já refletimos acerca do termo “sexo biológico”, vamos agora retomar o parágrafo em que falamos que pessoas que fogem dos conceitos estabelecidos para corpos são consideradas menos humanas.



Em uma rápida revisitação em nossa linguagem do dia a dia, podemos entender a problemática de usar os termos que remetem à condição de animal, como macho e fêmea para ofender pessoas trans, para além das questões de desrespeito óbvias. Quando alguém quer ser capacitista, academicista, elitista, diz: burro, anta, asno, cavalo; quando quer ser homofóbico ou sexista, diz: viado, libélula, gazela; quando quer ser machista ou misógino, diz: vaca, égua, cavala, cachorra, piranha; quando quer ser racista: macaco ou animal selvagem.

Apesar de eu não considerar seres humanos superiores a outros animais, pois estou ciente do especismo, também estou ciente dos efeitos políticos do processo de animalização de pessoas. Animalização é usada pela ciência para a opressão e exploração das minorias, pois, nessa lógica, é justificável que não-humanos sejam oprimidos, é só observar a violência que os animais recebem na sociedade capitalista por serem considerados não-humanos.

Essa lógica está presente em opressões a diversas minorias. Pessoas com deficiências intelectuais são consideradas menos humanas pela visão capacitista de que o ser humano é medido pelo “raciocínio” e que é isso que nos difere de outros animais; os anos de exploração de povos africanos e nativos brasileiros são justificados pela ciência eugenista que alegava que apenas brancos eram humanos; o machismo e a misoginia foram pautados na ideia de que o corpo dito como feminino era inferior, e que a capacidade de engravidar fazia de mulheres cis máquinas de reprodução; além dos casos de controle de corpos LGBTI+ já citados aqui. É significativo que, apesar de certas ideias não ocuparem mais lugar em livros de ciências biológicas, as ideias se perpetuam atualmente e ainda são manejadas pelo conservadorismo.

Mediante as presentes problematizações, nos resulta a noção de importância de refletir acerca de ideias, termos e conceitos prontos, propagados sem análise prévia, ainda que advindas da ciência. Também entendemos que para combater o conservadorismo é necessário conhecer suas lógicas de trabalho, pois os projetos atuais bebem em opressões estabelecidas há tempos e que podemos fazer pequenas (na verdade se tornam grandes) mudanças. E, por fim, é de extrema importância ponderarmos sobre nossas falas, principalmente se elas se assemelham ao discurso da direita conservadora.



## Homens trans e a arte drag

*Kauê Conrado*

Me chamo Kauê, tenho 26 anos, sou homem trans, bissexual, ariano do dia 26 de março, descendente de indígenas, umbandista há mais de 21 anos, sou natural de Fortaleza-CE, lugar onde resido até os dias de hoje. Dos meus 9 aos meus 13 anos, tive uma vida muito corrida, estudava, fazia curso de artes cênicas e era modelo. Nesse mesmo período, me assumi lésbica. Em 2016, passei a me sentir diferente de todas as outras meninas lésbicas, e com o passar do tempo queria minha aparência mais masculina, desde as vestimentas até o corte de cabelo (embora eu não veja gênero em roupas e outros acessórios), porém somente aquilo não estava mais me satisfazendo. Com o passar do tempo, eu queria ouvir minha voz soar mais forte e já cheguei a passar horas na frente do espelho desenhando em minha imaginação uma barba, de preferência cavanhaque, e cada dia que passava aquilo me perturbava. Passei a sentir disforia com meus seios, com a voz e tudo aquilo que chegava próximo a uma característica feminina. Aquilo vinha me consumindo e, com o passar dos dias, me interrogava: “Será que isso é certo?”, “E a minha família, o que irão pensar?”, “Será que é só uma vontade que dar e passar?”.

Porém, apesar de todas essas perguntas perturbadoras, nenhuma delas era maior do que a minha sede de mudança. Em 2018, decidi encarar a sociedade e os familiares, e tive convicção de que realmente não tinha mais como mudar, e que realmente era aquilo, sim, EU ERA UM HOMEM TRANS. Foi a “descoberta” sobre mim mais libertadora, verdadeira. Com a ajuda de um colega virtual, fiz a escolha do meu nome, busquei algo com que realmente me identificasse; naquele dia, nasceu o meu verdadeiro eu, e ele se chamava Kauê. [Kauê: significa “homem bondoso”, “salve” ou “gavião”. É um nome indígena brasileiro de origem Tupi-Guarani]. Tive inúmeras conquistas quando me aceitei. Consegui realizar meu sonho em me formar como Agente de Segurança Privada. Alguns “amigos” se afastaram, outros eu decidi tirar de minha vida, e os que ficaram foram os mais verdadeiros possíveis.

As pessoas com quem tenho contato de minha família (a maioria por redes sociais) me respeitam, ou pelo menos tentam. Meu pai ainda está em processo de adaptação com meu nome novo, porém eu o entendo, afinal, foi mais tempo vivendo



com ela do que comigo (Kauê). Acredito que tudo leva tempo, paciência e também compreensão. Não podemos querer que os familiares aceitem de um dia para outro o que às vezes até nós mesmos demoramos um tempo para aceitar e assimilar. Cada pessoa transexual tem o seu tempo, uns mais cedo, outros depois, mas devemos respeitar o espaço do outro e como cada um se encontra.

Dafnny Rockffeler, nascida em 26/11/2019, no início de uma desconstrução, é uma personagem feita por mim. Personagem Plus Size que nasceu devido à admiração por muitas artistas drag/transformistas, Dafnny se inspira em artistas locais de sua cidade. Sou o primeiro homem trans de Fortaleza a fazer esta arte.

Davy Lima (homem cis), que tem sua artista com o nome de Davylla Rockffeler (há mais de 17 anos), foi quem apoiou e abraçou essa causa, acreditando no potencial da artista que ele sabia que eu carregava, e assim batizou e deu seu sobrenome. Davylla é MISS GAY CEARÁ 2004.

Dafnny Rockfeller teve sua estreia aberta ao público em 17/01/2020, no Sarau do Levante Popular da Juventude, na Casa de acolhimento TRANSFORMAR, localizada em Fortaleza-CE. Casa essa que abraça, acolhe e está de portas abertas para todas as diversidades possíveis. Eu, Kauê, sou muito grato pelo espaço e pelas pessoas que me acolhem, às mãos que me ajudam, à boca que abençoa. Existem e irão existir muitas críticas e estou aqui para enfrentar de cabeça erguida. Dafnny não irá tão cedo parar, sua trajetória apenas começou. Ela causará muitos impactos, enfrentará olhares preconceituosos, passará pelo preconceito escancarado da comunidade LGBTQIAP+, comunidade essa que deveria abraçar, apoiar a diversidade, mas é a primeira a criticar. Pretendo concorrer a concursos e quebrar padrões e tabus. Faça o que você achar que deve fazer, estando certo ou errado haverá críticas sempre.

Se um homem cis pode fazer a arte de ser um(a) transformista/drag, por qual motivo um homem trans deve se limitar? Todos são homens à sua maneira, corpo e órgão sexual não definem identidade de gênero de ninguém. HOMENS TRANS SÃO HOMENS, não devem se limitar a NADA!





## Esquerdoboy

*Bernardo dos Santos*

Ele chegou no estilo  
Flor na barba, saia longa  
No brilho  
Unha pintada e tabaco bem bolado na boca  
Ergueu o pulso todo errado e citou Conceição, Nina Simone e até que muito educado  
pegou o microfone e disse  
Que as minas tem que ter voz, se impor  
Que as pessoas têm que ser respeitadas não importa a classe, a cor  
Veio todo falando sobre veganismo achando que assim a gente passava pano pra todo  
aquele racismo  
Citou malcom, disse que sentia nas costas a dor dos amigos pretos e com a boca cheia  
defendeu amigo gay, mas abre o whatsapp tá cheio de piada com viado  
E aquele ménage que tua mina queria? Não vai rolar porque não vai ser em volta da tua  
pica?  
Tu se diz cria  
Sobe a favela e até troca uma ideia enquanto compra um beck e o nome tu sabe de todos  
os moleques  
Mas  
Cadê você quando a polícia chega e mata?  
A bala perdida é achada e nunca tem teu nome  
É, boy, a gente já sacou teu jogo  
Ouve rap, fez o dever de casa  
E se perguntar até parece um preto  
Mas só de alma  
A pele continua aí, branca, pura e imaculada  
Cheia de privilégio e aval pra opressão  
Ou tu acha mesmo que nós vê tu apertando o passo porque acha que o preto na rua é  
ladrão?  
Esse jogo é antigo, democracia racial que silencia



E os privilégios que deviam vir com a mistura?  
E ah, tá bom, os pretos precisam se unir, organizar  
Mas como se a polícia só chega pra matar?  
Os quatro moleques foram mortos na esquina, mas pra que ligar?  
Eram pretos  
Deviam tá matando, roubando, cheirando  
É foda pensar que nessa guerra a gente já começa do lado perdedor  
E você, boy?  
Tá aí confortável fumando teu beck discursando sobre a nossa dor  
“Quando vai parar essa chacina?” vocês perguntam apontando a morte de policiais  
Então agora a culpa é nossa depois de tanto que a gente se fodeu lá nos canaviais?  
Olha pros estupros, castigos, humilhação  
Acha que temos tempo pra ouvir da tua dor?  
Mas a verdade é que gente branca é foda, não aguenta não ser o centro da roda  
Ô racinha que merece sofrer  
Mas vem passar um dia sendo preto e trans pra tu ver  
Como a porra do buraco é mais embaixo  
Agora vem querer comparar minha resistência ao teu racismo? Caralho, que esculacho



## Eu cheguei até aqui

*Gabriel Vicente Pontes (Gab Pontes)*

Desde o mês de março, entramos em colapso com a proliferação incontrolável do novo covid-19 no mundo inteiro, através dos corpos infectados, dos noticiários, e do terror diante da enfermidade. Ignorando todas as demarcações territoriais dos países, com seus refinados idiomas, governos e moedas nacionais, o “pequeno invisível” nos pegou de surpresa e modificou em pouquíssimo tempo nossas formas de sociabilidade. A modificação não é necessariamente colocar o mundo para marchar em outra direção, mas talvez intensificar forte e cruelmente processos que já estavam ocorrendo, como a comunicação através das redes virtuais, a expansão do mercado online, o consumo de pornografia pelo celular, o abuso familiar contra mulheres, idosos, crianças, animais de estimação, e também a solidão vivida por milhares de pessoas trans.

O “pequeno invisível” modificou também a relação íntima com nós mesmos e como sentimos a nossa existência no mundo. Digo isso porque acompanho relatos de muitas pessoas, converso com algumas, observo outras... Mas principalmente porque a minha relação comigo mesmo foi profundamente modificada. Nesse curto espaço de tempo, tive que aprender a lidar e conviver com todos os **eus** que me habitam: meu eu homem, eu carrasco, eu sensível, eu objetivo, eu medroso, eu chefe, eu escravo... Conversamos, dormimos, cozinhamos, sorrimos, estudamos, assistimos filme, choramos e gozamos juntos todo dia. Um fez companhia ao outro.

Vivi esse período de isolamento social sozinho, em um apartamento até confortável, apenas na companhia de dois gatinhos (não menos importantes do que gente). No início, foi assustador me perceber tão só. Não que estar só fosse novidade, pois sempre me senti só, sempre estabeleci uma cuidadosa distância entre eu e os outros, e eu e o mundo, eu e os lugares. Porém, estar confinado pelo medo de adoecer é assustador. Mexe sem dó nos fantasmas da morte, do desamparo e da solidão. Constantemente pensei “não queria ser solteiro... queria ter laços mais fortes com minha avó, com minha mãe... queria estar na companhia de alguém... e se eu morrer? E se eu adoecer aqui?” Medos infantis, medos paranoicos, medos inventados, mas medos que são totalmente compreensíveis de serem sentidos. Tudo se tornou mais intenso ainda, pois me autodeclarei trans recentemente, e comecei a tomar a querida testosterona



também não faz muito tempo. Acredito que ainda estou me adaptando, me autoconhecendo, sentindo meu corpo mudar lentamente... Conteí a amigos, colegas da Universidade, pessoas distantes que olham minhas redes sociais, porém ainda me falta coragem de contar para a família. E é óbvio que não contar para a família está diretamente interligado com os medos. Fico eufórico pensando como vai ser minha barba, mas ao mesmo tempo me angustio pensando em como explicar minha barba para essas pessoas que chamo de família.

No entanto, à medida que os meses foram passando com o isolamento social, eu fui me sentindo muito mais confiante em estar só. Comecei a sentir verdadeiro prazer na companhia dos meus **eus**, a me sentir mais confortável na minha própria presença. Também passei a olhar meu corpo tentando não julgá-lo tanto, tentando ter paciência com as mamas intrusas, tentando entender que cada coisa tem sua hora certa para acontecer. Tudo isso, dia após dia, está me tornando o homem que eu sou. Esse homem que estou me tornando é muito mais forte do que ele era em março. Muito mais potente do que ele era antes mesmo dessa pandemia existir. Esse homem que sou eu sabe que tem muitos desafios pela frente, mas já cheguei até aqui né?! Pra trás é que eu não volto mais.

**“O Homem Invisível”:** Ensaio reflexivo sobre as perspectivas do visível e invisível aos olhos e a mente sobre um corpo de homem.

*Fotografia: Nathalia Gregory*

*Concepção e Modelo: Tali Ifé (2018)*

O que você vê em um homem?

O que você não vê em um homem?

Do que você vê o que você enxerga enquanto homem?

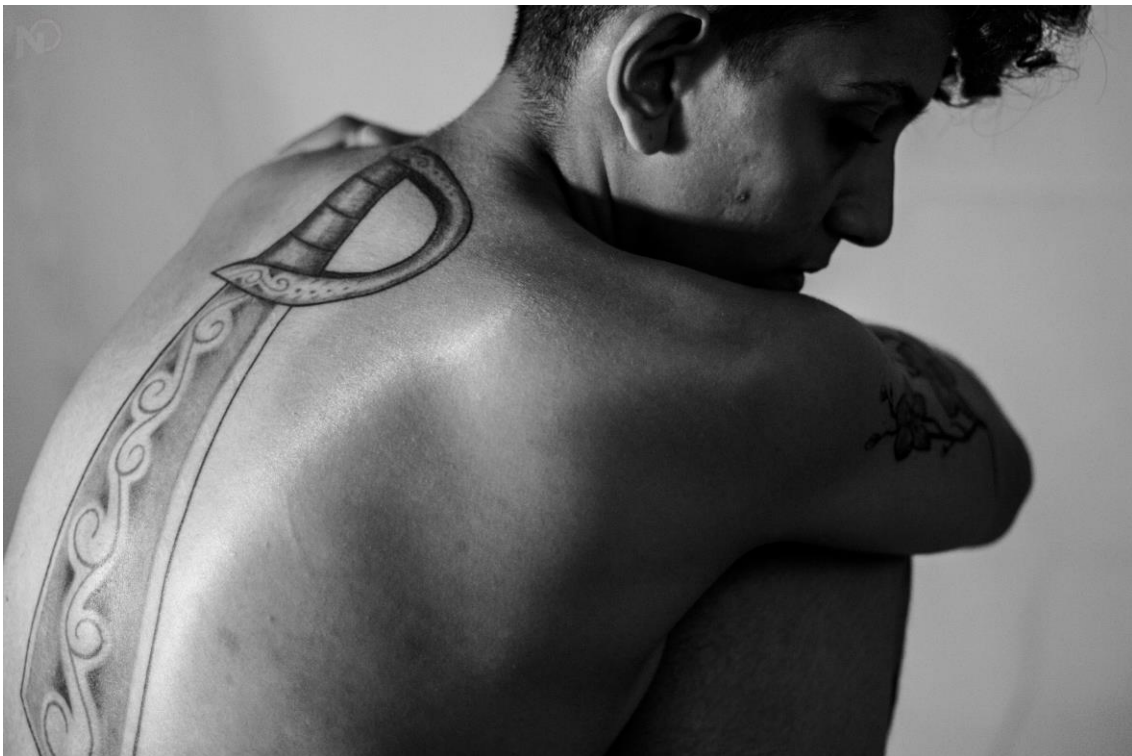
O que você não vê que te faz enxergar um homem?

O que você não vê num homem?

O que você não vê no que você enxerga enquanto homem?

O que é homem? O que é ver?

O que você vê de homem em você?



















## Desconfinamento

*Thomas Terra*

Abriram as veias da cidade.  
O fluxo bombeia forte.  
É gente e mais gente, de toda idade,  
vivos com medo da morte.  
Casa, transporte, trabalho.  
Medo de não ter o pão.  
Salvando o sistema falho  
que se mantém com escravidão.

## Eu Caim

*Daniel de Brito*

*“Rasgou a faixa com toda a fúria,  
Pegou as fotos antigas de sorrisos vazios e as atirou para o alto como quem grita  
Toma! Toma o que é teu, esse não sou eu, leva, leva para longe, esquece-me a  
existência, apaga o que escreveram ao meu respeito e me permita existir!”*



Caim e Abel — pintura de Giovanni Domenico Ferretti.



São 3 horas da madrugada, levanto-me para beber um copo de água. Na volta lembro-me do meu dia, dos meus questionamentos, e penso: “Melhor não dar lugar a essas coisas da carne, dos desejos”... Mas olho ao pé da cama: lá está ele, aquela figura que sempre me acompanha, noite após noite... insônia após insônia. Não o suporto mais.

– Aparta de mim, maldito! (Grito para ele.)

{Risos}

– Tu achas que és tão especial assim que eu escolheria, se me fosse dado escolher, estar aqui contigo?

(Com uma voz irônica ele se atrevia a direcionar aquelas palavras para mim!)

– Jesus! O diabo veio me atormentar mais uma vez! Me dê forças, pai!

Sai, em nome do que é!

(Usei toda a minha fé, para não dizer “desespero”, diante daquela imagem sombria.)

– Calma, é incrível como aos 23 anos você não consegue mesmo resolver seus próprios problemas, tem até que pedir apoio divino.

Hahaha...



Não sou novidade para ti, Gabriel, tu sabes bem que sempre venho, sempre estou aqui, mas como de costume ignoras a mim. Não podes, Gabriel, fingir em nome da mediocridade uma vida sem sal, afinal... não foi o redentor que disse “Vós sois o Sal do mundo”? Se bem que está mais para SORO.

– Maldição! Além de irritante também tu és arrogante, que fizemos pois para merecermos olhar um para o rosto um do outro, toda noite? Já não basta o café amargo que tomo pela manhã, agora minha solidão nem terei mais eu direito a ela? Viverei essa amargura de tê-lo em meu quarto, lendo meus livros, e, ainda por cima, tu deixas a toalha na cama!

– Aiai Gabriel, como tu me cansas, parece até que ganhas algo com isso, murmuras em vez de seres grato por minha presença, sou o deus da dúvida, atormentei muita gente, cada tormenta foi, na verdade, uma libertação, alguns enlouqueceram, outros se atiraram de prédios, tomaram veneno, cortaram os pulsos ou se enforcaram no quarto.

– Então tu vens me matar, maldito? Saia de perto de mim, não fui honesto com o troco do pão para merecer isso, não contei a verdade aos meus pais para morrer assim, não dei meu dízimo no domingo de páscoa para diante da cruz divina tirar minha vida e queimar no inferno.

– Aiai Gabriel... Gabriel, que saco! Sinto dizer, mas não sou uma boa plateia para ti, deixe de teu drama fútil e juvenil, teu tempo é curto para isso, veja a beleza desse momento, são 3:00 da madrugada, o mundo dorme exausto enquanto te acordo para ser minha companhia. – Qual o teu nome?

(Silêncio)



– Qual o teu nome?

(Silêncio)

– Maldito desalmado, me responde! Qual o teu nome?!

– Gabriel, não posso te dizer o meu nome ainda, é cedo e tu és imaturo para isso.

– Como posso confiar em algo que nem se nomeia? Se de tão covardes esconde-me quem tu és?

– Gabriel, te direi pois... meu nome será teu último suspiro.

– Então estou diante do meu próprio assassino, não é mesmo? Criatura vinda dos covis das trevas, deserdado no inferno, te chamarei, pois, de Caim, porque és traiçoeiro. Tu, que pretende matar-me, deves ter inveja de mim, que sou um homem de Deus; és feio como o diabo, devo ter xingado a Santa Cruz para merecer isso.

– Se vamos brincar de personagens, aceito o desafio, me chame de Caim. Vamos Gabriel, me provoque, faça de mim um gênio da lâmpada mágica, mas não posso atender aos teus desejos materiais tolos, posso sanar dúvidas (ou piorá-las) a respeito de ti e de qualquer outra coisa, arrisque... pergunte.

– Isso é uma ilusão, devo ficar louco em conversar com um homem desconhecido, sarcástico, arrogante, prepotente e que insiste em provocar-me, tu queres mesmo abalar a minha fé? Desculpe, não há espaço para nós dois nesse quarto escuro.





– Como podes ter tanta certeza e confiar tanto em tua fé? Até Jó teve sua vida arrasada como praga no Egito para ser aposta entre Deus e o diabo, um verdadeiro passatempo divino, mas com certeza... Tu não és melhor que Jó, só te ofereço perguntas e nem as tem coragem de fazê-las porque o conforto da indiferença é sempre agradável, fechas os olhos para si mesmo diante do espelho, mas, no fundo, a insegurança te atormenta, não é mesmo? Preferes mais uma noite me ignorar ao pé de tua cama, virar para a parede e dormir, não há como esperar algo a mais de ti, apenas adubo para as plantas e comida para vermes. Arrisco em dizer que és tão conformado que preferes a imagem da perfeição divina, quando as dúvidas, as angústias, os desconfortos te perseguem mais do que quem deve ao agiota, na verdade... tu deves, tu deves a ti mesmo...

Medroso...

(Com aquela voz que parecia de serpente acentuando o “s”, ele se despediu enquanto juntava-se à escuridão do meu quarto.)

Medroso...

Medroso...

M

E

D



R

O

S

O

.

.

.

– ESPERE!!!

(Gritei.)

Aquela figura estranha foi ressurgindo das sombras...

– Corajosos e covardes compartilham do mesmo sentimento, o “medo”, no entanto, só os covardes ficam calados como presas esperando o bote do predador.

– Certo, então vamos brincar nessa tua loucura, “Caim”. Te provarei que embora esteja com medo de ti, eu sou cabra macho e não vou me acovardar diante de uma criatura das trevas, bicho peçonhento que se acha astuto, mas não abalarás minha fé no criador ou na santa igreja e nem causarás nenhuma mudança em mim, muito menos me matarás se é o que tu esperas, serei, pois, prova entre o céu e a terra de quão fiel às escrituras um



homem pode ser, mesmo em meio a tentação. Diga-me, por que mataste teu irmão “Abel”?

– Hahaha!

– Vamos, para de brincadeira e sarcasmo, me responda já que me provocaste tanto, não tem coragem mais de seguir adiante? Quem é o verdadeiro covarde então?

(Interrompe-se o riso.)

– Não queria matá-lo, Abel era tão doce, sempre cuidando de suas ovelhas como se fossem filhas pequeninas, Abel as amava mais que a mim, eu não entendia como uma ovelha fedida e cheia de carrapatos arrancava tanto carinho de Abel, como eu suspirava arrancar.

– Credo, profanação das santas Escrituras, não pode um homem desejar a outro homem, nem tão pouco sendo seu próprio irmão, contudo, tu dizes que o amava, então por que o matastes?

– Eu não aguentei ver a desgraça em que Abel se tornou, ofertou naquele altar sua mais preciosa ovelha. Depois desse dia, Abel já não era o mesmo, havia um vazio em seus olhos que outrora eram tão vivos, tão inocentes, olhos de quem não conhecia a morte; o questionei, “por que não recuastes a matá-la, por que precisavas provar tua fé sacrificando o teu amor?” Mas Abel me falava que era preciso em nome da redenção do homem, nosso pai Adão, uma redenção necessária, da que não tivemos direito a participar inicialmente de sua causa.



– Nossa, que nojo tenho de ti, como tiveste a coragem de tirar a vida do teu irmão amado por causa da morte de uma ovelha infeliz?

– Primeiro a ovelha, depois quem seria, se o seu amor maior era naquele pobre animal de olhos meigos e de pelo branco macio como as nuvens que parecem sonhos, dadas ao homem sonhar, mas não alcançar? Na nossa última discussão, ele estava cego, foi arrancado o que enchia sua vida de felicidade em nome de sua fé, quanto tempo duraria para que ele tirasse minha vida que era menor que de uma ovelha? Logo eu que sempre fui perdido, que sentia meus instintos aflorarem entre minhas pernas desde pequeno, queria arrancar de mim a mim mesmo se possível, logo eu, que no banho de rio engolia seco a imagem e semelhança do próprio Deus que era Abel despido de peles de animais. Aquela nudez de pele escura de tom um pouco mais avermelhada e que contrastava com a minha que não era tão rica de presença e vitalidade, aquelas pernas torneadas que irresistivelmente eu tinha desejo em mordê-las em suas curvas enquanto subia ao bumbum que se encaixaria perfeitamente em meu quadril em um movimento repetitivo enquanto eu poderia mostrar todo o meu lado sacana ao pé de sua orelha e apertar seu pescoço como um dono domando animal selvagem.

– Tu só podes ser um enfermo nos pensamentos com ideias torpes, um imoral! Poderia tudo ter sido diferente, tu poderias estar diferente hoje e bem melhor! Além do mais, infeliz, não me perturbarias todas as noites! Imoral! Sujo! Imoral!

– Gabriel, se tu engoles tudo o que sentes, no final acabas afogado em lepras de amarguras. Perceba, ao homem sempre foi ofertado o limite em bandeja, sempre foi proibido cobiçar a mulher do próximo, no entanto o homem não é um poço de virtudes perfeitas e ideais, ele mente, ele rouba, ele mata... e cobiça tão certo como deita e dorme. Não é ofensivo pensar que Sete tenha tomado sua irmã como mulher, mas o amor entre homens te incomoda tanto; o que escondes?



– Não sei quem tu és de fato, me angustia pensar que podes ser criação de minha cabeça, pensar que te criei, devo pecar contra Deus... Desonra para minha família... ou estou ficando louco!

– Entre a sanidade e a loucura, Gabriel, escolha viver. Não importa o nome que você dê a mim, posso entrar facilmente em qualquer personagem de forma que só em tu imaginares seria perturbador para teus dogmas celestiais; não importa o que você acredite ou faça para me manter longe de ti, sou como a sombra que tu carregas contigo para o mundo, e nem adianta postar aquela foto com um sorriso meio amarelo usando hashtag's para dizer o quanto és feliz, como aquela comida foi boa, ou aquele lugar é maravilhoso, aquelas pessoas são seus amigos ou como o culto de domingo foi abençoado. O mundo gira, Gabriel, nesses giros, giro perto de ti, nesses giros... voltas ao mesmo ponto diversas vezes, as solidões diante das paredes do teu quarto testemunham o teu vazio, tua angústia de sempre evitar-me, voltas sempre ao mesmo ponto, onde as certezas são o teu conforto.

Eu te pergunto, embora já abstraia a resposta, quem é Deus? Conte-me uma versão bondosa de Papai Noel invisível, afinal é tão onipresente que entrega à meia-noite ao mesmo tempo e em diferentes lugares para meninos bonzinhos presentes, recompensas como verdadeiros biscoitos para cachorrinhos adestrados, dá a patinha dá...

– Eu tenho pena de ti, queimarás no inferno enquanto caminho ao som de louvores angelicais nas ruas de puro ouro do paraíso, quer realmente saber quem é Deus? Deus é o conceito mais lindo que alguém já escreveu sobre o amor, e mesmo assim não conseguiu se aproximar da real natureza divina, sabe por quê?

(Silêncio)





Porque foge à nossa pequena razão pensar em Deus, Deus é o belo propriamente dito, talvez uma visão platônica, mas Deus são as borboletas no meio do caminho mais sombrio de nossa existência, Deus é a razão pura, Deus é origem, meio e fim de tudo, Deus é morte e vida.

– Quase que Severina!

(Ironicamente ele falou)

– Deus é o tempo e sua relatividade atemporal.

– Nossa, invejosos dirão que Einstein consultava o google divino.

– Cala-te!

– Desculpe-me atrapalhar, por favor, prossiga... estou adorando tanta certeza.

– Enfim, Deus é, enquanto nós apenas estamos. Sobre meu relacionamento com Deus, digamos que está em construção, não é perfeito, mas embora eu tenha muito o que refletir sobre minha existência, eu amo pensar que Deus é amor e nenhuma possível definição filosófica poderá para mim trazer tanto brilho como essa.

“Deus é amor”

{PLÁ! PLÁ! PLÁ!}



– Palmas! Palmas! Palmas!

Diante de tudo isso, só posso dizer que tu és um medíocre, e serve a si mesmo, tu és o teu senhor, buscas o Deus que o teu “Eu interno” aspira buscar, como um imigrante, vindo de sua pátria, se aventura em terras desconhecidas, mas ao relento da noite suspira de amores pela amada que deixou, mas não a encontras na bíblia, embora gostes, como um medíocre que és, peneirar o que te conforta, um livro de autoajuda e prosperidade para vencedores. Me pego questionando como um ser tão perfeito e complexo caberia suprimido por editoras entre páginas de apenas um livro? Disputaria ele lugar entre as descendências de Sem, Cam e Jafé? Não, já sei, ele é tão perfeito que precisou ser adaptada a sua “palavra” para a mulher, o adolescente e a criança. . Diversos gostos, para um mercado diverso.

Aiai... uma verdadeira ética protestante do capitalismo, ou, mesmo perfeito, teria ele se arrependido da existência do homem? Esse Deus bipolar entre velho e novo testamento, que abandona e resgata a sua criação, que faz o homem nascer já condenado negando a ele um ponto neutro para tomar suas decisões como a ideia que é vendida a respeito do livre arbítrio, esse Deus não me seduz. Não consegui comprar essa campanha de Marketing, talvez se além de teologia online os pastores fizessem também publicidade, quem sabe.... Gabriel, até quando terás medo de subir mais alto? Queres uma vida longa, então seja um covarde, covardes são espertos, não se arriscam por nada e nem por ninguém, vivem no rabo da saia de suas mães ou esposas. A vida inteira tem apenas um dia, esse único dia nunca esteve no passado, esse dia não virá como nas datas cristãs que anualmente redimem os pecados do mundo, tua vida é estar agora nesse quarto de madrugada a conversar comigo, todas as tuas escolhas que seguiam o manual de sua comunidade não passam de códigos de convivência, mas, nesse exato momento, não precisas ter pudor.



Não sou eu um pastor e nem padre para que caias na desgraça da disciplina moral por almejar um pequeno instante entre o primeiro e último suspiro, o prazer da mortalidade. Corres como um louco para estares presente de segunda a segunda em tua igreja, acreditas fielmente que fazes algo único e importante, mas esquece-te que antes de ti ninguém lembra da história dos que vieram, muito raramente seus nomes, são apenas mais outros fiéis que como tu abriram mão de suas próprias vidas e assim, como eles, tu também te tornarás mais um esquecido. O tempo cairá sobre ti como uma tonelada a te esmagar, tua pele jovem se tornará flácida, tua visão em neblina e teus ossos ruirão, continuarás na tua agonia de seres notado achando que fazes algum serviço de entrega ao divino, uma espécie de “correio terceirizado”, já que a onipresença, onisciência e principalmente onipotência de Deus não estão mais dando conta de comandar a vida e precisam dos seus soldadinhos cabeça de papel para essa difícil missão. Tu tiveste a chance de fazer algo bom e diferente, ajudar tanta gente, mais que uma congregação, trazer boas novas de um tempo de amor, paz, respeito e união.

Me diz, oh querido irmão, o que você fez quando apontaram aqueles LGBT's? De ilusão, a passabilidade te devorou aos poucos, e a insegurança soube se vestir bem com o conforto dos elogios, transformando o teu ego na consciência amiga e a tua hipocrisia em uma nova moral. Agora, como anjo caído, venho ao pé da tua cama onde despido te vejo por completo; mais que voz, pelos ou força, a tua cólica será devastadora, sangrarás não pelo teu corpo como outrora, mas pelo teu coração, e os levíticos serão para ti como as náuseas são para os aventureiros de primeira viagem: a cada versículo, a tua Este é, pois, o sinal de Caim que o seguia em qualquer lugar, a amargura. E apesar dessa tua passabilidade cisnormativa, não foste homem de verdade quando comprastes o preconceito com os teus, em uma suposta salvação, em um suposto “nome de Deus”.

– Como podes ter tanta certeza de quem sou? Ou que fiz?

– Vós perguntastes meu nome, pois bem, sou o teu cobertor, o travesseiro onde deitas a tua cabeça, o frio de teus pés, sou tua imagem que reflete quando passas, sou teu melhor e pior amigo, sou teu passado, presente e futuro, sou eu, sou teu, sou tu Gabriel.



– Você sou eu? Eu sou você? Mas como?!

– Sim, somos a mesma pessoa, sou teu eu abafado, escanteado e esquecido, venho aqui toda noite lembrar-te de ti mesmo, como um fantasma condenado, preso a ti, para que possas livrar-te dessa manta com que escondes a tua natureza. Vim como imagem de tua própria corrupção.

– Eu sou Homem e só isso importa agora, nunca fui corrupto em minha vida, sempre paguei honestamente meus impostos ao governo golpista.

– Sim, isso importa Gabriel, mas não é tudo, o conforto de se sentir “aceito” em uma comunidade que não sabe tua origem te fez aceitar até as mais absurdas doutrinas em nome de um tal “sujeito de bem” que você encontrou e se encantou, raso, mas o que te faz homem não é o teu corpo, mas a tua palavra, tua honra, honre a si mesmo, porque no final só sobrarão isso, teu corpo apodrecerá debaixo da terra, o que não fizestes quando deitavas com os discursos vulgares daqueles que condenavam ao fogo teus irmãos e irmãs de luta. Corrupção é mais que apenas um ato, é a deslealdade para com quem foi leal a você, ser desleal não quer dizer o beijo, a mentira, o sexo... ser desleal quer dizer a desproporção das emoções e valores envolvidos com dois pesos diferentes para as mesmas palavras. Então, meu amigo, ser corrupto é, antes de tudo, a pura injustiça de sentimentos apostados em um laço abstrato que se revelam no contrato de fazer ou não fazer. O sorriso que valeria 20 centavos, mas você usou 25 centavos para pagá-lo, também foi desleal com o seu real valor, mesmo que ao olho nu pareça um ato de bondade, a entrega do que não lhe cabe substancialmente é negar a própria natureza de forma consciente, toda medida desproporcional torna-se exagero, enquanto faltaria em algum momento o necessário de 5 centavos para outro sorriso. Esse é, portanto, o princípio de toda a corrupção, o desvio do real valor.

– Eu não entendo o sentido disso.



– Nosso instinto de justiça, quando puro e imaculado em seu seio natural, aflorará em questões cotidianas dando respostas óbvias, mas uma vez desviado o seu real valor através dos hábitos e da cultura, nos preocupamos com a legalidade em detrimento ao sentimento de justiça, que é inerente a humanidade logo, o que antes era tão certo como responder que  $2+2=4$ , pensamos se é permitido socialmente somar dois números iguais para obter o resultado o qual sabemos ser possível. Foi isso Gabriel que você fez, engolindo o que sentia ser justo, duvidando da tua própria consciência diante de tudo o que você já passou em sua vida para silenciar apoiando aquilo que no fundo tu sabias que era contra si mesmo, ou seja, desvirtuando o real valor de tuas marcas e de tua história em nome do padrão daquela comunidade.

– Fiz o que era necessário para ter paz, para ter uma vida normal sem ser perseguido, podendo professar a minha fé em Cristo.

– Não, seguistes aos homens, não a Cristo, o teu silêncio diante da injustiça não é a paz, a paz em cristo é distante da falta de coragem, e tu por covardia e medo te escondeste.

– E tu querias que eu fizesse o quê?! Revelasse ao mundo quem sou e colocasse em risco tudo o que consegui? Vim de uma família religiosa que menosprezava travestis, viados, sapatão e tudo o que eles consideravam como aquilo que “não presta”; agora, com a passabilidade cis, posso reconstruir uma nova vida, onde sou aceito em qualquer lugar, até dentro da comunidade que um dia me rejeitou, não entendes que para mim não há mais jeito? Talvez me seja melhor cortar-me os pulsos e desistir de carregar essa coleira no pescoço que sufocava minha alma.

– Há jeito sim, Gabriel, livra-te das tuas amarras, liberta-te com a verdade, tu não precisas te expor, mas mostra-te como és e o que pensas e em que acreditas, larga mão dessa vaidade de ponta cega que só te fere, se tu amas a Cristo, mire em Cristo, Gabriel, Cristo é a chave para que possas conseguir, o que tu pensas que ele faria ou falaria para ti? Achas mesmo que a corrupção é algo reservado para políticos? A corrupção é a





enfermidade da humanidade, ela suja a alma do mais humilde entre os homens, não negocie seus valores, não se venda por tão pouco, seja homem, Gabriel!

Naquele momento, fez-se silêncio no quarto, não sabia mais o que falar diante de mim mesmo;

Gabriel que surgiu como invasor em meu quarto estava certo, um mal-estar pairava sobre meu peito, lembrei-me de todas as reuniões em que ouvi calado coisas que falavam até contra mim sem nunca ter dito nada, pensei em todo o esforço para diminuir cada característica que me assombrava e me perseguia como algo ligado ao meu passado, e como foi doloroso ser tratado diferente quando parecia diferente. Abri minha gaveta do criado mudo, lá estava uma tesoura velha e enferrujada que sempre usava,

respirei fundo e disse:

– Eu não posso mais prosseguir adiante com isso, tu foste mais meu amigo nessa noite do que muitos em tantos anos, me entendes tão bem que já sabias o desfecho dessa tragédia, eu não aguento mais...Livrai-me Deus de cair na mediocridade de uma vida tão normal...Aprisionei por tanto tempo meus demônios que hoje o paraíso não me faz sentido algum, o brilho das ruas celestiais está ofuscado, não quero mais matar-me diariamente em busca de um sonho sonhado por outros, tantos pontos que repetidamente voltam como ânsia de vômito que sobe a boca e desce, tanta solidão registrada nessas paredes amarelas como amarelo é o teu sorriso, meu Eu sempre de passagem, almejando apenas um bom café e uma boa cama para descansar em mim.

No entanto, fui covarde em tantas vezes que me escondia nas certezas rasas de discursos tolos, clamores e mãos para o alto, um eco de minha própria voz que encontrava o vazio do meu quarto nas madrugadas e que voltava apenas para mim... Cometi muitas injustiças, como um político envolvido em escândalos



fui também corrupto, minha corrupção começou de fato quando desviei-me de mim mesmo, esqueci minhas paixões e as palavras que faziam a minha pele ferver, pisei em minha humanidade como se fosse eu um observador de fora da própria natureza a contemplá-la e julgá-la como um quase deus, agora, começo a me entender...

– Tu mudaste de cidade esperando recomeçar em outro lugar, esperando esconder a todos tua origem, teu passado, quem tu és... Assististe ao sofrimento de muitos que passavam pelo mesmo que tu passaste, mas, como de costume, te escondeste atrás de uma passabilidade cisgênera perfeita e tampaste teus ouvidos para o clamor dos outros, assim como clamas aos céus desesperadamente por salvação. Agora o que posso dizer? Infelizmente tu vais morrer, é por isso que venho a ti, venho te avisar que não és eterno, Gabriel, e mais cedo do que imaginas tua hora bate à porta, é uma pena... tantas possibilidades frustradas, tua morte é uma grande perda, mas como é dito popularmente... basta estar vivo para morrer.

– Não, Caim, quer dizer, Gabriel, a morte não é a maior perda da vida.

– Ah não? Então conte-me qual é a maior perda da vida!

– A maior perda da vida são as estrelas que se apagam em nós, cada infinito universo devorado pela escuridão enquanto continuamos vivendo.

– Nesse momento, estás mais perto de ti mesmo que outrora quando começamos a conversar, nos tornamos mais íntimos que posso te dizer, que vós me surpreendeis, Gabriel, mas não esqueçais, ainda há jeito...

Para mim não conseguiria encarar mais uma vez em minha vida o peso daqueles olhares, uma construção de anos e anos, um passado que criei para esconder tanta coisa ao meu respeito; Caim, quer dizer, Gabriel estava certo em tantas coisas, mas eu não



saberia se ele estaria certo quanto a isso, não sei se haveria jeito, segurei aquela tesoura com minhas mãos, cortei meus pulsos.

– Esse não é o caminho, Gabriel, ainda há tempo, reconquiste-se e examine-se no mais profundo e escondido de sua alma, quem almeja ser o que não é acaba tornando-se pior do que é, portanto, busque a si mesmo, a tua essência além de toda essa nuvem que veio sobre ti como uma manta pesada.

“A consciência da finitude é o pressuposto essencial para a verdadeira liberdade.”

(Ao se afastar, Ca...briel sujou seus dedos com meu sangue e desenhou na parede amarela do meu quarto)

" S|E|U  
E|C|O  
U|O|Ç|A  
|A "

No mais rapidamente daquele momento, enquanto a imagem ao redor escurecia, ficando apenas gravado aquele desenho em minha memória, perdia a força, e como sussurro ouvia a frase daquela representação.

“Seu eco ouça”



Abri meus olhos e era de manhã, o sol batia no meu rosto, levantei assustado olhando o meu corpo procurando os cortes, mas não havia nada ali. Olhei ao redor e estava tudo no mesmo lugar de sempre, não havia sangue e nem desenho em minha parede.

O despertador tocara, estava na hora de seguir a vida, mas não era mais o mesmo que seguiria ela, algo estava diferente, eu estava diferente, eu era Caim.

(Recife, 05 de Junho de 2018)

Conto retirado de: Brito, Daniel

Vagamente/Daniel Brito. – 1ª ed. – Brasília (DF):  
padê editorial, 2019. (escrevivências, 41)

ISBN: 978-85-85346-51-5



# HOMENS TRANS EXISTEM

por Orlando Tailor Vinhoza

nos tratam como novidade

na minha época não tinha isso

mas é que ignoram nossa história  
ignoram que fizemos história

## INOVAMOS NA MEDICINA



Alan L. Hart (1890-1962, EUA)

MÉDICO PIONEIRO NO USO DE RAIOS X PARA  
DETECTAR TUBERCULOSE  
FACILITANDO O DIAGNÓSTICO

## ESCREVEMOS LIVROS

Anderson Herzer (1962-1982, BRa)

escritor e poeta, autor do livro:  
a queda para o alto





## FIZEMOS FILMES



**YANCEFORD (1972, EUA)**

DIRIGIU DOC: STRONG ISLAND  
1º HOMEM TRANS A CONCORRER AO OSCAR

## FIZEMOS MÚSICAS



**BILLY TIPTON (1914-1989, EUA)**

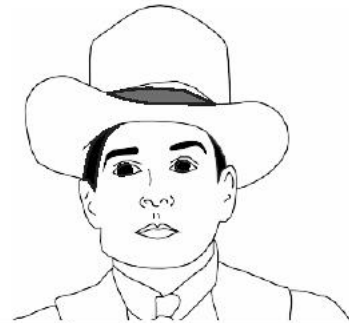


**LITTLE AX (1916-1992, EUA)**

## LUTAMOS E REVOLUCIONAMOS



**JOÃO W. NERY (1950-2018, BRA)**

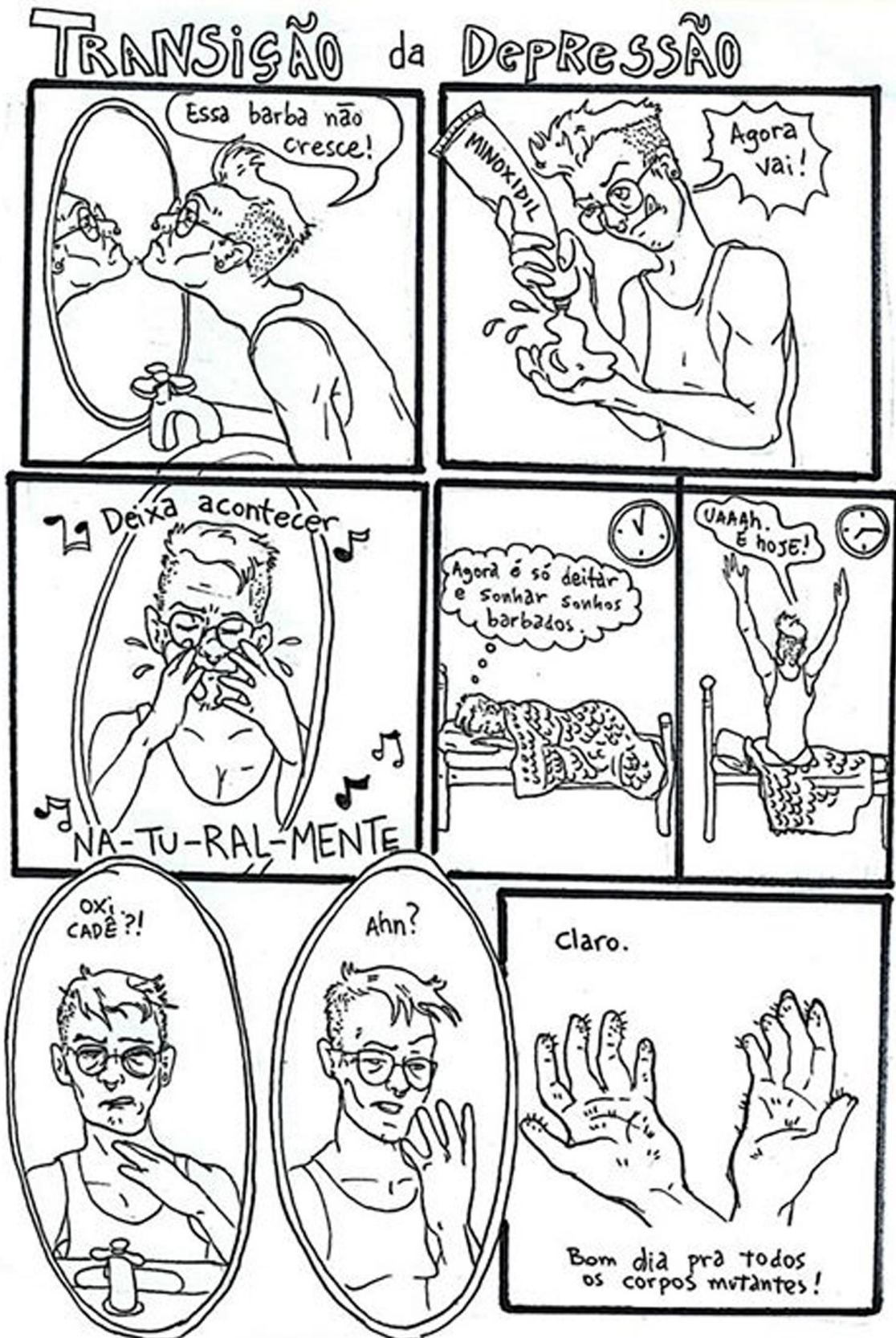


**AMELIO ROBLES (1889-1984, MEX)**

NÓS SEMPRE ESTIVEMOS AQUI  
VOCÊ QUEM NÃO ESTAVA OLHANDO



### Quadrinhos de Lino Arruda





## Uma vida em dissidência de gênero

*Dhan Tripodi*

Falar sobre si mesmo nunca é fácil, primeiro porque não somos educados para nos conhecer, esse conhecimento nos é negado e relegado a outras pessoas que nos dizem o que somos e como devemos nos portar, enquanto esse saber sobre si vai ficando em segundo plano, para que possa, no futuro, ser comercializado com o nome de terapia. E em segundo lugar, porque conhecimento sobre si implica em questionamento da ordem vigente e, quando estamos jovens, nosso potencial de operar mudanças é muito maior, pois ainda estamos em processo de adaptação à formatação social, porém após a norma se tornar parte estruturante de nosso ser, a dificuldade em se desconstruir é maior com toda essa programação (ou deveria dizer ideologia) estruturando nossas mentes e corpos.

Comecei fazendo essas reflexões para introduzir um pouco de minha vivência, enquanto trans homem, sim, trans homem, pois a minha existência trans vem antes de poder me denominar confortavelmente como homem, além de ter feito a escolha de não reproduzir uma masculinidade socialmente imposta através de violências, como o machismo e o cis-sexismo. Nasci em uma família relativamente religiosa, pais católicos e criados no catolicismo que, apesar de abertos a frequentar e conhecer outras religiões, o catolicismo e seus dogmas os estruturaram, assim como muitas outras famílias brasileiras daquela época.

Nasci na Bahia, em uma cidade chamada Salvador, uma das primeiras cidades dominadas e devastadas pela colonização e suas muitas mazelas ao sul do Continente Americano; morava em um bairro chamado Saúde, com minha avó, meus pais e um dos meus tios, família grande e casa sempre cheia, a conhecida família tradicional brasileira, cheia de problemas internos e preconceitos velados.

Antes de contar partes de minha infância, vou citar uma frase de Beauvoir, presente em seu livro *O Segundo Sexo*, que se encaixa bastante com o que pretendo relatar: “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.” Isso posto, podemos entender a diferença entre os sexos como meramente uma relação de dominação, não que não existam homens e mulheres enquanto materialidade, mas sua diferença é uma



construção social para a dominação masculina, por isso a mulher é esse diferente outro, esse ser relativo definido em relação a tudo que o homem não é.

Ao afirmar “Não se nasce mulher: torna-se”, e eu nunca me tornei, Beauvoir traz à tona vários questionamentos que me fiz durante toda a minha vida e que só recentemente pude entender e me libertar. Ninguém nasce mulher ou homem, algo tão simples e tão difícil a nós entender, enquanto seres estruturados pelo binarismo de gênero, onde a maioria de nós não consegue mais compreender qualquer premissa que vá além desse cis-tema após tantos anos infantis de formatação. Uso a palavra formatação aqui livremente para me referir aos processos de aquisição, pelas crianças, da heteronorma, ou do pensamento da diferença (pensamento straight como define Wittig), porém, não é minha pretensão universalizar o meu pensamento, apenas defini-lo em relação a minha vivência material.

Ou seja, nunca pude me tornar essa mulher que a sociedade heteronormativa e binária esperava de mim com base no meu destino genital e, por mais que eu tentasse me encaixar, sempre me sentia um ser incompleto, ou um personagem que eu não desejava performar, nunca me senti de fato uma mulher, nunca consegui, por mais que tenha passado 36 anos de minha vida na tentativa. Não me refiro aqui a estereótipos de gênero ou atribuições de masculino e feminino, porque se tem algo que acredito é que o ser humano tem em si características tão diversas que seria impossível atribuí-las a estereótipos baseados em antônimos.

Voltando a falar sobre a minha infância, cresci ouvindo minha mãe dizer que eu não devia sentir tanta raiva, que era feio uma menina expressar raiva, que eu devia me comportar como uma mocinha e que mocinhas são delicadas e gentis e que isso era tão bonito; tentei fazer o que ela dizia, não por achar certo, pois sempre fui muito questionador, e sim por receio de perder a afeição que ela me dedicava, mas sempre fracassava no intento e era repreendido severamente. Meu pai por outro lado sempre me deixou mais livre, apesar de me repreender por outros tipos de travessura, entretanto muito mais a pedido da minha mãe do que pela vontade dele.

Fui criado no catolicismo, fiz primeira comunhão e acreditava muito em alguns dogmas que me foram passados, apesar de me questionar sobre tantos outros, várias coisas da religião não se encaixavam. Ao questionar, ouvia sempre a mesma resposta afirmando que certas coisas a gente não deve questionar e que meu problema era falta de fé, afinal, quem sou eu pra entender Deus?



Desde muito cedo eu sabia que era diferente, eu não sabia o que era uma lésbica, muito menos uma pessoa trans, portanto, não poderia me definir dessa forma naquela época, mas sempre que fazia amizade com uma menina, era baseada no afeto que sentia por ela, enquanto admirava os meninos e queria ser como eles. Brincava muito com os meninos quando era mais novo, mas ao passar pelo ritual da mocinha, isso não me era mais permitido, me diziam pra tomar cuidado com os meninos, pra não deixá-los tomar liberdade comigo, acabei me afastando, tanto pela rejeição deles quanto por precaução das coisas que me diziam precisar evitar, isso me fez uma criança muito sozinha e reflexiva, já que também não era bem aceito pelas meninas, por não me identificar com as coisas que elas costumavam gostar.

Porém há de fato uma natureza feminina? Ao ler *O Segundo Sexo*, pude compreender algumas coisas sobre a existência feminina ou dita feminina, colocarei uma passagem aqui para ilustrar minha fala:

Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e, contudo, dizem-nos que a feminilidade ‘corre perigo’; e exortam-nos: ‘Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres’. Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. Será esta secretada pelos ovários? Ou estará congelada no fundo de um céu platônico? (BEAUVOIR, 2016, p. 9-10)

Ou seja, nem todas as ditas “fêmeas” da espécie humana são necessariamente mulheres, cabe entender de onde vem essa essência dita feminina, seria ela uma construção em oposição à masculinidade? Existe mesmo uma “natureza” feminina e por que suas características precisam estar em oposição à masculina? A diferença entre os sexos posta dessa forma é mesmo natural ou criada para sustentar um sistema de dominação das mulheres pelos homens? Colocadas essas questões devemos lembrar que Beauvoir foi imensamente influenciada por Sartre, seu esposo, e também o influenciou para criar uma corrente conhecida como existencialismo, definido por:



O pensamento existencialista defende, em primeiro lugar, que a existência vem antes da essência. Significa que não existe uma essência humana que determine o homem, mas que ele constitui a sua essência na sua existência. Esta construção da essência se dá a partir das escolhas feitas, visto que o homem é livre. Nessa condição na qual o homem existe e sua vida é um projeto, ele terá de escolher o que quer ser e efetivar sua vontade agindo, isto é, escolhendo. (CELETI, 2016)

Entretanto, essa concepção existencialista ignora os fatores sociais que constituem o indivíduo, porque, se nós existimos antes da essência, podemos fazer qualquer escolha, entretanto sabemos que isso não é de todo verdadeiro, existe uma coerção social que tenta nos fazer retornar à norma e essas escolhas são limitadas a depender da classe, raça e sexo do indivíduo, porém elas existem e deveríamos ser livres para exercê-las segundo a nossa natureza humana.

Voltando a minha história, assim fui crescendo, me mudei da Saúde pra Brotas e me tornei um adolescente isolado, não entendia o que estava acontecendo comigo ou o porquê de não gostarem de mim na escola nova, era o menor e mais desajeitado da turma e tinha um jeito diferente, sendo rejeitado e maltratado pelos meus colegas, sofri o que hoje se costuma chamar de bullying, não havia um único dia em que eu não pensasse em acabar com a minha própria vida. Cheguei a contar o que estava acontecendo aos meus pais, que disseram que isso era normal e que eu precisava ser forte, assim fui crescendo, cada vez mais fechado e isolado em meu próprio mundo e me sentindo na obrigação de ser forte.

Aos sete anos de idade, meu pai cortou meu cabelo tipo Joãozinho e entrei em um conflito de identidade, perguntavam se eu era menino ou menina e eu não sabia responder, apenas chorava, vi minha mãe reclamar muito com o meu pai por ter cortado meu cabelo, eu não entendia o que era ser menina, mas eu precisava ser uma. Outra grande lembrança dessa época é a de achar que meu órgão genital estava errado, deformado, como se ele tivesse sido cortado; lembro de ter comentado sobre isso com a minha mãe e ela depois de olhar, disse que era absolutamente normal, mas eu fiquei





com essa sensação de anormalidade por bastante tempo, até a minha primeira relação sexual, quando percebi que poderia sentir e dar prazer com aquele órgão genital.

Admirava os heróis e queria ser como eles, derrotar o mal e me casar com a princesa, através desses delírios infantis eu conseguia me imaginar o Seiya dos Cavaleiros do Zodíaco ou o Tommy dos Power Rangers e me sentir forte para superar as adversidades. Vivenciando através das fantasias essa masculinidade que me foi castrada na infância pela impossibilidade de me dizer menino.

Na adolescência, era bastante preso pelos meus pais, que por se preocuparem com as violências do mundo não me deixavam experimentar ou conhecer as coisas por mim mesmo. Tomei gosto pela leitura por causa do meu pai, ele lia bastante, comprava coleções e me falava sobre os livros, e isso me deixava interessado em ler e conhecer aquelas histórias, foram esses livros os meus melhores companheiros nessa difícil fase de minha vida. Sempre me dei melhor com as pessoas mais velhas, não conseguia ter amizade com pessoas de minha idade nessa época, sempre acabava amigo da orientadora do Serviço de Orientação Educacional (SOE), dos professores e alunos mais velhos.

Ao chegar ao terceiro ano do ensino médio, minha escola contratou uma psicóloga pra traçar os perfis de carreira dos alunos e trabalhar nossas questões, mediante pagamento de nossos pais, então pedi a eles para participar. Essa psicóloga foi quem me ajudou a me entender um pouco melhor enquanto pessoa e a começar a sair da concha e fazer amizade com alguns dos meus colegas e me inspirou a ser como ela, eu queria ajudar outras pessoas a se conhecerem e entenderem seu potencial, para que elas não precisassem passar pelo que eu passei.

Aos dezesseis anos tomei conhecimento do que era ser lésbica, por ter uma vizinha que diziam ser, e do quanto isso era abominável e contra a natureza, por sempre ter sentido interesse e atração pelas meninas, minha mãe dizia que eu sentia isso porque desejava ter uma irmã e eu acreditava nisso.

Aos dezenove anos me peguei apaixonado pela primeira mulher, ela era uma amiga muito próxima, fazíamos coisas juntos e conversávamos bastante, aquele sentimento me incomodava, me sentia em conflito, não podia sentir aquilo por uma mulher, mas aquela impossibilidade me inquietava, como eu posso sentir algo por alguém que não é natural, se eu sou a natureza e eu sinto? Existe um natural separado do social?



Ao conversar com uma amiga por carta, relatei o que me acontecia e ela me aconselhou a vivenciar as coisas que sentia, pois só poderia confirmar aquilo vivenciando e que a vida era muito curta pra desperdiçar imaginando como seria e não concretizar. Fiz o que ela falou, fiquei com uma mulher, e aquilo pareceu tão errado e tão certo que eu já não sabia dizer o que era um ou outro, e aquilo nem mais importava. Acreditando ser lésbica, contei aos meus pais, não achei que aquilo seria encarado com naturalidade, mas nem de longe imaginava o que estava por vir.

Minha mãe foi a pessoa que pior lidou com a situação, falou em me levar a igrejas, pois eu estava com o demônio no corpo, e ela nem era evangélica, lembro dela me dizer: “você acha que eu também nunca senti essas coisas? Mas você não pode se deixar levar pelo instinto, isso não é algo natural e ninguém aceita isso.” Porém eu não entendia, instinto não natural? Como algo assim pode existir? E por que alguém precisa aceitar ou não com quem eu me deito além de mim e da pessoa que comigo deseja se deitar?

Após vários momentos de conflito, resolvi sair de casa, fui morar com a família de um amigo meu, entretanto, pouco depois, minha mãe descobriu estar com câncer no intestino e, na necessidade, eu fui chamado a voltar pra casa. Acompanhei seu tratamento por dois longos anos de sofrimento, por ela estar naquela situação e por saber que ela não me aceitava. O tratamento incluiu quimioterapia, radioterapia e cirurgias para retirada do tumor, porém ele já tinha se espalhado e chegou ao cérebro (metástase), a levando à morte dois meses depois de ser internada no hospital.

Após seu falecimento, saí pelo mundo, sofri bastante por não saber elaborar a perda, então eu apenas fugia, isso me fazia não completar nada que iniciava e me jogar em relacionamentos fadados ao insucesso por falta de amadurecimento emocional, apenas como válvula de escape para compensar as minhas necessidades afetivas. Porém me sentia diferente, acreditava ser lésbica, porém não me sentia mulher, essa classe abstrata da qual eu não conseguia o sentimento de pertencimento, apesar de ter aprendido a lidar melhor com o meu próprio corpo por causa de minhas relações com elas, mas por mais que eu tentasse, não era eu.

Assim, o *pensamento hétero* continua a afirmar que é o incesto, e não a homossexualidade, o seu maior tabu. Assim, pelo *pensamento hétero*, a homossexualidade não passa de



heterossexualidade. Sim, a sociedade hétero está baseada na necessidade, a todos os níveis, do diferente/outro. Não pode funcionar economicamente, simbolicamente, linguisticamente ou politicamente sem este conceito. Esta necessidade do diferente/outro é uma necessidade ontológica para todo o aglomerado de ciências e disciplinas a que chamo o *pensamento hétero*. Mas o que é o diferente/outro senão a(o) dominada(o)? A sociedade heterossexual é a sociedade que não oprime apenas lésbicas e homossexuais, ela oprime muitos diferentes/outros, oprime todas as mulheres e muitas categorias de homens, todas e todos que estão na posição de serem dominadas(os). Constituir uma diferença e controlá-la é um *ato de poder*, uma vez que é essencialmente um ato normativo. Todos tentam mostrar o outro como diferente. Mas nem todos conseguem ter sucesso a fazê-lo. Tem que se ser socialmente dominante para se ter sucesso a fazê-lo. (WITTIG, 1978)

Utilizo essa citação para exemplificar o que disse anteriormente sobre a questão do pertencimento dentro da heteronorma, colocado dessa forma, dá pra entender que a heterossexualidade (binarismo) é o conceito base da sociedade patriarcal e o primeiro tabu da humanidade, pois até o incesto subentende essa sexualidade baseada na diferença/dominação binária. Dessa forma, dá pra entender a cisgeneridade como um conceito de ideal binário dentro da própria heterossexualidade, pois se levarmos ao pé da letra o seu conceito, nenhum de nós é realmente cisgênero, pois ninguém consegue performar os conceitos de masculino ou feminino de forma perfeita.

Porém, não é possível descartar a cisgeneridade enquanto cis-tema, nesse caso o cisgênero seria o indivíduo não-trans e, apesar de isso também sustentar o binarismo enquanto cis-tema, não é possível abrir mão dele dentro da sociedade, pois os privilégios são demarcados dessa forma, os que os possuem desaparecem e apenas os diferentes/outros são categorizados e identificados, passando assim o sujeito de privilégios como universal.



Os gêneros não se definem exclusivamente por características biológicas e sexuais, ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem em âmbito cultural, social e histórico, assim, os elementos biológicos não formam a base das identidades gênero. (FREITAS; CHAVES, 2016)

Gênero e sexo são culturais, na verdade não há no humano uma natureza separada da cultura, a cultura é a própria natureza humana; ao colocar a afirmação acima, as autoras nos dizem que apesar de termos características materiais ou biológicas, anatomicamente diferentes, ser homem ou mulher independe delas, apesar da heteronormatividade colocar o genital como base de construção do estereótipo de gênero, dessa forma conseguimos entender as violências com pessoas que fogem a essa norma e a impossibilidade de sua existência dentro desse cis-tema.

A noção de que pode haver uma ‘verdade’ do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes. A heterossexualidade do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre ‘feminino’ e ‘masculino’, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de ‘macho’ e de ‘fêmea’. A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ - isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não ‘decorrem’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’. (BUTLER, 2017)

Essa citação de Butler resume o que eu havia dito sobre a heteronormatividade e suas consequências em sujeitos e corpos desviantes. Assim, eu pude me entender enquanto sujeito em dissidência de gênero, pois sempre me senti a parte desse binarismo de gênero, onde eu consigo chegar mais próximo da vivência masculina do que da feminina, sendo, portanto, um trans homem não binário, por entender que o binarismo de gênero é muito pobre em conceitos para explicar a diversidade humana.



Para chegar nesse ponto, passei por “N” vivências e situações, em relacionamentos e na vida, apesar de performar a feminilidade, não me sentia um ser humano autêntico, conheci a definição de homens trans em 2015 apenas, não existia essa possibilidade antes pra mim, e quando eu passei a conhecer através de canais do YouTube, lembro do medo e da curiosidade, cada vídeo eu me identificava mais e ficava mais confuso, entretanto eu entendia aquilo como uma impossibilidade pra mim aos trinta anos de vida, como poderia dizer que não sou mais lésbica?

O medo de não ser aceito, a ideologia heteronormativa em minha mente dizendo que aquilo não era certo, a falta de conhecimento e de pessoas com as quais eu pudesse conversar ou me identificar me paralisavam. Foi quando, em 2016, passei no curso de Gênero e Diversidade da UFBA, eu que só queria ser psicólogo e não me via fazendo mais nada na vida além disso, me vi diante de um mundo novo, um mundo onde minhas estruturas foram completamente abaladas e eu precisei me desconstruir pra me entender e aceitar, mas que me fez ver que o que estava errado era a minha perspectiva e não a minha essência.

Através desse curso me compreendi melhor, não apenas por causa das aulas e das leituras, mas também por causa das pessoas e das trocas que fizemos, acredito que todos nos beneficiamos dessas trocas, pude entender o meu privilégio enquanto branco e rever certas opiniões baseadas em conceitos equivocados e desconhecimento de vivências e me desconstruir. Hoje entendo a importância dos movimentos feministas e sua diversidade e acredito na união de nossas pautas enquanto pessoas LGBTI+ com a das mulheres, pois todos somos afetados pelo machismo e misoginia em maior ou menor escala e também não estamos isentos de reproduzi-los.

Após me conhecer melhor, pude finalmente me aceitar enquanto uma pessoa trans e acolher o masculino que sempre se sobressaiu em mim, respeitando a minha vivência feminina anterior e a deixando descansar dentro de mim. Durante toda minha vida me cobrei pra ser o mais feminino possível, mesmo não conseguindo, mas finalmente eu pude deixar a minha parte feminina descansar, mas sempre irei honrá-la por tudo que aprendi na tentativa.

### **Referências**

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Tradução de Sérgio Milliet. ed. Nova Fronteira, 3 edição, Rio de Janeiro, 2016.



BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade, ed. Coleção Brasileira, Rio de Janeiro, 2017.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. *Feminists Issues* 1 2 (Inverno 1981).

\_\_\_\_\_. O pensamento Hétero. Texto lido em New York, na Modern Language Association Convention, 1978.

<[http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/filosofia/existencialismo.htm#disqus\\_thread](http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/filosofia/existencialismo.htm#disqus_thread)>

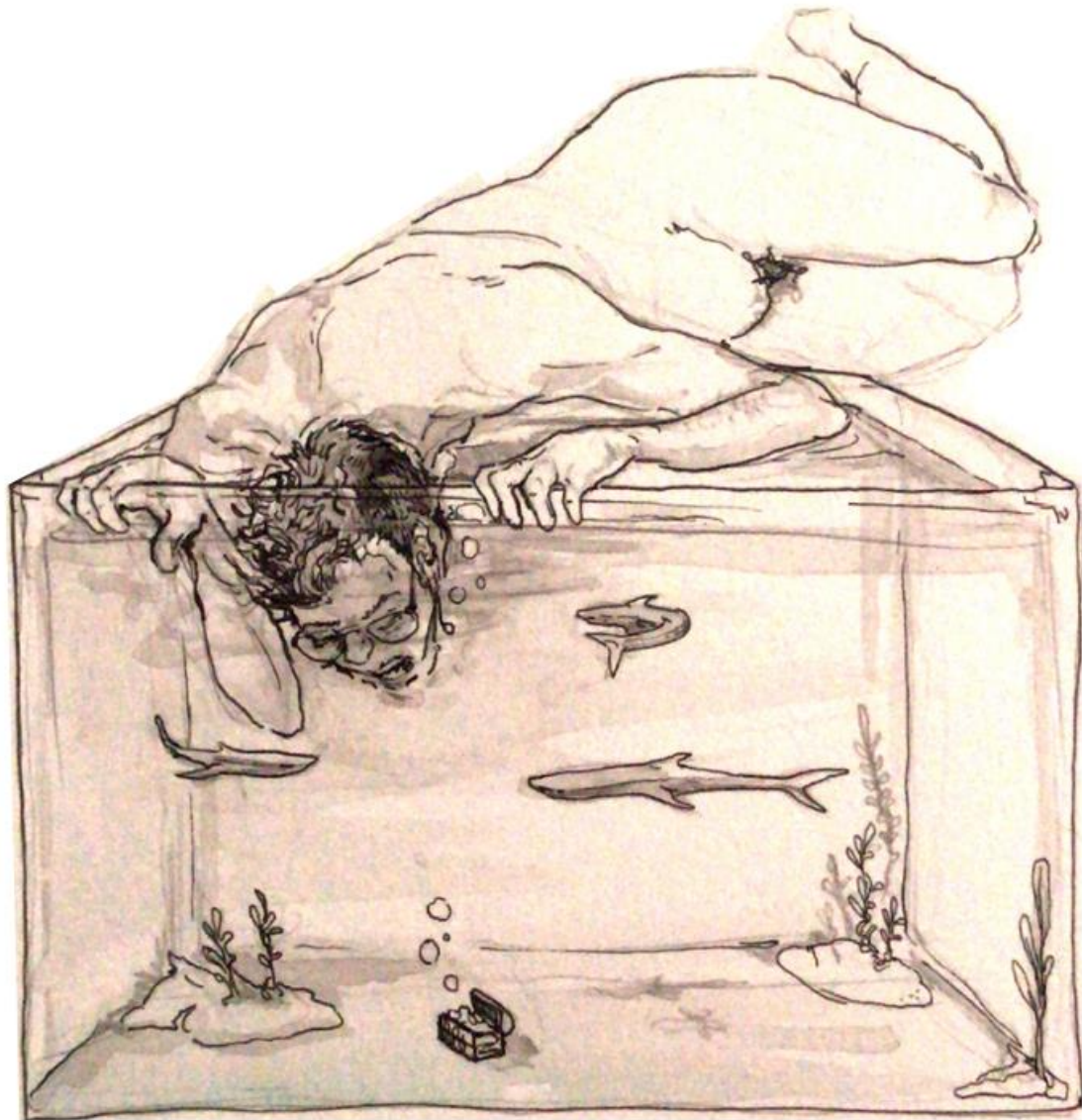
<<http://timmsouza.blogspot.com.br/2013/01/a-questao-do-humano-em-simone-de.html>>

<<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0049-3.pdf>>





**“Passabilidade”. desenho s/ papel, 2016 – Lino Arruda**





## Quanto mais pobre preta e perto de ser mulher for: micro e macro violências na poesia e na arte de Kika Sena

*Esteban Rodrigues*

**Resumo:** Este ensaio levanta considerações acerca das vivências da mulher negra transgênero, a intervenção de fatores sociais em determinados aspectos da sua realidade e a interação entre corpo político e indivíduo particular através da ressignificação do feminino dentro das poesias de Kika Sena.

**Palavras-chave:** Mulher Transgênero; Corpo Negro; Corpo Político; Escrivivência.

### **Introdução**

Pensar na solidão da mulher negra é, sobretudo, pensar quem são as mulheres retratadas e quem são as mulheres apagadas no contexto discursivo geral corriqueiramente. Mulheres negras transgêneros lésbicas são comumente invisibilizadas nos recortes sobre o tema e é justamente onde Kika Sena tem seus pés plantados. Em seu poema Salobra, que originou o título deste ensaio, Kika diz: “o plano deles é / o seguinte / “vamos matar todo mundo / que não seja assim.” / aí mostram um padrão / homem branco e heterossexual / daí tudo o que resta corre perigo” e esse verso retrata tudo o que ela não é, enquanto corpo social e enquanto indivíduo particular. Esse verso mostra que existe uma violência, desde o seu nascimento, que sempre vai lhe fazer de alvo.

A ressignificação do corpo da mulher negra, no que diz respeito à inclusão dos corpos transgêneros, começou a ser percebida com Marsha P. Johnson, uma ativista trans negra, uma das pioneiras na luta pelos direitos da comunidade LGBT e criadora da Brigada Revolucionária das Travestis de Rua. Marsha foi uma figura de representatividade e uma das líderes na revolta de Stonewall em 1969 (que ficou conhecida por ter homens gays, brancos e cis como protagonistas). Quando Marsha foi encontrada morta, seu corpo boiando no Hudson River (NY), em 1992, a polícia concluiu que ela havia se suicidado, arquivando o caso. Pensar no que esse corpo representou e representa para outras mulheres trans negras é enxergar como essas violências as atingem mesmo pós-morte: não há o direito a justificativa. O que nos faz voltar para o poema de Kika Sena e reafirmar: quanto mais pobre preta e perto de ser



mulher for / mais ameaçada de extinção é.

### **Lugar de fala**

aonde mora a minha voz agora, que é suprimida a cada expressão do verbo ser que sai da minha boca olhos cara cabelo pele preta que sopra do meu corpo uma voz que diz sou mulher? aonde mora a coragem nossa de lutar todo santo dia pelo nome que não é chamado pelo pronome ela não identificado pelos olhares que miram atiram respiram forças que oprimem o tanto quanto for preciso pra te empurrar de volta pros armários nossos que não querem mais existir? aonde mora a coragem corrosiva que derrete mesmo esta opressão que liquidifica mortifica essa angústia no peito? aonde mora essa voz que quer dizer: eu não quero mais ser a pessoa a andar à noite ou de dia com medo dessa heterossexualidade machista que mata mata mata mata mulheres trans e bichas a toda hora e ainda arrasta os corpos pra mata pra atear fogo! aonde mora essa voz que sonha e se arrisca em não ser mais esta pessoa que pergunta aonde anda a poesia do meu coração que colore a vida nossa de várias cores deixando esse pedaço de eu respirar no mundo? aonde mora essa voz que quando não encontrada sente-se aflita esmagada derrotada e ecoa perdida pra sempre e sempre e sempre até um dia em fim encontrar-se? (SENA, 2016)

As noções de violência diante do corpo negro transgênero foram, por muito, estigmatizadas. Em sua poesia, Kika transforma essas micro violências em perceptíveis, desapertando os nós na garganta e permitindo que outros corpos, que não o seu, a vejam. O conceito de lugar de fala que foi instaurado é notoriamente produzido por uma epistemologia hegemônica que tende a invisibilizar corpos que não seguem o padrão requerido. Essa mesma hegemonia deslegitima tudo que foge do conceito eurocêntrico de saber e, por conseguinte, de sentir e escrever. Djamila Ribeiro, em seu livro *lugar de fala*, afirma que mulheres negras são *o Outro do Outro* “por não serem brancas e nem homens, ocupam um lugar muito difícil na sociedade supremacista branca por serem



uma espécie de carência dupla, a antítese da branquitude e masculinidade” (p. 39). E apesar de reconhecer as várias possibilidades de ser mulher, Djamila Ribeiro, ao tratar das mulheres negras, evidencia o corpo cisgênero. Existe, na narrativa, o privilégio de ser reconhecida por sua identidade de gênero, de ser chamada pelo pronome que lhe compete e ser reconhecida como tal, sem ter que provar todo o tempo que faz jus a tal mérito. Kika Sena discorre sobre dores invisíveis à onda hegemônica em todo seu poema, “aonde mora essa voz” é a fuga da representação do lugar de fala que é apresentado no contexto social, é a afirmação dessas micro e macro violências, a autoafirmação exposta de quem se é. E não só, mas também reafirmação. A busca pelo seu lugar dentro de um sistema que não te enxerga é infundável e desgastante.

Essa voz que Kika Sena encontra em *lugar de fala* ecoa em sua performance de *Descursos* (2017). Seu grito desenha nas paredes dos peitos de cada um que a ouve: eu sangro e, dito isso, estou viva. Em sua performance, Kika se apoia num primeiro instante na voz de Linn da Quebrada, como se dessem as mãos ao falar, recitando um trecho de *Mulher* onde há, de novo, a autoafirmação exposta de quem se é: “Ela tem cara de mulher / Ela tem corpo de mulher / Ela tem jeito / Tem bunda / Tem peito / E o pau de mulher”. Os recortes da poesia de mulheres trans e travestis em afirmar e reafirmar seus corpos é o que significa encontrar o seu lugar de fala. Saber que esses corpos existem é vivência, mas falar sobre esses corpos é resistência e o lugar de fala se torna escrevivência. Em *Descursos*, a voz que ecoa se personifica em toda construção artística que a envolve. Os braços, os grunhidos, a hora exata em que uma palavra se torna outra e então se torna dor. As palavras se desembaraçam ao atravessar a língua: “Cor / Corr / Corra / Corrra / Cor rra / Cor raça / Corr raça / Corraça / Cour / Courr / Couraça / Courr / Cour / Corraça / Corr raça / Cor raça / Cor raça / Couraça do preto da bicha do pobre que morre na praça / Cor / Corra / Corraçacorra / Coração”, Kika retoma as vozes de Linn da Quebrada, de Marsha e outras centenas de corpos que atravessam essa transgeneridade, multiplicando assim a sua: isso é lugar de fala.

### **Marcações poéticas da interseccionalidade**

Não só em *Descursos* é possível ver a marcação da interseccionalidade na construção artística de Kika Sena. Há um compilado de instrumentos que propõem significados específicos: Cor; Fuga; Raça; Couraça; Corpo; Órgão. Tudo que compõe uma mulher trans negra silenciada e exposta diariamente. E que, ainda assim, sente. A proposta



interseccional da poesia e performance de Kika Sena é um marcador de sua escrita. Em *TapasTapasTapas*, esse marcador é acentuado, a voz se torna protesto: “A marca / do cinto / no peito / nas costas / do preto é / feito esperto / do corpo branco / de jeito nenhum / aceito / o feito / protesto / me atiro e testo / na hora certa / com voz alerta / o grito em verso / e aí... / sou estrondo / bomba atômica / eufórica / aflita / tinindo os ouvidos / de quem bate / e não lembra / porque não quer / porque não quer / porque não quer”. Essa poesia remete à voz da mulher negra que percebe e abraça outros corpos negros ao alcance das opressões estruturais dentro de um sistema hegemônico que nos mostra sem rodeios qual o padrão de indivíduos e corpos que se é esperado ter numa sociedade. A inferiorização de outros corpos diferentes do padrão apresentado proposital e violentamente sugere que tais corpos estão sujeitos a micro e macro opressões, não havendo nenhum vestígio de alteridade nas ações. Sirma Bilge afirma que:

A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais. (BILGE, 2009, p. 70)

Essa reiteração de que visões de mundo se encontram desiguais gera um estado permanente de desconhecimento do valor desse corpo diante de uma estrutura *cisheteroracista* que perpetua. Kika Sena desmonta a ideia que corpos individuais podem estar seguros quando a marca do cinto no preto, feita pelo branco, a faz explodir, reavaliando também a ideia da disputa: não é sobre quem é mais atingido pela opressão, é sobre a complexidade dessas opressões. É sobre a sensibilidade das mesmas cores diante das diferentes dores.





Em *Há tiros* (2016), o marcador racial dentro da narrativa performática é dado ênfase por repetições específicas como “sempre sem sorte”, para que seja criada uma imagem: ao se fechar os olhos, vê-se esse corpo. Todo discurso montado numa estrutura de movimento corporal e alternância vocal faz com que as palavras que ecoam da boca de Kika Sena tomem forma, e uma forma não distante de nós: corpos negros subalternizados, marginalizados, expostos e feridos. Quando ela finaliza com “Sempre sem sorte / o coitado mata / e morre / cem mortes ou mortos / que os ratos roeram comeram sumiram fugiram / tiro / tiro / TIRO / TIRO / TIRO” após ter elucidado o corpo que tem medo da morte, tem porte de droga, tem fome, sem futuro farto, um corpo pobre (e sem sorte), sem acesso à educação, que assume o tráfico. Que corpo é esse que sensibiliza uma mulher negra, diante das ações de um sistema policial falho e moldado numa perspectiva racista, e não as brancas? E até onde o feminismo branco pondera o marcador racial.

A poesia de Kika se transfigura para além do seu corpo mulher e para além do seu corpo negro: há uma concomitante necessidade de falar sobre duas coisas a partir de uma voz, já que essa violência lhe atinge enquanto negra, enquanto mulher e enquanto mãe. A maternidade sujeita após a resignificação do seu corpo lhe colocou dentro de um grupo social que nunca teve os olhos só para si: as mães negras. Todo discurso que lhe sai da boca tende a ser duplamente preocupado, como Bell Hooks afirma em *Vivendo de amor*, para corpos negros “a luta pela sobrevivência não significa somente a forma mais importante de carinho, mas está acima de tudo”.

### **A mulher trans negra que vive [por pouco] e escreve da: hipersexualização a macro violências**

*Detalhe fotográfico* (2016) de Kika Sena ilustra e derrama tudo que é preciso dizer (e já foi dito) sobre o apagamento das violências dos corpos de mulheres trans negras: “A boca costurada / dentro da boca, o pênis e os testículos / um cabo de vassoura no seu cu / o olho esquerdo inchado / indícios de violência física / mas no entanto estava pendurada / na viga do banheiro / com uma corda no pescoço / - não há indícios de transfobia”. A perpetuação da ideia desse corpo sempre estar mais suscetível ao suicídio é também uma retórica violenta. Existe toda uma política de arquivamento de violências para com os corpos negros transfemininos, como Marsha P. Johnson, o que nos mostra que mesmo corpos consideravelmente famosos e reconhecidos são apagados, estão mais





propensos ao suicídio, não há uma mobilização do sistema em reconhecer um agressor diante dos casos de transfobia, racismo e feminicídio.

Tatiana Nascimento (2018) levanta a seguinte consideração:

A articulação entre queer e quilombo não era só evidente, pela parença das palavras mesmo, mas algo urgente a ser celebrado y retomado como modelo pras nossas lutas e existências: compartilhávamos (y ainda compartilhamos) a noção de que um dos pilares mais rígidos e antigos do racismo diz respeito às expectativas sexuais que recaem sobre nossos corpos negros: expectativas que são não apenas hipersexualizantes - mas hiperheterocissexualizantes. (NASCIMENTO, 2018)

A partir daí vivências como Kika Sena, Linn da Quebrada e Marsha P Johnson são imagens refletidas no poema *Detalhe fotográfico*, onde a ideia estereotipada e a expectativa sexual torna esse corpo marginalizado e sujeito a interpretações desmedidas vindas de um padrão heterocisnormativo.

Para esses nomes que são marcados (como Marsha P.) e diversos outros, inseridos ou não na poesia transfeminina, dentro da diáspora negra LGBTQI, são postos num espaço de memória. E essa recontação de fatos não é atual, mas vem de uma cultura de perpetuação de narrativas há séculos, como Tatiana Nascimento ainda afirma, a partir da sua vivência no candomblé, sobre os itans estratégicos “para se pensar a ancestralidade da dissidência sexual na/da diáspora”.

há aquele itan em que Otim era um príncipe lindo que vivia num reino farto até se cansar daquela vida e decidir fugir. Otim chega numa floresta sem saber nada necessário à sua sobrevivência e, passando perrengues como a fome, o medo, a solidão é finalmente encontrado y resgatado por um famoso caçador, o mais reconhecido da família “Odé”, que veste Otim com novas roupas y ensina a ele seu ofício. além disso, Oxossi guarda consigo, também, o segredo de Otim: que sua genitália é de peitos e vagina. ou, como diz o itan que li, que “Otim tem corpo



de mulher”. por que escolhemos, ao longo da história de transmissão majoritariamente oral dos itans, transmitir a história mais normativa em termos de sexo e corporeidade? por que o itan que conta da transexualidade de Otim é menos difundido? porque a história da colonização é uma de heterocissexualização, a forma com que alguns itans são mais ou menos divulgados também tem a ver com isso. por isso a recontação é imprescindível: pra que não morram essas raízes, pra que tenhamos subsídios históricos da dissidência sexual negra na diáspora, pra que a gente se livre da mirada htcisnormatizadora que a colonialidade impôs a nossas trajetórias/existências/simbologias pré-atlânticas como tentativa de planificar e tornar rasas, homogêneas, narrativas, sexualidades, práticas, povos que são muito mais complexas que o binarismo homem/mulher católico difundido como parâmetro de sexualidade como parte da empreitada colonial (NASCIMENTO, 2018).

E diz ainda:

praquela mirada htcis branca estereotipada e homogeneizante, há uma sexualidade própria ou correta da negritude; y sua manutenção enquanto sistema ideológico, político, econômico, afetivo de controle dos corpos e sexualidades negras se dá na base de perseguição e morte, chacota, anulação existencial física e simbólica, enfim, está fincada no não-reconhecimento à autodeterminação sexual preta lgbtqi tanto na diáspora quanto no continente. (NASCIMENTO, 2018)

Diante de tais considerações, as poesias de Kika Sena moldam um cenário onde esses corpos perseguidos e violentados sentem e resistem. Quando não mostram os traços de transfobia presentes, ela os marca. Reafirma. Reconhecer as violências é também afirmar sua identidade e dizer que esse corpo negro transfeminino existe e



resiste. A poesia *Depoimento* é também esse marcador recorrente em seu livro *Periférica*: “Às três de hoje / mataram dez / mataram dez / não / fui eu não / sei quem foi / não fui eu / mataram dez / mataram dez d’eu / não deixaram pistas / à mostra / esconderam os corpos / embaixo da terra / esconderam os ossos: / resto queimado que não / não / mataram eu / mataram dez deu”. Constrói uma narrativa direcionada, onde quem mata tem nome que não precisa ser dito, e quem morre não é lembrado pelo seu nome, mas pelos seus corpos que gritam e não são ouvidos. Estatística.

### **Conclusão**

As violências para com os corpos negros transfemininos decorrem de uma estrutura social heterocisnormativa que propaga um discurso de ódio acerca dos mesmos. A sensibilidade com que Kika Sena abraça essas violências e grita em sua performance *Atire a* “não mexe / não mexe / não mexe / não mexe comigo não... / porque à dor / à dor / à dor / eu sei reagir” evidencia que esses corpos vivos sabem falar, e mais que isso, podem ser ouvidos. O grito que ecoa nas cidades se encontram com a barreira da interseccionalidade tanto discutida. Essas vivências não são consideradas, apesar de alguns deles já terem visto aqui e ali. Quando Kika diz que “mataram dez d’eu”, é onde a difusão desse discurso se dá. É quando um discurso não é só violento, mas sentido por corpos semelhantes como mesma dor. Corpos de mulheres negras, corpos de mulheres trans, corpos dissidentes e seus recortes.

A união entre poesia e performance de Kika Sena e outras artistas negras transfeministas tendem a remoldar esses corpos, vozes, discursos, vidas, para que essa resistência seja também processo de e para superação da dor. E, como Tatiana Nascimento sintetiza, é onde a literatura se forma literacura.

Há essa necessidade de se falar e se ouvir e se sentir pertencente. Entender que se é mais de um, para poder ser um e construir, performar e viver essa identidade, fazendo permanecer a linha tênue entre individual e coletivo. Dez d’eu ainda é sobre um “eu”, não sobre o outro. E é preciso ser mais de um, porque, como afirma Kika Sena, “quanto mais pobre preta e perto de / ser mulher for / mais ameaçada de extinção é”.

### **Referências**

SENA, Kika. **Periférica**. Brasília: Padê editorial, 2017.

DESCURSOS – Kika Sena (Sarau Prosa Latina). Santa Maria - DF: [s. n.], 2017.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9GSvEXBusHQ>. Acesso em: 15 jun. 2019.

ATIRE a – Kika Sena. DF: [s. n.], 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G5ioLGI2YCo>. Acesso em: 17 jun. 2019.

HÁ tiros – Kika Sena. DF: [s. n.], 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vijc1dxFPqA>. Acesso em: 17 jun. 2019

BILGE, Sirma. (2009), "**Théorisations féministes de l'intersectionnalité**". *Diogène*, 1 (225): 70-88.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017. (Coleção: Feminismos Plurais)

HOOKS, Bell. **Vivendo de amor**. Geledés, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 18 jun. 2019.

NASCIMENTO, Tatiana. **Da palavra queerlombo ao cuierlombo da palavra**. Palavra Preta, 2018. Disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>. Acesso em: 18 jun. 2019.

A MORTE e a vida de Marsha P Johnson. [S. l.]: Netflix, 2017. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80189623>. Acesso em: 18 jun. 2019.



## **O corpo transmasculino como um campo de batalha: espaços de narrativas e construções tecno-semióticas.**

*Kaio Souza Lemos*

De todo modo você tem um (ou vários), [...] mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo – e ele espera por você, é um exercício, uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não a começou. [...] Ele é não-desejo, mas também desejo. Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. (DELEUZE & GUATTARI, 2012, p. 11 - 12)

### **Representações do masculino na experiência transmasculina**

Este texto aborda uma análise crítica dos processos de identidade Transmasculina através das experiências e práticas discursivas, das vivências e principalmente da construção do corpo transmasculino. Vivenciamos o contexto de que a identidade Transmasculina resulta em demarcar os limites entre corpos e identidades nos processos de subjetividades, sociais e culturais. Os estudos identitários, especificamente os estudos das transexualidades e dos corpos, vivenciados por muitos anos sobre o domínio das ciências médicas e biológicas, começam a se fazer presentes nas demais ciências e nas artes de viver (FOUCAULT, 2009), mediante a busca pela visibilidade política, social e cultural dos movimentos organizados trans, refletindo também nas redes midiáticas (BENTO, 2005; ARÁN, 2016).

No entanto, mesmo com avanços, ainda predominam os discursos e produções identitários e de corpos nos âmbitos médico, psiquiátrico, psicológico e jurídicos. Mesmo com a retirada da transexualidade e travestilidade da categoria de transtornos mentais da Classificação Internacional de Doenças (CID-10, F64-0<sup>1</sup>), ainda estamos sobre domínio e controle de equipes médicas, da manipulação farmacológica e de uma

---

<sup>1</sup> [http://www.medicinanet.com.br/cid10/1554/f64\\_transtornos\\_da\\_identidade\\_sexual.htm](http://www.medicinanet.com.br/cid10/1554/f64_transtornos_da_identidade_sexual.htm) – Acessado dia 23/10/2019.



sociedade CISHETERONORMATIVA<sup>2</sup> que caminha aos passos do que chamam de “verdade irrefutável” negando a identidade e o corpo trans. Nessa sociedade do espetáculo, onde tudo se vê, onde tudo é apresentado e tudo é performatizado, vai se construindo o corpo do homem trans. No CID-11<sup>3</sup>, a transexualidade passa a ser interpretada e relacionada “à saúde sexual”, sendo classificada como “incongruência de gênero” (MARTINELLI, 2018). Nesses processos, os corpos passam a ser categorizados, conceituados, apontados como: “Pre-operados, pós-operados, hormonizados, depilados, retocados, siliconados, inconclusos, desfeitos e refeitos, arquivos vivos de histórias de exclusão. Corpos que embaralham as fronteiras entre o natural e o artificial” (BENTO, 2005, p. 19).

Nesse cenário, da busca e compreensão do corpo transmasculino, me deparo com a realidade de uma experiência trans como reprodutora de estereótipos de gênero, mas ao mesmo tempo criadora de suas performances, e é nessa problemática que vamos nos debruçar. Para isso, se faz necessário evocar autores como Monte (2012), discutindo a vertente da identidade sob o “efeito do jogo de imposições pós-modernos”, interagindo com os processos tecnológicos de gênero, com as informações e comunicações sociais e culturais e um forte desejo de consumo. Diferentemente da relação identitária, Monte (2012, p. 166) observa a sexualidade da seguinte forma: “[...] Vivemos numa matriz heterossexual em que, no mundo social, os gêneros devem desejar o sexo oposto”. Outro diálogo importante é a crítica feita entre Batista (2004) e Stuart Hall sobre identidade cultural e hermenêutica acerca da literatura de Isabel Allende, afirmando que “[...] uma identidade que seja pura é um equívoco nos dias atuais”. Começamos a perceber o conceito de identidade e corpos como múltiplos. No entanto, o que significa ser transmasculino e ter um corpo transmasculino? Bento (2005, p. 42) vai dizer que essa construção está imbricada em “duas vertentes de produção de conhecimento: o desenvolvimento de teorias sobre o funcionamento endocrinológico do corpo e as teorias que destacaram o papel da educação na Formação da identidade de gênero”. Nesse sentido, a identidade e o corpo transmasculino vão vivenciando a experiência de, por exemplo, em 1973, ser lido e tido como “disforia de gênero”,

---

<sup>2</sup>De acordo com Jaqueline de Jesus (2012): “um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado no momento de seu nascimento, ou seja, as pessoas não-transgênero” e pessoas heterossexuais.

<sup>3</sup><http://sbmn.org.br/confira-a-cid-11-disponibilizada-pela-oms/> - Acessado dia 23/10/2019.





enclausurado na patologia, necessitando de acompanhamento físico e mental, na busca do diagnóstico do “verdadeiro transexual” (BENTO, 2005, p. 43). Já a definição da Organização Mundial da Saúde diz que: “Um termo genérico para todas as pessoas cujo sentido interno do seu sexo (sua identidade de gênero) é diferente do sexo que foram atribuídos no nascimento” (WHO, 2015, p. 4). E quanto a nós, homens trans, o que dizemos sobre nossa identidade e nossos corpos? Para nós, transmasculinidades e corpos transmasculinos derivam em diferentes modos de percepção e em diferentes práticas e experiências. Somos alguém que ao nascer foi imputado às práticas e experiências do universo feminino mediante a genitália lida e tida como feminina. Nesse sentido, utilizamos o termo homem-trans devido ao processo de transição deste homem.

Mesmo vivendo na infância uma imposição cultural, social e familiar de performance e performatividades do feminino, é vivido também em subjetividades a identidade e o corpo masculino, quando é percebido e se identificam com os signos e símbolos masculinos, ou seja, tanto o corpo transmasculino como o cismasculino vivenciam o universo de ser homem através de signos e símbolos. No entanto, os transmasculinos vivenciam a desconstrução de um corpo e ao mesmo tempo injetam outro e com isso promovem mudanças corporais dentre as tecnologias como roupas e sapatos, aplicações hormonais, cortes de cabelos, voz, pelos, ter e/ou desenvolver um pênis e cirurgias. Dito isto, é perceptível a identidade e o corpo transmasculino vivenciado em processos múltiplos de subjetividades masculinas.

Muitas vezes, determinados papéis estão vinculados à identidade masculina, como: ter pênis, possuir cromossomos XY, massa muscular, estatura, pelos e principalmente barba. No entanto, esses papéis se deram socialmente, culturalmente e unicamente ao homem cis-gênero. Casos contrários eram inadmissíveis. O discurso médico diz que é preciso nascer homem cis para ter essa fisionomia e características e Santos, Rios e Jesus (2011) apontam outras características que se configuram como peças chaves na ideologia machista que é a regulação das emoções e o ser viril, o controle das expressões e a ideia do ser dominante.

Segundo Pimentel (2010), ser homem no século XIX significava “não ser mulher”, também não ser homossexual. Nesse sentido, tinham como base padrão a forma de vestir, de andar, corpo e voz. O modelo padrão cisheteronormativo tornando a identidade e o corpo masculino de autonomia CIS. Contudo, a identidade



Transmasculina e o corpo trans ultrapassam o biológico, se inventam e/ou reinventam a partir de suas vivências. Transmasculinidades significa dizer transições em masculinidades, ou seja, uma transição em uma masculinidade já existente, porém invisibilizada pelo padrão cisheteronormativo.

### **Processos de montagens e pertencimentos**

Determinados corpos trans no Brasil nasceram e ainda nascem a partir da Portaria nº 2.803<sup>4</sup> do Ministério da Saúde, em 2013, que reformula e regulamenta o Processo Transexualizador (hormonioterapia, mastectomia e histerectomia para homens trans) e o tratamento psicológico. A equipe profissional se constitui da seguinte forma: psicólogos, endocrinologistas, fonoaudiólogos e cirurgiões que auxiliam no processo de transição corporal (ROZÁRIO, 2016). Um outro nascimento se dá também pelo uso do nome social das pessoas trans, tanto no cartão SUS como nos prontuários de atendimento, por meio da Portaria nº 1.820<sup>5</sup>, de 13 de agosto de 2009 (BRASIL, 2009). Esses nascimentos decorrem do auto reconhecimento da identidade trans pelos próprios sujeitos trans, e são apoiados pelo atendimento de suas necessidades de modificações corporais ou de atendimento psicoterapêutico, caso o sujeito deseje.

Compreender os processos do corpo é compreender não só o viés da medicina, também outras epistemes, como “a difícil arte de se montar” e de se construir mediante participação tecnológica ou com suas “tecnologias nativas”. É conhecer os processos “do fazer gênero” mediante criações de “órgãos, próteses e tecnologias”. É a figura “ciborgue” citada por Donna Haraway (1985) em “Um Manifesto Ciborgue”, também na atuação de Silva e Hall (2013, p. 9) quando diz que “A identidade é relacional marcada pela diferença e sustentada pela exclusão. O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem a identidade”.

Um das tecnologias vivenciadas e/ou percebidas (*falo “percebidas” no sentido de um fenômeno que é almejado, porém por determinadas situações conflituosas não se concretizam*) e mais criticada é a cirurgia de redesignação sexual, por dizerem que é uma réplica do modelo cisheteronormativo. Ao contrário, mesmo binários, os homens trans se deslocam do modelo cisgênero, assim como a parcela de

---

<sup>4</sup> [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803\\_19\\_11\\_2013.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html) – Acessado dia 23/11/2019.

<sup>5</sup> [https://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2009/01\\_set\\_carta.pdf](https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2009/01_set_carta.pdf) – Acessado dia 23/11/2019.



homens trans heterossexuais também se desloca da heterossexualidade falocêntrica a partir dos seguintes entendimentos: 1) ressignificando a genitália (através da linguagem e novas epistemes, ex: no mundo ocidental a genitália biológica dita e lita como feminina – vagina – passa a receber a leitura de pênis) e 2) processos de montagens e pertencimentos do corpo: próteses tecnológicas de gênero, produtoras de subjetividades. Todas as tecnologias cirúrgicas citadas são vividas a partir do sentir, sentir – “eu!”. A identidade e o corpo transmasculino não resultam unicamente dos processos tecnológicos, e sim da descentralização da cisheteronormatividade que domina as subjetividades.

Embora o movimento transmasculino a nível nacional tenha um protagonismo ainda recente, conquistamos nos últimos anos direitos e espaços nos serviços SUS (Sistema Único de Saúde), principalmente no dispositivo ambulatorio transexualizador que tem por objetivo amparar e garantir políticas públicas de saúde. No entanto, ainda são grandes os desafios e as dificuldades encontradas nos diversos estados do Brasil. Uma delas, narrada pela grande maioria de nós, homes trans, que sai em busca de atendimento, é deparar-se com a dura realidade de não acesso à cirurgia de neofaloplastia e/ou metoidioplastia, o que significa uma “[...] desigualdade na produção de tecnologias para intervenção nos corpos de homens trans” (ROCON, 2018, p. 51), mesmo com as observações de Almeida (2012), que percebe os homens trans como um grupo que tem se destacado muito no cenário público.

Os diversos processos da construção do corpo de um homem trans não são fomentados unicamente em construções cirúrgicas e/ou farmacológicas, existem os processos sociais que o constroem a partir de outros eixos, como o direito de ter seu nome respeitado. O que estou querendo dizer é que os processos sociais são movidos por reconhecimentos, sejam eles de performances ou de performatividades, e essas relações penetram no corpo e todo esse fenômeno se move em uma carga de símbolos culturais apresentadas no corpo que vão apontar os signos ditos e lidos pela sociedade como femininos ou masculinos, pois um corpo não mais é que uma construção do olhar do outro que comunica coisas específicas do universo mulher e homem (LE BRETON, 2013).

O que definiria então um corpo transmasculino? As práticas discursivas de mudanças e modificações. São corpos que vivenciam constantes mudanças e modificações, abarcando desde uma nova leitura de si mesmos – reivindicação de



pronomes masculinos, de um nome, de documentos novos, ou somente do reconhecimento externo de sua identidade transmasculina – até modificações corporais – hormonização e possíveis cirurgias, considerando que a realização de modificações *corporais* não está obrigatoriamente conectada com a constituição das transmasculinidades. As mudanças e modificações a que me refiro são discursivas. As mudanças corporais que citei decorrem destas. E o que não definiria um corpo de um homem trans? Dizer que “modificações corporais são procedimentos nos quais os homens trans visam alcançar o corpo idealizado, muitas vezes, relacionado a um padrão de corpo cisgênero masculino” (SOUZA & IRIART, 2018, p. 5).

Homens trans não idealizam um corpo de um homem cis, homens trans idealizam seu corpo de homem. Sendo assim, na lógica da análise: ser homens trans não está embutido em uma réplica ou cópia de ser um homem cisgênero, muito menos na ideia de “homem diferente”; só nos resta a reflexão de que o corpo do homem trans nos instiga a pensar as “diversas masculinidades e diversos corpos” nos processos estilizados das performatividades. E esse mesmo homem trans utiliza as diversas técnicas corporais, sim diversas, até porque não existe somente um tipo de técnica corporal, que produz modificações dos signos ditos e lidos como femininos, operando o corpo e o discurso do corpo, mediante seu corpo (REGO, 2014), e Butler reforça:

[...] o efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero. (BUTLER, 2003, p. 200)

Discutir políticas de homem trans é discutir a política de masculinidades positivas no sentido de que, mediante a produção do corpo masculino, tanto negado pela cisheteronorma, existe uma identidade que o evidencia e força essa mesma sociedade, apresentando outros corpos e outras masculinidades. Até porque, para nós, homens trans, a identidade masculina representa felicidade e pertencimento. É fato que as mudanças corporais dos homens trans surgem mediante os processos de pertencimentos identitários, mas fato ainda são os conceitos simbólicos culturais e sociais do corpo (SOUZA; VIANA; VALE, 2015). E o corpo produz gênero [homem trans sujeitos da



discussão] e o corpo produz masculinidade mediante signos e símbolos realizando o design corporal mediante as cirurgias simbólicas que produzem modificações corporais e identitárias (LE BRETON, 2013).

Na amplidão e extensão do que se entende por performance, me detenho em uma só: o momento da exposição, aquilo ou aquele que vemos; um corpo exposto, criado ou sendo criado e ao ser criado apresentando processos de criação e essa criação não é nada mais e nem menos que “sua criação”. Surge feitura de sua criação, não falo de passe de mágica, e sim a partir de suas transições, de suas mudanças. Surge a figura; está lá exposto, é possível vermos sua presença. Isso é o que entendo por performance: a força da criação (subjetividade) misturada à sua forma, emergindo sua identidade (performatividade). Esses processos muitas vezes são articulados, outros não, e esses processos são desejados e almejados, mesmo em situações contrárias, mesmo que digam que sejam impossíveis. Mas existem subjetividades, como já havia escrito logo acima, existe o desejo de pertencer, e todos esses processos são processos transformadores e que desafiam.

Diante do apresentado relacionado à performance e performatividade dos homens trans, através dos processos transitórios, subjetividades, pertencimentos e das artes da vida, das imagens, das formas, dos rituais de passagens e das liminaridade, temos por objetivo aqui discutir os processos que desconstroem e constroem corpos a partir de seus construtos. São domínios que estão imbricados uns nos outros produzindo seu limiar; o limiar da performance, segundo a reflexão de Victor Turner (1976) em “O processo ritual”, quando ele toma para si os apontamentos de Arnold Van Gennep, outro antropólogo, que escreve sobre ritos de passagem. O que os antropólogos citados nos dizem é que existem processos que separam, processos transitórios e processos que integram e/ou incorporam e entre esses processos está a liminaridade, entre um e outro estado, sem o pertencimento social. E o surgimento dessa performance, o nascimento dela, o momento da criação, de onde vem? Em vias de regras, ela surge primeiramente no momento em que nascemos, mediante uma leitura biológica do que é “macho” e do que é “fêmea”, mas e quando o universo do sujeito e suas subjetividades não está composto na performance criada? Nesse sentido, veremos um outro processo de nascimento, não mais em um ventre, não mais pelas mãos de parteiras(os) e/ou médicas(os), não mais por esse processo ordenado, e sim pela via da subjetividade, da performance ancorada na performatividade. Nesses processos de “vias” acontecem as



desconstruções e em seguida as construções.

### **Referências**

ARAN, Márcia. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 49-63, June, 2006.

BATISTA, J.G. A identidade cultural na pós-modernidade, 2004 Disponível em: <https://www.researchgate.net> Acesso em 21 outubro. 2019

BENTO, B. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n.o 1.820, de 13 de agosto de 2009. Dispõe sobre os direitos e deveres dos usuários da saúde. 2009. Disponível em:

[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1820\\_13\\_08\\_2009.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2009/prt1820_13_08_2009.html). Acesso em 21 outubro. 2019.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia 2. São Paulo: Editora 34, 2012.

JESUS, J. G. de. Crianças Trans: memórias e desafios teóricos. In: Seminário Enlaçando Sexualidades. Anais do III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador: UNEB, 2013. 156 p.

MARTINELLI, A. Após 28 anos, OMS deixa de classificar transexualidade como doença mental. Disponível em [https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/18/apos-28-anos-transexualidade-deixa-de-ser-classificada-como-doenca-pela-oms\\_a\\_23462157/1/7](https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/18/apos-28-anos-transexualidade-deixa-de-ser-classificada-como-doenca-pela-oms_a_23462157/1/7). Acesso em outubro de 2019.

MONTE, S. da S. A identidade do sujeito na pós-modernidade: algumas reflexões. *Rev. Fórum Identidades*. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 6, v. 12, jul-dez., 2012.

LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo*. 6. ed. São Paulo: Papyrus, 2013.

PIMENTEL, A. *Cuidado paterno e enfrentamento da violência*. SP : Summus, 2008.

REGO, Francisco Cleiton Vieira Silva. Hipertrofia muscular como expressão da masculinidade entre homens transexuais: Masculinidade e ética antropológica. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29, 2014, Natal. Anais .... Natal: 2014. Disponível em:

[http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401924790\\_ARQUIVO\\_REGO,FC](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401924790_ARQUIVO_REGO,FC)





VS\_GT24\_HIPERTROFIAMUSCULAR.pdf>. Acesso em: 23 outubro 2018.

ROZÁRIO, E. S. B. do. Para além das plumas e paetês: a atuação do movimento LGBT de Belém-PA no enfrentamento à LGBTfobia. 165 p. Dissertação (Mestrado) -, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, 2016.

SOUSA, Diogo; IRIART, Jorge. “Viver dignamente”: necessidades e demandas de saúde de homens trans em Salvador, Bahia, Brasil. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 34, n. 10, e00036318, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2018001005007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2018001005007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 23 outubro. 2019.

SOUSA, Eduardo Sergio; VIANA, Alba Jean Batista; VALE, Johnatan Marques. Os homens trans e a corporeidade: o complexo fenômeno da busca do sujeito social masculino. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Transexualidade e Travestilidade na Saúde. Brasília, 2015. p. 11-127.

WHO - World Health Organization. Policy brief: Transgender people and HIV. Geneva, Switzerland: WHO Press, 2015.



**desenho s/ papel, 2018 – Lino Arruda**



## **A visibilidade intersexo é essencial para despertar a sociedade a respeito das cirurgias de normalização, que acontecem no país e no mundo, sem levar em consideração o futuro da criança**

*Amiel Vieira*

Olá pessoas, tudo bem? Faz um tempinho que ando pensando em escrever sobre essa minha condição, desde que me assumi homossexual, mas nesse vai e vem da vida só hoje resolvi por isto em pratos limpos. Vou começar com minha história, depois vou apresentar algumas ideias e dados. Lembrando que não sou especialista no assunto, mas um paciente que procura sempre aprender.

Nasci com 9 meses e alguns dias, fui uma criança problemática na questão de saúde e o Hospital das Clínicas, em São Paulo, era minha segunda casa. Fiquei um mês internado pra ganhar peso e estabilizar, já que nasci bem fraquinho. Andei com 2 anos e 6 meses de idade, aos 3 comecei a usar óculos, aos 4 já sabia o alfabeto de tanto minha mãe usar as letras pra testar a minha visão com um olho que usava tampão, aos 7 soube que não tinha o sistema reprodutor feminino e aos 10 passei a tomar hormônios femininos.

Tratado no melhor hospital do país, fui crescendo sendo acompanhado pela equipe médica do Instituto da Criança e de uma mãe atenta ao meu desenvolvimento da infância à vida adulta. Aos 12 anos fui instruído a contar para minhas colegas que, como elas, teria menstruado, mas na realidade nunca vi sangue sair da região pélvica a não ser durante uma infecção urinária aos 8 anos. Aos 20 anos passei pela minha última cirurgia que fechou o ciclo de normalização e prossegui minha vida até o ano passado.

Sempre fui o responsável por cuidar dos papéis da minha casa, desde a adolescência eu guardava e sabia onde ficavam as escrituras ou as contas do mês x ou y, sempre gostei de cuidar de documentos, a não ser no momento em que precisavam daquela conta que ninguém e nem eu achava (rs). Em agosto de 2015, eu prometi que meus 33 anos seriam diferentes, eu esclareceria minha história e procuraria me conhecer e me entender melhor e, em setembro, achei nas limpezas de papel uma carta endereçada a minha mãe de 1996. A carta apresentava meu problema médico, dava nome aos bois e junto com uma amiga passei a investigar a Síndrome de Insensibilidade

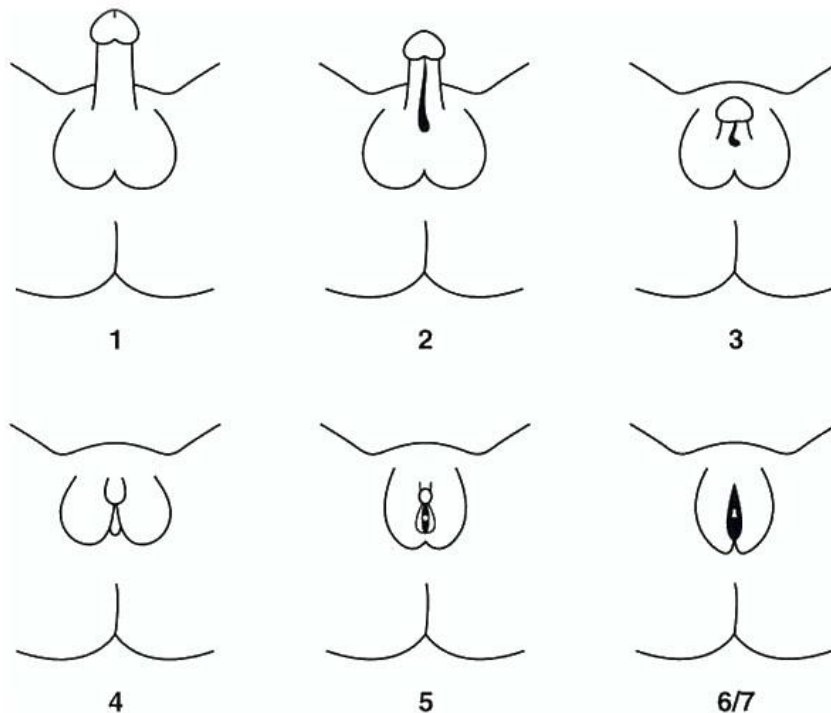
a Andrógenos que só descobri aos 33 anos, depois de ser mantida em segredo pela minha mãe, e é esta a condição que se encaixa no Intersexo que passo a apresentar agora.

### **Intersexo: O que é?**

O nome intersexo é dado ao indivíduo cujo sexo biológico não pode ser definido como masculino ou feminino. Isso acontece porque os padrões genéticos do desenvolvimento fetal humano podem ser cromossomos sexuais = **XY**, com testículos, que desenvolve uma genitália masculina, ou **XX** tem ovários e genitália feminina, sendo que o intersexo é um problema de distorção congênita, cromossômica ou hormonal na criança, além disso, segundo cálculos da organização intersexual internacional, ocorre em cada 1 de 1500 crianças nascidas ao redor do globo.

### **SIA como condição intersexual**

Como traço da congenitalidade intersexual, a SIA faz com que seus portadores completos ou parciais tenham um cromossomo X incapaz de reagir a testosterona e seus derivados que podem produzir um indivíduo com desenvolvimento genital feminino no caso da congenitalidade completa ou então ocorrer a formação de genitália de espectros entre o feminino e o masculino no caso da congenitalidade parcial (meu caso).





A Figura acima demonstra os vários tipos de genitália produzidos num indivíduo portador da síndrome. Na congenitalidade completa pode ser possível que o indivíduo cuja genitália é feminina possua testículos intravaginais. Ambas as congenitalidades podem necessitar de cirurgias de normalização para adequação do indivíduo à vida em sociedade. Normalmente, após os primeiros meses de vida, assim que entra na puberdade ou descobre o problema na vida adulta é requerido o exame que avalia os cromossomos do indivíduo, e aí se opta em conjunto com a equipe médica e a família, o gênero que mais deve se adequar a criança, o que normalmente tende a ser o feminino por ser uma cirurgia de maior facilidade de correção.

O problema ocorre tempos depois, pois a criança pode ter traumas e questões psicológicas importantes a serem tratadas, pois pode ou não se adequar ao gênero escolhido e isto é algo que deve ser levado em conta, pois, por exemplo, há casos em que se pode optar pela mudança de gênero caso a criança não se sinta menino ou menina. Em alguns países da Europa, como a Bélgica, cirurgias de normalização são proibidas para que não se cause transtornos psicológicos no futuro da criança.

Um estudo de 2011, concebido pelo centro do pacífico para o sexo e a sociedade, da Universidade do Havaí, descobriu que as respostas psicológicas dos indivíduos SIA com relação à doença eram relacionadas ao sigilo, ao estigma e a vergonha, a sentir-se diferente das outras pessoas, em geral, preocupações em relação à infertilidade, à identidade e suas resoluções, quanto a masculinidade e a feminilidade. Quanto aos indivíduos com congenitalidade parcial, 61% dos entrevistados consideraram suicídio e 17% tentaram se matar. Eu me encaixo nesse perfil, tive questionamentos quanto a minha feminilidade já que não consigo me maquiar ou usar brincos, algo tão comum à maioria das mulheres e tido como ornamentos do feminino e que 56% das entrevistadas mulheres, na pesquisa, tiveram que trabalhar para se produzir como uma mulher feminina, além de não ter passado pelos ritos de passagem da mulher adulta como menstruar ou engravidar. Eu, por não me aceitar ou me compreender, tentei 3 vezes suicídio, parando de tomar hormônios essenciais para minha sobrevivência (segundo os médicos). Como fruto de todo esse processo SIA, ainda me sinto uma pessoa indefinida, talvez por traços psicológicos impressos pela doença ou por não me sentir ajustado socialmente.

Para mim, a visibilidade intersexo é essencial para despertar a sociedade a respeito das cirurgias de normalização, que acontecem no país e no mundo, sem levar



em consideração o futuro da criança. O corpo e psiquê humana são estruturas variadas e sábias, acredito na necessidade da conscientização da sociedade para olhar o corpo, mesmo com seus defeitos, mas uma sabedoria própria e intrínseca. Um exemplo disso foi o filme que me chocou por questionar a binaridade sexual presente em nossa sociedade e a tendência de normatização pela via médica. **XXY**, um filme de Lúcia Puenzo, com o fantástico Ricardo Darin, provocou-me a pensar que o corpo pode ter suas próprias escolhas com influências químicas ou ambientais, mesmo que a genética básica não o defina ou então aceitarmos a condição de intersexualidade que transcende a binaridade e provoca um trânsito que pode ser saudável tanto física como mental para o indivíduo.

Ainda estou em processo de aceitação da minha história e do meu corpo, mas faço da minha história um alerta para as mães e crianças do presente e do futuro não sofrerem os danos causados pelo sigilo, a desconfiança, a escolha prévia que alteraram para sempre o rumo da minha história.

### **Referências**

*THE term intersex was adopted by science in the early 20th century and applied to human beings whose biological sex...*oiiinternational.com

<https://www.facebook.com/visibilidade.intersex>

Intersexo – Vivo Mais Saudável. *Intersexo é um grupo de condições onde há uma discrepância entre a genitália externa e a interna (testículos e ovários...*vivomaissaudavel.com.br

What is AIS? *Website for Androgen Insensitivity Syndrome Support Group*www.aissg.org Filme **XXY** e a questão da Binaridade sexual <http://editorialpaco.com.br/a-licao-de-alex-em-xy-desnaturalizando-o-binarismo-sexual/>

Imagem e infos sobre a parte psicológica relacionada ao AIS: <<http://www.hawaii.edu/PCSS/biblio/articles/2000to2004/2004-ais-and-klinefelters.html>>





## **Produção não preta: corpos contemporâneos**

*Alex Pletu*

### **Corpo é território**

há sempre um negro, um judeu, um chinês, um mongol. Um ariano no delírio, pois aquilo que faz fermentar o delírio são, entre outras coisas, as raças. Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando à pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada. (MBEMBE, 2011, p. 11)

Trago nesse artigo minhas inquietações pessoais, a respeito do entendimento do corpo como lugar, que não é indissociável das consequências de carregar consigo os atravessamentos, na contemporaneidade, levando em consideração uma análise crítica da exposição “PretAtitude: Emergências Insurgência Afirmções” que ocorreu no Sesc Vila Mariana entre Maio e Agosto de 2019, ressaltando a potência da Arte Afro-brasileira Contemporânea. Danilo Santos de Miranda, atual diretor do Sesc São Paulo, expõe um pouco da importância que a exposição tem nos dias atuais e coloca como são imprescindíveis as construções poéticas capazes de ressignificar a realidade, o exercício da vida profissional artística, onde uma bagagem de pré-requisitos muitas vezes é imposta, e o caminho não se torna igualmente disponíveis a todos, ou quando a legitimação da obra junto a equipamentos culturais, não são habilitados, para financiar ou enxergar aquela produção como arte. Ainda assim, expõe de um jeito pontual a posição, com a qual a produção negra se encontra, muitas vezes, por causa da grande realidade, Danilo cita: “corresponde a uma atitude insurgente, desafiadora, de um status quo que privilegia uns (poucos) em detrimento de (tantos) outros”; ele justifica que o Sesc, ao propor essa exposição, está ciente do seu papel viabilizador e validador das manifestações artísticas, em sua multiplicidades, e, na minha opinião, essa exposição representa uma boa parte dos corpos pretos, e seu percurso no mundo artístico, trazendo questões do cotidiano à tona, vomitando pautas emergenciais, e propondo reflexões



ativas, pois, ao caminhar na exposição, eu fiquei admirado com todas as referências e artistas pensando, na intersecção e imersão do corpo negro.

### **Corpo**

O corpo é matéria orgânica, porém não se pode descartar o fato dele seguir sendo também outros aspectos, que percorre os campos sociais, culturais e artísticos, e refletir sobre e como esse corpo se identifica, dentro de uma sociedade que apagou/apaga sua existência, ou seja, o raciocínio que trago é necessário, pois para nós, pretos, entender o corpo como lugar é mais desafiador, quando lutamos também, por uma parte da esfera, que permeia o campo das produções artísticas, feita por corpos pretos.

Se recorremos a algumas concepções de corpo para os gregos, temos Aristóteles, que confessava a ideia de alma e corpo sem que nenhum estivesse a serviço do outro ou posto de maneira superior, mas que juntos formavam uma unidade substancial e que o corpo não é só o meio como recebemos e percebemos as “coisas”, mas a ferramenta que possibilita a maior compreensão do sensível.

Aristóteles defendia que as ideias são adquiridas através da experiência, da observação e realidade por meio de seis formas: sensação, percepção, imaginação, memória, raciocínio e intuição. O conhecimento sensível e intelectual surge de todos os lados e jeitos, não há separação, eles se complementam. Ao contrário de Platão, que explica que ao nascer já temos toda a carga de vida formulada e isso não muda.

O corpo negro teve toda sua história apagada, e eles insistem em propagar a ideia de que não existe ancestralidade, raízes, algo que possa mostrar de onde viemos; então podemos compreender que a linha de Aristóteles mostra como é importante essa construção histórica para o desenvolvimento do ser humano, e para o negro essa construção ainda é muito difícil, pois a história sempre foi contada a partir das reações do negro, porque ao longo do tempo, ele foi colocado como um personagem figurativo, na narrativa branca e soberana, ao invés do incentivo a criar sua própria narrativa e ser o ator principal dela, porém ao vermos uma exposição onde os artistas das obras são os protagonistas, das falas ocultas ou não, que cada produção ali estabelece, é muito agradável, pois vemos a possibilidade de um corpo negro falar das próprias dores, ocasionando logicamente um agrupamento e demarcação coletiva de outros tantos corpos negros.

Então, considerando entrelaçar alguns pontos, o corpo preto, hoje, ainda se



movimenta mais que qualquer outro, e, como seus antecessores, nós criamos, todos os dias, novas táticas de sobrevivência/resistência, uma vez que temos presente quilombos urbanos, escritores, artistas, professores.

Assim, o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais. (BRETON, 2007, p. 29)

Muitos corpos usam de seu patrimônio intelectual, abusam de sua arte, para reivindicar nosso direito em todas as áreas, para reintegrar partes mal contadas dessa dita história (escória) e, sobretudo, questiona as estruturas postas, pois, quando se recebe toda história que foi apagada durante anos, o pertencimento e tudo o que rodeia passam a tomar novas rédeas e nos propor inclusive nossas percepções do mundo, e com isso toda uma sociedade que foi moldada, de uma forma predadora, pode se transformar e transformar outros espaços.

### **O corpo não preto**

Sidney do Amaral, na obra *Açoite*, identifica um corpo, que pode ser qualquer corpo, mas o enquadra, quando leva até os olhos do observador, uma imagem nítida que corresponde a um corpo preto, mas, antes de tudo, um corpo de denúncia, um “espaço” como lugar, lugar de depósito, de anseios, desejos, medos, emergência, Insurgências, mas anterior a tudo, sempre um lugar de afirmações, pois o corpo na contemporaneidade é a própria significação, a matéria que corresponde, antes de tudo, aos estímulos, ora, a arte contemporânea aciona o corpo, sem necessariamente convidá-lo; sendo assim, considero que o corpo nunca responderia nem ao início, nem ao final do processo, ele vem em caráter do “está”, sendo a própria passagem, seguindo sendo, a possibilidade de transitar por vezes firme e presente.

E o que define alguns traços, de entender o corpo preto como lugar, dentro da arte contemporânea, é que não inválido, a verdade de que todos vivem na forma humana, vivem no tempo espaço, mas o corpo preto permeia, o que vou colocar de contraponto, pois se fossemos falar da ideia de lugar aos não pretos, essa concepção não conseguiria permear a ideia de lugar, não íamos conseguir ir adiante sem considerar,



esse contraponto uma problemática, pois historicamente ou não os pretos sempre existiram em seus moldes, seja no campo das representações, físico ou estereótipos, já o corpo preto existe em contraponto, pois se, por um lado, teve parte de sua história roubada, sua ancestralidade, muitas vezes apagadas, ou forjadas, suas produções artísticas, incisivamente deixando de ser legitimadas, hoje segue redesenhando as configurações impostas, procurando entender o lugar constantemente, sem buscar entender a ideia de lugar, oriunda de uma perspectiva branca, em suma, atestar a ideia de lugar do corpo preto, começa por assumir que tem espaços, onde se observa a criação de um terceiro corpo de resistência sublime, que aqui vou chamar de Quilombos, ou quaisquer “corpo” coletivo que se armam da pauta da negritude por uma questão de sobrevivência, e longevidade dos corpos pretos, porém não podemos falar que não vivemos tempos difíceis, onde sua presença não é bem vinda, por vezes preconceito, insistência, por depositar as pejorativas e muito vezes no sentido sexual, erotizado.

PretAtitude traz na exposição um pouco da forma, propagação, produção, por meio de expressões artísticas negras, sendo fácil perceber que ela foi pensada de maneira que há uma abordagem do óbvio mas que de alguma forma, ainda é velado, ela dialoga intrinsecamente com histórico do corpo preto, mas também apresenta esse corpo preto, na realidade atual, nos levando de forma profunda, algumas das muitas pautas junto aos atravessamentos nos corpos negros, e essa complexibilidade que vai para além do campo artístico. Eu, ao percorrer a exposição, três obras ficaram mais na minha cabeça, e todas elas de mulheres; a primeira foi da Lídia Lisboa nascida em Paraná-1977, ela expõe em sua obra a ideia de corpo poético, que é também político, sensual e martirizado onde pensa sobre e na perspectiva de produções artísticas, feita por mulheres, realizam-se sensíveis operações de grande espessura poética, e que denunciam, por exemplo, as violências que historicamente contra elas são perpetradas.

A segunda foi Janaína Barros nascida em São Paulo, que fala da mulher levando nosso olhar, para uma questão mais da memória, das histórias e dos afetos, da mulher negra, lançando algumas discussões sobre o corpo específico da mulher negra, e as projeções e expectativas nele lançadas, sendo trabalhos de caráter marcadamente emotivos, que não descuidam das soluções formais apropriadas, e também a artista Rosana Paulino que se debruça na história pretérita, em seu trabalho, tem certa afronta ao racismo estrutural do Brasil, levando seu corpo também a discorrer sobre esse processo que é doloroso.



### **Produção preta: exposição Pretatitude (2020)**

Se a arte afro-brasileira constitui hoje uma realidade incontornável, isto se deve ao trabalho e atitude persistente de toda uma coletividade de artistas, pesquisadores, curadores, instituições, museus, galerias e, claro, colecionadores<sup>6</sup>.

A ideia de lugar prevê uma comunicação, com o lugar físico e também das representações, que chega a percorrer muitos pontos, pois, dependendo do contexto, teoria ou questão empregada, a ideia de lugar começa a sofrer novos contornos, e na perspectiva de análise, chega a nos remeter a um entendimento de espaço. O corpo negro que podemos enxergar na arte contemporânea, e presente na Exposição, nos desloca para uma outra lógica, uma vez que a produção das obras ali inseridas é de corpos pretos; nessa perspectiva, então, propondo um novo e intrínseco diálogo de títulos, como os protagonistas principais, do próprio conceito, que é apresentado para o observador, passando por rotas de que suas afirmações transpassam a matéria indo parar em seus trabalhos artísticos; o corpo então passa a ser a própria experimentação, a matriz a qual abarca os atravessamentos, e falar das produções artísticas Afro-Brasileiras é entender que aqueles corpos, ganham uma dimensão mais complexas ao se tornar a própria matriz, senão a própria experimentação na arte contemporânea, pois o corpo sempre esteve presente dentro das artes, mas na arte contemporânea ele passa muito fortemente, a idealizar a ideia de lugar, passando a ser o tráfego entre um ponto e outro, sendo a própria significação e matriz.

PretaAtitude supera qualquer problema expográfico, na medida em que consegue com sucesso levar a cabo seu principal objetivo: marcar a profunda diversidade de caminhos que hoje em São Paulo apresenta a produção afrodescendente (a maioria dos artistas representados nasceu ou vive na cidade ou no estado). Se no conjunto das obras percebe-se a presença (difusa

---

<sup>6</sup> Disponível em: <[premiopipa.com/2018/02/pretatitudo-traca-panorama-da-arte-afro-brasileira-h](http://premiopipa.com/2018/02/pretatitudo-traca-panorama-da-arte-afro-brasileira-h)> Acesso em: 20 Nov .2019 .



ou mais intensa, dependendo de cada artista) dos traumas da diáspora africana informando as respectivas subjetividades de seus autores, Claudinei Roberto também se esforça, e com sucesso, para apresentar obras de autores distantes dessas questões, demonstrando que o artista afrodescendente não precisa ser necessariamente identificado somente como aquele que, de maneira explícita, trata dos dramas do passado e do presente de seu povo<sup>7</sup>.

A exposição nos propõe antes de tudo uma interação e memória, uma espécie de resgate para aquilo que agora está exposto e de alguma forma vem sendo denunciado. Uma obra que me chamou muito a atenção foi a de Janaina Barros, onde ela traz a Psicanálise do cafuné, Sobre Remendo, Afetos e Território; ela nos leva a pensar sobre as construções afetivas que o corpo preto é ensinado, e como isso historicamente foi atribuído também muitas vezes de maneiras deturpadas, como, por exemplo, o corpo negro sempre visto como objeto de satisfação sexual, muitas vezes desvinculado da questão do sentimento; um exemplo que podemos dar é quando as mulheres pretas tinham que se subordinar, e de alguma forma servir ao homem branco. As obras de Janaina sempre permeiam esses lugares, e também o protagonismo do corpo da mulher.

chamam a atenção também as colagens e bordados de Janaina Barros, deslumbrantes pela delicadeza da fatura, mas, sobretudo, pela ironia fina das narrativas evocadas. Felizmente Janaina está longe de ter se tornado mais um êmulo de Leonilson. Se aqui ou ali, nota-se ainda alguma ressonância dos trabalhos daquele artista, impossível não considerar a singularidades de produção ao discutir gênero e raça<sup>8</sup>.

Considerar e discutir gênero e raça são realmente enriquecedores na

---

<sup>7</sup>CHIARELLI, Tadeu. Preta Atitude. Emergências, insurgências, afirmações: arte afro-brasileira contemporânea, 2019. Disponível em <<https://artebrasileiros.com.br/arte/pretaatitude-emergencias-insurgencias-afirmacoes-arte-afro-brasileira-contemporanea/>>. Acesso em 20 de Nov. 2019

<sup>8</sup><<https://artebrasileiros.com.br/arte/pretaatitude-emergencias-insurgencias-afirmacoes-arte-afro-brasileira-contemporanea/>>. Acesso em 20 de Nov. 2019





contemporaneidade. Uma outra artista que também me chamou atenção na exposição foi Rosana Paulino que leva essas duas pautas para seu trabalho; a obra que me agradou mais foi uma que ela falava um pouco do entendimento desse corpo preto dentro das ciências, acredito que esteja dentro da série: Assentamento, onde ela traz para discussão imagens cujo traços discorre sobre a representação de um corpo sendo arduamente estudado, e, ao mesmo tempo, ela coloca outros traços de representação, nos levando traços que se assemelham a raízes, que por hora nos remete a natureza, ou a essência de existir de modo grandioso e estabelecido. Em uma entrevista ela diz:

Quero expor o “racismo científico”, teses de superioridade racial e pseudociências, como a craniometria, que animalizaram o corpo negro e tiraram sua dignidade, moldaram a sociedade brasileira. Elas levaram à ideia de trazer imigrantes europeus para embranquecer a população. É isso que justifica um corpo negro levar 80 tiros e sociedade não fazer absolutamente nada. Isso foi naturalizado<sup>9</sup>.

Sem dúvida, a exposição é um manifesto, e também mais que uma reafirmação de que a produção artística afrodescendente é o maior e mais sofisticado pulo do que entendemos no mundo da arte contemporânea, levando em consideração que ela percorre e atravessa todos os campos, e dialogando também com as dinâmicas instauradas pelo sistema de arte, de modo que sempre tende a ser uma conta que não fecha, nos fazendo questionar quais são elas, e tentando entender porque ela em si atravessa todos os corpos, se não mais o corpo preto.

Em uma exibição, o protagonismo deve ser de todas as obras exibidas e de cada obra em particular. Independente do partido adotado para reuni-las, do tema ou do assunto, ou mesmo da importância já assumida pelos autores das obras (ou pelo responsável pela exposição), o que vale são as condições dadas para que cada obra possa dar-se à exibição plena, sem entraves,

---

<sup>9</sup>2019. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/rosana-paulino-arte-negra-nao-e-moda-nao-e-onda-e-o-brasil/>> Acesso em 20 de Nov. 2019



sem impedimentos, para que o espectador possa estabelecer contato direto com cada obra em particular, sem que uma atrapalhe a outra pela excessiva proximidade.<sup>10</sup>

A arte contemporânea estabelece uma condição, a de tocar; ela não convida o público, mas aciona, puxa, e se deparar com ela é ser conduzido para o cotidiano atual das artes, mas que não anula os aspectos sociais, políticos e econômicos, sem perder o diálogo com o dispositivo da sensibilização humana. Todos os corpos pretos unidos nessa exposição se encontram em um único eixo, que é o de ter um olhar carinhoso e fiel para a produção afrodescendente, a fim de cortar o tráfego que sempre tende há ir, junto com a história da arte, que incisivamente se pretende ser hegemônica; o sistema de arte, muitas vezes exposto de forma eschachada e perversa, vem sendo quebrado por conta da diversidade, e causas emergenciais, que transcende muitas vezes o que demarca o universo da arte,

momento em que a história e as coisas se voltam para nós, e em que a Europa deixou de ser o centro de gravidade do mundo. Efectivamente, este é o grande acontecimento ou, melhor diríamos, a experiência fundamental da nossa época.<sup>11</sup>

Mas os corpos pretos insistem em querer adentrar esse lugar de transitoriedade, esse lugar de ter certa extensão ou expansão de si, levando suas produções artísticas, e com isso essa arte contemporânea fica mais interessante, pois permeia a multiplicidade. Os corpos carregam em seus discursos a busca pela liberdade, liberdade dentro do tempo, que todos continuamente então imersos, e quando o corpo sofre os atravessamentos, ele passa a ser o nosso principal termo, ele estabelece uma condição, de ser um dispositivo de sensibilização do sofrimentos, que nos são impostos, e é nessa hora que o artista assume um decisão/posição, e a arte passa a ser colocada, no limite da consciência onde tudo é, por consequência, a busca pela busca, a arte contemporânea, concluir por hora, o tráfego quando o “nada” e “tudo”, nos é apresentado diretamente ou

---

<sup>10</sup>CHIARELLI, Tadeu. PretaAtitude. Emergências, insurgências, afirmações: arte afro-brasileira contemporânea, 2019. Disponível em <<https://artebrasileiros.com.br/arte/pretaatitude-emergencias-insurgencias-afirmacoes-arte-afro-brasile-ira-contemporanea/>>. Acesso em 20 de Nov. 2019

<sup>11</sup>MBEMBE, Achille. Critica da Razão Negra, 2011, p. 9



indiretamente, e nos deixa a capacidade de pensar e a partir disso questionar. A produção artística afrodescendente contemporânea, tem a potência de ser o mais recém legitimado patrimônio da arte brasileira, para além do que é entendido pelos não pretos como arte.

### **Referências**

- CHIARELLI, Tadeu. PretaAtitude. Emergências, insurgências, afirmações: arte afro-brasileira contemporânea, 2019. Disponível em: <<https://artebrasileiros.com.br/arte/pretaatitude-emergencias-insurgencias-afirmacoes-arte-afro-brasileira-contemporanea/>>. Acesso em 20 de nov. 2019
- CULTURAL, Patrimônio. Rosana Paulino: ‘Arte negra não é moda, não é onda. É o Brasil, 2019. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/rosana-paulino-arte-negra-nao-e-moda-nao-e-onda-e-o-brasil/>> Acesso em 20 de nov. 2019
- PIPA. “PRETATITUDE” TRAÇA PANORAMA DA ARTE AFRO-BRASILEIRA Disponível em: <<http://www.premiopipa.com/2018/02/pretaatitude-traca-panorama-da-arte-afro-brasileira-hoje/>>. Acesso em: 20 nov. 2019
- MBEMBE, Achille. Critica da Razão Negra. 1Ed. Portugal: Antígona, 2014.



## **Pessoas trans são gente que sobra: uma breve análise marxista da transgeneridade**

*Orlando Tailor Vinhoza*

O presente artigo visa analisar a experiência de pessoas trans em nossa sociedade sob importantes conceitos cunhados por Karl Marx, o de “pauperismo” e “gente que sobra”. É necessário frisar que não se trata de homogeneizar as experiências trans e travestis, colocando-as em posição de igualdade numa sociedade dividida em classes. Por ser uma análise breve sem grandes pretensões, utiliza-se uma generalização, levando em conta o fato de que a maior parte da população trans e travesti é composta por pessoas da classe trabalhadora, sendo as mais vocais na luta por direitos e também as maiores vítimas de violências, pessoas trans negras. Portanto, é a estas que se refere o artigo, não se tratando de negar privilégios de pessoas trans e travestis brancas e ricas.

No Capítulo XXIII d’O Capital, Marx nos mostra uma lei peculiar do modo de produção capitalista, para se produzir riqueza é necessária a produção de pobreza. Ou seja, para que alguns poucos capitalistas possam acumular cada vez mais capital, é necessário que a maior parte da população, integrantes da classe trabalhadora, seja empurrada para a pobreza. Marx fala em uma superpopulação relativa, pois não é em termos absolutos como pensava Malthus, uma população trabalhadora excedente que serve para dar força ao desenvolvimento da acumulação capitalista, “[...] um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta, como se ele tivesse criado à sua própria custa” (MARX, 1985, p. 263).

O exército industrial de reserva é uma parte da classe trabalhadora que não se encontra ativa, mas está à espera de ser explorada, desse modo não há falta de força de trabalho em momentos de expansão do capital e em momentos de retração (crises) obriga os que estão na ativa a exercerem um sobretrabalho, trabalhar mais por menos ou serão substituídos. Ou seja, o exército industrial de reserva é mantido na ociosidade pelo sobretrabalho de quem está ocupado e quem está ocupado é empurrado ao sobretrabalho pelo exército industrial de reserva.

Algumas parcelas dessa superpopulação relativa se encontram mais acima e estão mais propensas a serem utilizadas pelo capital em determinados momentos; outra



se encontra mais abaixo, é o chamado pauperismo. E é nessa esfera ainda mais marginalizada que pretendo encaixar pessoas trans (transexuais, transgêneros e travestis). No pauperismo, se encontram pessoas incapacitadas ao trabalho, órfãos e crianças indigentes que um dia serão incorporadas ao exército ativo e também pessoas aptas para o trabalho, mais que por algum motivo não têm qualquer perspectiva de inserção no mercado de trabalho, são pessoas que sobram. Proponho que pessoas trans podem ser encaixadas majoritariamente nessa última categoria de aptos para o trabalho, já que são pessoas perfeitamente capazes de trabalhar, mas não trabalham (formalmente) por serem vistas pela sociedade como “[...] vagabundos, delinquentes, prostitutas [...]” (MARX, 1985, p. 273). Marx utiliza esses exatos termos ao falar de como essa parcela sobranete da sociedade é vista, evidente que não falava sobre transgeneridade, mas o paralelo é possível por ser o local para o qual a cisgeneridade nos empurra.

Segundo levantamento da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), 90% das travestis e mulheres trans se prostituem no Brasil<sup>12</sup>. Dos 10% restantes é provável que apenas uma pequena parcela esteja empregada formalmente; de acordo com pesquisa realizada pela Elancers, no Brasil 1 em cada 5 empresas não contrata lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans e travestis (LGBT)<sup>13</sup>.

Outra dificuldade para adentrar o mercado formal de trabalho, além do preconceito, é a falta de escolaridade. A pesquisa “Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: porque frequentam?”, de Miriam Abramovay (2015), constatou que a evasão escolar de pessoas trans é de 82%, muitas vezes causada por preconceito de outros estudantes e também dos próprios professores, 19,3% dos alunos entrevistados dizem que não gostariam de estudar com alguém LGBT. Vale destacar que em momentos pontuais e excepcionais, o capital até engloba parte desse grupo de pessoas, mas é para exercer profissões que pagam pouco por uma grande carga de trabalho. Por isso, as empresas que tem algum costume de contratar pessoas trans no Brasil, são as de telemarketing, os supermercados ou os fast foods. Analisando essas informações, vemos que independente de serem física ou mentalmente aptas a vender sua força de trabalho, pessoas trans acabam excluídas do mercado formal de trabalho e quase sempre sem

---

<sup>12</sup>Disponível em: <<http://olerj.camara.leg.br/retratos-da-intervencao/retratos-da-intervencao-federal> > Acesso em: 30 de maio de 2020.

<sup>13</sup>Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/05/17/historias-por-tras-de-um-mercado-de-trabalho-que-se-fecha-para-pessoas-lgbt>> Acesso em: 30 de maio de 2020.



perspectiva de serem incluídas nele, estando portanto no pauperismo. São vistas como “vagabundos” que “não se esforçaram o suficiente para trabalhar”, “delinquentes” que, “com certeza, são criminosos”, e “prostitutas” que “escolheram o caminho mais fácil”. Não se faz uma tentativa de enxergar o lugar da marginalidade para o qual essas pessoas são empurradas simplesmente por serem trans e muito menos se enxerga o benefício que elas ao ocuparem esse lugar podem dar ao capital, sendo mão de obra extremamente barata quando necessário.

Ao habitar o sedimento mais profundo da superpopulação relativa como defendo aqui, pessoas trans acabam por serem grandes vítimas da barbárie que assola o país. Menegat diz que o governo lulo-petista viam as técnicas de gestão da barbárie apenas de maneira oportunista para se manter no poder e movimentar a economia (2015, p. 6), o autor trata os momentos de aumento do desemprego como momentos que também trazem um aumento da violência. Se os governos de Lula e Dilma já não faziam um grande esforço para resolver a barbárie e garantir direitos da população LGBT, é de se reconhecer que o governo de Bolsonaro não faz qualquer tentativa, é um governo em que alimenta e necessita da barbárie. Não coincidentemente, segundo a ANTRA, os assassinatos de pessoas trans em 2020 cresceram 90% em relação ao mesmo período de 2019, sendo o maior número para o período nos últimos 4 anos<sup>14</sup>.

Frente ao exposto, não me parece coincidência que um país onde se recusa o acesso de pessoas trans e travestis a educação e ao mercado de trabalho formal, um país onde se nega direitos básicos, seja também o país que mais nos mata em todo o mundo. Segundo dossiê da ANTRA (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2020), em 2019 foram 124 pessoas trans assassinadas no país, para se ter uma ideia, no segundo colocado, o México, foram 65 assassinatos. Importante notar que quase 60% das vítimas tinham entre 15 e 29 anos, fato que demonstra o porquê da expectativa de vida da população trans ser de 35 anos. Outro dado importante, muitas vezes ignorado, é de que 82% das vítimas são negras. São pessoas que vivem num Brasil com expectativa de vida drasticamente menor, num país tomado pela violência, sem qualquer reconhecimento e tentativa de mudança por parte do poder público.

---

<sup>14</sup>Disponível em: <<https://antrabrasil.org/2020/05/03/assassinatos-de-pessoas-trans-voltam-a-subir-em-2020/>>. Acesso em 30 de maio de 2020.





Evidentemente que o problema não se resume ao Brasil, é um problema de ordem global, um problema do sistema capitalista, que classifica algumas vidas como menos importantes, que classifica pessoas como sobras e sobras podem ser descartadas. Cabe a nós lutar pela superação do capitalismo, a superação de toda forma de opressão, por um sistema que reconheça que vidas negras e trans importam.

### **Referências**

ABRAMOVAY, Miriam (org). Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: porque frequentam? Ed. I. Brasília, 2015.

BENEVIDES, Bruna. Nogueira, Sayonara. (orgs). Dossiê: assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

MARX, Karl, “A Lei geral da acumulação capitalista” (cap. 23) em: O Capital: crítica da economia política. Livro I. Volume II. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MENEGAT, Marildo. “O fim da gestão da barbárie” em: Revista Territórios Transversais, n. 3, 2015.

MENEGAT, Marildo. “Sem lenço nem aceno de adeus. Formação de massas em tempo de barbárie: como a esquerda social pode enfrentar esta questão?” em: Revista Praia Vermelha. v. 18, n. 1, 2008.

NOGUEIRA, Sayonara. AQUINO, Tatyane. CABRAL, Euclides. (orgs.). Dossiê: a geografia dos corpos das pessoas trans. Rede Trans Brasil, 2017. Disponível em: <[http://redetransbrasil.org/uploads/7/9/8/9/79897862/redetransbrasil\\_dossier.pdf](http://redetransbrasil.org/uploads/7/9/8/9/79897862/redetransbrasil_dossier.pdf)>



**desenho s/ papel, 2018 – Lino Arruda**





## **Acessos à testosterona por homens trans e pessoas transmasculinas**

*Patrick M N Silva*

Este texto é uma versão do artigo “Testosterona ‘por conta’ e ‘por fora’: gênero, saúde e consumo de hormônios fora da legalidade entre homens trans brasileiros” apresentado por mim na Reunión de Antropologia del Mercosur em 2017. O objetivo deste trabalho ao ser publicado em veículo não acadêmico e gerido por homens trans e pessoas transmasculinas é trazer alguns dados da pesquisa realizada para um grupo de pessoas que normalmente não teria contato com periódicos ou anais de congressos de Antropologia, grupo este diretamente interessado nas informações do artigo. Assim, o texto que eu apresento tem o objetivo de divulgação científica.

O trabalho busca discutir a forma como o gênero e a transgeneridade se apresentam como elementos influenciadores no acesso a fármacos e as maneiras como indivíduos gerenciam por conta própria o acesso a eles, quando este não é garantido pelo Estado ou mesmo pelo mercado legal. É exposto ao longo do trabalho como foi criada uma visão da pessoa “trans de verdade” ou “trans oficial” em oposição a outras formas de ser trans, isso baseado em visões patologizantes da transgeneridade/transsexualidade. O tema específico discutido é o consumo de hormônios e receitas ilegais vendidos na internet, e toma como base relatos de homens trans brasileiros que consomem estes produtos. Alguns dos motivos principais citados pelos homens trans para este consumo serão debatidos ao longo do trabalho, dentre eles: a dificuldade de encontrar testosterona nas farmácias, dificuldade no acesso a acompanhamento médico, entre outros.

As minhas perguntas iniciais eram focadas especialmente nos motivos que levavam ao consumo fora do oficial, se as pessoas tinham consciência dos riscos legais e para a saúde, e se patologização da transgeneridade tinha algum papel nesta busca por hormônios em meios não legais. Este trabalho é um ensaio que procura explorar este campo de questões com base na observação nos grupos virtuais e relatos. A pesquisa foi apenas um levantamento de dados ao longo de meses, então não traz análises fechadas, mas sim apontamentos iniciais. No primeiro momento da pesquisa utilizei como metodologia a busca no grupo em questão por postagens sobre o consumo de hormônios. A partir de uma experiência pessoal na observação de grupos virtuais no



Facebook – durante o ano de 2016 e 2017 principalmente – voltados para estas pessoas e a percepção de quão corriqueira é essa compra e venda de remédios e receitas me surpreendeu. A minha participação neste e outros grupos similares veio por conta de uma busca pessoal por informações associadas a questões trans, por ser um homem trans. Com base neste primeiro levantamento, elaborei um questionário que foi divulgado no próprio grupo, no qual peço relatos de homens trans e outras pessoas transmasculinas sobre diversos temas associados à compra e uso de hormônios. Os dados obtidos através deste método são certamente limitados, porém possibilitaram a complexificação de algumas das minhas primeiras questões. Encontrei em minha pesquisa duas formas principais de ter acesso a hormônios “por fora”, através da compra dos hormônios em si através de mercados não legalizados, e através da compra de receitas falsas para estes hormônios. Abordarei ao longo do trabalho estas duas modalidades de compra com foco nas vendas que ocorrem por meio da internet.

### **Consumos oficiais (“por dentro”?)**

De modo a compreender os consumos realizados “por fora” e “por conta”, penso ser importante questionar: por fora de que? Por dentro? Conforme coloca Berenice Bento (2004), a psicanálise e as ciências médicas tiveram grande papel na construção de uma ideia de transexualidade universal, ou da ideia de uma pessoa trans “de verdade”. Noções sobre quem é trans elaboradas nos anos 1960 por Stoller (1982 apud BENTO, 2004) e Benjamin (2001, apud BENTO 2004) refletem ainda hoje na forma como se dá o acesso a serviços de saúde por pessoas trans. Tanto a perspectiva psicanalista de Stoller, como a endocrinológica de Benjamin, tinham como objetivos definir uma gênese da transexualidade e então uma cura para esta que consideravam uma doença.

As teorias de Benjamin, em especial, tiveram eco nos códigos e manuais vigentes a nível internacional com relação ao “tratamento” de pessoas trans. Para ele, existiam múltiplos sexos, o das gônadas, dos cromossomos, fenótipos, psicológico e jurídico. Uma ênfase maior é dada à estrutura biológica, que considera caracteres sexuais primários e secundários como determinantes. O “sexo psicológico”, pautado em características padrões de masculino e feminino, seria o mais flexível e poderia estar em oposição aos demais. No entanto, a normalidade, do seu ponto de vista, se daria quando todos estes fossem coerentes entre si. Em seus estudos, Benjamin define alguns critérios que definiam aquelas pessoas que eram verdadeiras transexuais e estes acabaram por se



fixar como características oficiais da identidade trans e por construir uma ideia de universalização da experiência trans. Todavia, muitas vezes esta construção oficial não está de acordo com as experiências reais da vida cotidiana das pessoas trans (BENTO, 2004; BENTO, 2006; BORBA, 2014).

No Brasil, o atendimento a pessoas trans é institucionalizado primeiramente pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) nas resoluções sobre cirurgia de “transgenitalismo”, a primeira de 1997, revogada posteriormente em 2002 e novamente em 2010. Também pelas portarias sobre o Processo Transexualizador do Sistema Único de Saúde (SUS), a primeira de 2008, revisada e ampliada em 2013 por outra portaria. Conforme apresenta Borba (2014), estas resoluções e portarias são produtos das teorias de Benjamin e Stoller, que foram base para elaboração de normatizações internacionais que tiveram efeitos a construção dos processos brasileiros. Os principais textos seriam o Código Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial de Saúde (OMS), o Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM) da Associação Americana de Psiquiatria (APA) e as Normas de Atenção (NDA) da World Professional Association for Transgender Health, antes chamada de Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association. O Processo do SUS é resumido por Rego e Porto (2016) com base no que é apresentado por Bento (2004) nas seguintes etapas:

primeiro, 1) se entrevistaria o candidato ao Processo, depois ele passaria por 2) sessões de terapia psicológica, para então começar 3) a terapia hormonal. Acompanhado disso haveria o 4) teste de vida real, onde o candidato a paciente teria que usar as roupas do gênero identificado. O que conclui com o 5) teste de personalidade para identificar se o candidato não tem nenhum “transtorno específico de personalidade”, seguido de exames laboratoriais. No final de todos esses testes é que a equipe médica encaminharia a pessoa trans para a cirurgia de transgenitalização. Na prática, são poucos aqueles que conseguem chegar ao final desse processo. (REGO & PORTO, 2016, p. 8)



Algumas mudanças ocorrem da pesquisa de Bento para o momento atual com a ampliação do atendimento ambulatorial, o que descentraliza o foco da cirurgia como apontam Rego e Porto. De todo modo, o diagnóstico e processos delimitados representam uma ideia de trans oficial (Bento, 2004), com a qual as transgeneridades podem muitas vezes ter uma relação de descontinuidade. Berenice Bento (2006) argumenta que essa descontinuidade faz com que sejam necessárias estratégias de negociação por parte das pessoas trans para que possam se inserir no Processo Transexualizador. Tais estratégias envolveriam a criação de narrativas e mentiras por parte das pessoas trans, de modo que estas estejam de acordo com as expectativas das pessoas que as irão “diagnosticar” e “tratar”. A autora afirma que as pessoas constroem uma narrativa biográfica e a levam pronta para os momentos de consulta. Por outro lado, Borba (2014) coloca que nem sempre o conhecimento do padrão esperado e da narrativa que se deve fazer é tomado de antemão pelas pessoas trans, segundo ele existe nesse processo um ato de aprender a performance. Em ambos os argumentos, porém, a dinâmica seria a mesma:

a pergunta que guia as ações do/a profissional de saúde é: “como posso ter certeza que esse paciente é um/a transexual e não está dizendo o que acha que quero ouvir para obter tratamento?”. Pessoas transexuais, por sua vez, se pautam pela pergunta: “como posso convencer esse médico de que sou um/a transexual para ter direito à cirurgia?” Nessa dinâmica, profissionais de saúde, sujeitos transexuais e os regimes de verdade que regem o Processo Transexualizador do SUS retroalimentam estereótipos e verdades sedimentadas sobre gênero e, com isso, preocupadas em ter sua participação no programa negada. (BORBA, 2014, p. 20)

Estas dinâmicas e negociações apontadas acima são aquelas relacionadas não apenas à ideia de “trans oficial” (BENTO, 2004), mas também à de uma transição oficial. Conforme bem recordado por Rego e Porto (2016), os processos de transição são normatizados e legalizados apenas no âmbito da saúde pública e há um descontrole com relação ao setor privado. No âmbito particular e dos planos de saúde, o processo





não é tão rígido, mas estes não são acessíveis à maior parte das pessoas. Resta ainda, outra possibilidade, que é a transição “por fora” dessa dinâmica, que seria aquela seguida sem o acompanhamento médico, por meio da compra de hormônios sem receitas ou com receitas “ilegais”, sendo essa o foco dos meus questionamentos.

### **Consumos “por fora”**

De acordo com a pesquisa de Rego e Porto (2016), muitos homens trans não seguem o acompanhamento médico oficial e, apesar do controle rigoroso, o consumo de testosterona seria feito muitas vezes de forma ilegal. Percebi também no grupo com quem realizei a pesquisa esta característica, de forma que a maioria deles já havia comprado em algum momento ampolas ou receitas “por fora” da legalidade. Os autores citados acima enfatizam que para acessar a hormonização através da compra de hormônios com fornecedores ou de receitas seria necessário um capital financeiro e social, sendo essencial uma rede de confiança através da qual se faz possível acessar as vendas.

Ao acompanhar as postagens nos grupos percebia ser comum a troca de contatos para compra de hormônios e receitas, ou a indicação de “vendedores confiáveis”. Em determinado momento, recebi uma mensagem em meu perfil pessoal que falava: *“Boa noite, trabalho com atestados, laudos, certificados de ensino médio reconhecido pelo MEC e receitas de todo tipo de medicamento inclusive hormônios. Caso precise fala comigo, tenho referencias na minha linha do tempo”*. Ao investigar mais a fundo, percebi que a pessoa que enviara a mensagem usava um perfil falso criado apenas para o fim de venda dos produtos citados, e que a maioria de seus clientes, senão todos, eram homens trans – havia uma série de comentários dos rapazes que elogiavam o serviço, “meninos trans podem confiar, melhor e mais confiável fonte”. Esta abordagem mais direta via mensagem para oferecer produtos me causou surpresa, e representou a facilidade de mapeamento, divulgação, venda e compra através das redes virtuais. Apesar disso, esta abordagem não parece ser a mais habitual, dentre as pessoas entrevistadas, apenas certa de ¼ dos rapazes afirmou ter recebido mensagens diretas. Porém, aproximadamente metade participava de grupos exclusivos para divulgação de vendas de hormônios e receitas.

A maioria das postagens e comentários no grupo observado são bastante objetivos. Quando uma pessoa procura uma indicação, por exemplo: *“Alguém tem*



*algum fornecedor confiável que venda Durateston?<sup>15</sup>*” ou *“Alguém que venda Depo<sup>16</sup> por aí?”*. Algumas vezes, as pessoas que procuram quem venda especificam o lugar que moram para saber se existem vendedores em sua área. Outro tipo de postagem também comum é de pessoas que compraram testosterona para si e não vão mais usar aquele tipo específico e decidem revender: *“Gente, to com uma caixa de deposteron com 2 ampolas aqui, alguém tem interesse? Apliquei uma ampola, mas vou continuar com durateston por isso quero vender”*. Sempre muitas pessoas se interessam em comprar. Um ponto que também pode ser observado nos grupos virtuais é a distinção entre a compra de hormônios diretamente e a compra de receitas, e a relação de ambos com os riscos.

A compra de receitas, muitas vezes, é vista como mais segura, pois garantiria a origem da testosterona, que seria comprada na farmácia. Algumas vezes, em postagens de pessoas que procuram hormônios para venda, outras comentam que é melhor comprar na farmácia por ser mais seguro e mais prático. Em uma postagem no grupo um rapaz pede indicações: *“Alguém tem contato ai de venda de receita? Cobrar 60~65 reais mais frete tabelado, numa caixa de deposteron sem garantia nenhuma de qualidade [...], sem condições gente”*. Nos comentários muitas pessoas concordavam que a compra da receita era muito melhor que comprar a testosterona diretamente. A maioria comenta indicações ou fala que entrará em contato no “*inbox*”, porém um deles, que dizia conseguir receitas gratuitamente demonstrou preocupação com a saúde de quem fosse usar os hormônios: *“eu arrumo receita de graça, posso mandar pelo correio, mas preciso saber como está a hormonioterapia de vocês, se estão fazendo acompanhamento, exame de sangue etc.”*. Os riscos com relação à saúde são os mais mencionados, lembro apenas de uma pessoa se preocupar com possíveis problemas legais na compra dos hormônios ou no uso das receitas falsas.

A partir desta primeira observação das interações através do Facebook já foi possível perceber algumas formas de consumo dos hormônios “por fora”, e ainda o gerenciamento próprio dos riscos, às vezes com auxílio de outros homens trans. O agenciamento da própria transição com base na troca de informações também se dá no processo de aprender como aplicar, os intervalos de cada tipo de testosterona, os diferentes efeitos e reações de cada uma delas. Para Preciado (2008), esse ato de harmonizar-se por conta própria sem se inserir em um processo definido pelo Estado

---

<sup>15</sup> Um dos tipos de testosterona mais receitados e consumidos, também se referem a ela como “dura”.

<sup>16</sup> Se refere à Deposteron, outro tipo bastante comum de testosterona.



tem uma potência contra o que ele chama de “regime farmacopornográfico”. Ao analisar sua própria experiência com o uso de testosterona ele coloca:

Decido conservar minha identidade jurídica de mulher e tomar testosterona sem entrar em um protocolo de mudança de sexo. Isso é um pouco como morder o pau do regime farmacopornográfico. Esta posição é, no entanto, um luxo político. No momento posso me permiti-lo porque não tenho que sair para buscar trabalho, porque vivo em uma cidade de mais de 8 milhões de habitantes, porque sou uma pessoa branca [...]. Na realidade, meu gesto careceria de força se não fosse pela armada de transexuais silenciosos para os quais a molécula, o protocolo, a mudança de identidade jurídica não são um luxo. Eles e eu estamos unidos por litros invisíveis de gel: sem eles tudo isso perderia o sentido. (PRECIADO, 2008, p. 51-52)

Alguns dos motivos mais comuns apontados pelos homens trans e pessoas transmasculinas dos relatos estavam relacionados às dificuldades com relação ao Processo Transexualizador. Muitos deles reclamavam da burocracia do processo, das longas filas, e até mesmo a impossibilidade de acesso a hospitais e ambulatórios que fossem habilitados para o Processo. Sobre a falta de vagas um deles fala: “*Já fiz [acompanhamento] por um tempo no plano de saúde, mas não tenho mais o plano, e aguardo mais de 2 anos uma vaga no SUS*”. Atualmente há apenas 9 estabelecimentos de saúde habilitados no país, distribuídos em 7 estados diferentes<sup>17</sup>. Grande parte dos que não realizavam acompanhamento médico alegavam que em suas cidades não existia o Processo Transexualizador e os profissionais da área da saúde aos quais eles tinham acesso se recusavam a oferecer atendimento. “*Não faço acompanhamento com endócrino. Porque na cidade que moro, não tem nenhum profissional capacitado para tal função. Mas, tenho fé, que esse dia chegará*”, um deles coloca.

---

<sup>17</sup>Informação disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/898-sas-raiz/daet-raiz/media-e-alta-complexidade/13-media-e-alta-complexidade/12833-estabelecimentos-de-saude-habilitados-processo-transexualizador>>. Acesso em: 16/09/2017.



Alguns deles apontaram que chegaram a iniciar o acompanhamento, mas que deixaram de ir às consultas e passaram a tomar os hormônios por conta própria, seja pela compra de ampolas ou pela compra de receitas. Em alguns casos, os rapazes não consideravam os profissionais capacitados o suficiente para atender pessoas trans e então decidiam abandonar o acompanhamento. Um deles reclama sobre o acompanhamento: *“os médicos não tavam ajudando em nada e eu já estava há muito tempo sofrendo por não ter começado a t ainda. Daí eu mandei eles todos a merda e comprei por fora. Mas agora estou procurando outro endo pra marcar consulta e fazer uns exames”*. Outro afirma: *“Fiz [acompanhamento] durante anos e acho inútil”*.

Mais um problema comum relatado era com relação a indisponibilidade – ou suposta indisponibilidade – dos hormônios para compra nas farmácias. A maioria dos rapazes afirma já tentar comprar a testosterona nas farmácias, mas lhes foi informado que estava em falta ou que a farmácia não trabalhava com aquele tipo de medicamento. Um deles fala que esta indisponibilidade não é real, que as farmácias de fato têm a testosterona para venda, mas não querem vender para pessoas trans: *“Era alegado que estava em falta, mas essa é uma desculpa comum pra não venderem pra pessoas trans”*. Situações semelhantes são relatadas por muitos deles, seja a declaração de não ter a testosterona em estoque, mas na verdade ter: *“Em uma Farmácia, falaram que não tinha, fui em outra e me pediram vários documentos e não quiseram me vender...Dei a receita pro meu irmão e ele foi lá e comprou sem problema nenhum!! Na verdade, eu fui vítima de preconceito!!!!”*. Ou ainda casos de recusa direta a venda pelo fato de ser uma pessoa trans que deseja comprar: *“um dos farmacêuticos me disseram que não poderiam vender testosterona para mulher... e depois disso perguntando se eu era sapatão querendo parecer um homem, isso com algumas pessoas próximas a mim. E mesmo com a receita, se recusaram a aplicar”*. Por conta desse acesso dificultado na farmácia, mesmo alguns rapazes que fazem acompanhamento e possuem receitas oficiais, em determinados momentos buscam a compra “por fora”. No grupo do Facebook citado anteriormente encontrei postagens como: *“tô precisando comprar deoposteron, tenho receita e tudo, mas está mais difícil pelas farmácias daqui”*.

### **Consumo “por conta”**

As recomendações de manuais como o CID ou o DSM são relativamente recentes, constando a transgenereidade enquanto patologia específica, apenas a partir dos anos



1980, como apontam Bento e Pelúcio (2012). As resoluções brasileiras, por sua vez, são ainda mais recentes, conforme já citado anteriormente, iniciam no final dos anos 1990. Desta forma, é possível afirmar que o que se tem de novo é o processo “por dentro”, que padroniza os processos de transição através da ciência médica e do Estado. As formas de transicionar “por fora” potencialmente eram as formas mais comuns antes dos atos de oficializar a medicalização em forma de patologia. O consumo “por fora”, por sua vez, não pode ser compreendido isoladamente, sem a noção de consumo “por conta”. Não há uma ideia apenas de fazer um uso diferente do uso oficial, mas também existe certa noção de autonomia, que surge com o “por conta própria”.

Conforme citado antes, Preciado entende a sua própria hormonização fora dos meios oficiais como uma forma de crítica a estes meios e à indústria farmacêutica, uma afirmação de sua autonomia. Ao mesmo tempo, o autor também afirma que isso só é possível por conta de sua posição enquanto habitante de uma cidade populosa, sua branquitude, e outros “luxos políticos”. Desta forma, o autor contrasta sua posição com a de rapazes trans que dependem dos meios oficiais disponibilizados pelo Estado e pela indústria. A realidade observada por mim naquele momento no grupo virtual que acompanhei e nos relatos dos homens trans brasileiros parece ser oposta. Os grandes centros são os locais privilegiados para o Processo Transexualizador do SUS, cidades como Rio de Janeiro e São Paulo possuem cada dois estabelecimentos habilitados para o processo, enquanto muitas cidades do interior não têm nenhum. Como já colocado, muitos homens trans optam por outros processos por não existirem estabelecimentos ou médicos capacitados em suas cidades. Quanto ao posicionamento com relação ao sistema oficial, apesar de não ter aparecido até o momento um posicionamento político explícito como o de Preciado, é possível perceber o descontentamento com este sistema. Seja considerando-o inútil, ou fora da realidade, ou ainda incapaz de compreender as demandas dos homens trans. Fazer a transição hormonal por conta própria traria então certa autonomia com relação a esse sistema.

A noção de autonomia que o “por conta” traz, no entanto, parece estar ligada também a uma rede de contatos estabelecida virtualmente, que garante a troca de informações sobre os modos de uso das testosteronas. A importância da troca de informações é reconhecida por eles próprios, um dos rapazes em seu relato reforçou que eu deveria falar sobre a rede de contatos em meu trabalho. Pude observar no grupo do Facebook algumas trocas com relação a informações sobre intervalos de aplicação das



ampolas, tipos de testosterona, tipos de exames e seus resultados, entre outros. Dentre as postagens sobre o assunto, pude mapear algumas mais comuns. Alguns dos rapazes querem iniciar o uso de testosterona por conta própria e buscam contatos para tirar dúvidas. A maior parte das dúvidas tange três temas principais: as diferenças entre os tipos de testosterona, incluindo seus efeitos colaterais e resultados; as dosagens indicadas para cada tipo de testosterona; e os resultados esperados nos exames laboratoriais, assim como os significados de determinados resultados. Os meninos que realizam acompanhamento com médicos estão inseridos nessa troca de informações, muitos também relatam suas experiências e tiram dúvidas quanto a receitas e exames. Outros ainda se colocam a disposição para ajudar aqueles que fazem o acompanhamento “por conta”: *“E ai galera vcs q fazem tratamento sozinhos, se precisarem TIRA alguma DUVIDA so chama aqui eu faço tratamento com medico tudo certinho e posso tirar as duvidas com ela p vcs”*.

As testosteronas mais usadas neste grupo acompanhado naquele momento eram a Deposteron, seguida pela Durateston, Nebido e Androgel. As duas primeiras são aparentemente as mais prescritas e as mais procuradas pelos homens trans, pois são mais baratas que as outras duas opções e para parte deles teriam resultados mais rápidos. A Nebido descrita como um hormônio mais próximo do natural e também menos agressivo que as duas primeiras. A Androgel, por sua vez, é pouco citada, dentre os quatro tipos é o único que não é injetável, mas de uso tópico. Este tipo é citado muitas vezes, pois os rapazes conseguiam comprar em sites de farmácia sem apresentar receita, mesmo que esteja escrito que a venda é sujeita a prescrição, algo que não acontece com os outros tipos. No grupo, é bastante comum que rapazes não satisfeitos com os resultados procurem informações no grupo sobre a troca de um tipo para o outro, ou ainda, preocupados após efeitos não esperados com a troca, como a volta de sangramentos leves ou menstruação.

Também os intervalos de aplicação de cada testosterona são tema recorrente nas postagens, um dos meninos, por exemplo, escreve: *“Então, passei no endocrinologista e ela me passou todos os exames, já fiz tudo [...], mas sabe como é sus, demora um ano pra chamar [...]. Qro começar por conta própria, e gostaria de saber de quanto em quanto tempo é o ideal para aplicar a T”*. A resposta mais comum afirma que o certo é tomar “Dura” de 21 em 21 dias e “Depo” de 15 em 15, alguns incluem na resposta também o intervalo de 3 em 3 meses para Nebido. Além da recomendação padrão,





muitos também se preocupam com os possíveis problemas de saúde e falam para o rapaz com dúvida ler bem a bula antes de aplicar e lembram que cada organismo é diferente e que é importante acompanhar com exames para saber se o seu organismo se adaptou bem à dosagem sugerida. A fala com relação às diferenças dos corpos também é recorrente ao falar dos efeitos de cada testosterona, que teriam variações na absorção do corpo e ainda variações genéticas.

Existem alguns casos, também, de homens trans e pessoas transmasculinas que fizeram aplicações em intervalos mais curtos que o recomendado ou em dosagem alta demais, e ao perceber o erro buscaram informações no grupo. Em um desses casos um rapaz escreveu uma postagem preocupado por ter tomado a dosagem em dobro, após a recomendação de um profissional da saúde, que não o acompanhava, apenas aplicou esta vez o hormônio. Nos comentários alguns rapazes o tranquilizavam falando que apenas uma vez não iria fazer tão mal a ele. Outros alertavam para os riscos da falta de informação, que é preciso buscar informação antes de fazer qualquer aplicação. O rapaz chegou a falar que foi informado por esse profissional da saúde, mas que foi informado mal. Algumas respostas foram afirmando que a pessoa que informou estava errada e que as informações corretas existiam em vários lugares, que era apenas procurar. Nestas falas, pareceu a mim que estas informações corretas muitas das vezes estariam disponíveis na internet, especialmente nos grupos de homens trans. Alguns rapazes demonstravam preocupação com a “imagem” que estes usos desinformados passariam dos homens trans em geral como “inconsequentes”.

Nas postagens sobre exames, os de sangue são evocados por muitos dos rapazes como uma forma de controlar não apenas se há alguma alteração negativa em seu estado de saúde, mas principalmente as taxas dos hormônios do corpo. Existia uma lista de exames que são passados pelos médicos mais comumente e ela é compartilhada entre os homens trans no grupo. Um deles pedia ajuda: *“To pensando em começar o TH por conta própria pq não to conseguindo marcar consultas no sus já tem uns 3 meses, e queria saber quais exames que eu seriam bons eu fazer antes e depois”*. Alguns rapazes respondiam com fotos de suas listas de exames ou listas de outros homens trans às quais tiveram acesso. As conversas sobre as taxas hormonais também eram muito comuns, especialmente quando alguns deles apresentavam taxas muito altas de testosterona ou outros hormônios para os padrões de referência apontados como ideais nos resultados dos exames. Na maioria das vezes os rapazes discutem nos comentários sobre como o



uso indevido do hormônio ou a absorção do organismo da pessoa pode ter afetado as taxas e trazem explicações sobre como testosterona influencia no estradiol, comentários estes que aparentam certo nível de saber específico sobre os hormônios, possivelmente obtido através da prática do consumo, da troca com outros rapazes ou pelo contato com o saber médico em suas consultas.

### **Reflexões finais**

A pesquisa foi realizada em 2017 e algumas observações foram feitas em 2016, então alguns dados podem ter mudado após estes anos. O que tentei apresentar no artigo original e trouxe para esta versão nas questões levantadas foram algumas formas como os homens trans e pessoas transmasculinas criam novos processos de transição não oficiais através da troca de informações entre si. Estas estratégias surgem a partir de uma necessidade criada a partir da maneira como a ideia de “trans oficial” e a patologização das pessoas trans foi imposta nos acessos oficiais à saúde e aos processos de obtenção de hormônios. Neste contexto, foi perceptível a centralidade da internet como espaço para essa troca de informações, ou ainda para a própria venda de hormônios e receitas. É interessante também como existem tons diferentes nas opiniões sobre o Processo Transexualizador e sobre os acompanhamentos médicos de forma geral. Alguns demonstram certa revolta com esses sistemas, outros lamentam a falta de acesso a eles.

O que busquei com a pesquisa e a contribuição que espero fazer com a publicação nesta revista não acadêmica é que homens trans e pessoas transmasculinas tenham acesso ao debate sobre os processos oficiais de um ponto de vista informado por saberes acadêmicos, tendo em vista que estes saberes acabam por influenciar as políticas públicas e o acesso a serviços essenciais e direitos. A pesquisa foi feita por meio de técnicas, visões e referências da Antropologia, no entanto, este é um tema que precisa ser debatido e pesquisado por muitos outros campos, especialmente na área da saúde e políticas públicas. Desta forma, espero que a divulgação deste trabalho para além do meio acadêmico da Antropologia sirva como incentivo para uma maior busca por informações e novas pesquisas, não apenas por parte de pessoas trans.



## Referências

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. *DSM-5. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, edição 5. Disponível em: <<https://goo.gl/bEUqUj>>. Acesso em: 18/09/2017.

BENTO, B. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Garamond, Rio de Janeiro. 2006

\_\_\_\_\_. *Da transexualidade oficial às transexualidades*. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs.) *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Garamond, Rio de Janeiro. 2004

BENTO, B. e PELÚCIO, L. *Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568. 2012

BORBA, R. *(Des)aprendendo a “ser”: trajetórias de socialização e performances narrativas no processo transexualizador*. Tese apresentada ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – UFRJ. Rio de Janeiro. 2014

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. *Resolução*. nº 1482 de 1997. Disponível em: <[http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/1997/1482\\_1997.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/1997/1482_1997.htm)>. Acesso em: 18/09/2017.

\_\_\_\_\_. *Resolução*. nº 1652 de 2002. Disponível em: <[http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/2002/1652\\_2002.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/cfm/2002/1652_2002.htm)>. Acesso em: 18/09/2017.

\_\_\_\_\_. *Resolução*. nº 1955 de 2010. Disponível em: <[http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1955\\_2010.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/2010/1955_2010.htm)>. Acesso em: 18/09/2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *ICD-10. International Classification of Diseases*. Disponível em: <<http://apps.who.int/classifications/icd10/browse/2010/en#/F64>>. Acesso em: 18/09/2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Portaria*. nº 1707 de 2008. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707\\_18\\_08\\_2008.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1707_18_08_2008.html)>. Acesso em: 18/09/2017

\_\_\_\_\_. (2008) *Portaria*. nº 457 de 2008. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457\\_19\\_08\\_2008.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/sas/2008/prt0457_19_08_2008.html)>. Acesso em: 18/09/2017



\_\_\_\_\_. (2013) *Portaria*. nº 2803 de 2013. Disponível em:  
<[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803\\_19\\_11\\_2013.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html)>.

Acesso em: 18/09/2017

PRECIADO, P. *Testo Yonqui*. Espasa Libros, 3ª edição, Madrid. 2008

REGO, F. e PORTO, R. "*Fazer emergir o masculino*": noções de "terapia" na *hormonização de homens trans*. Trabalho apresentado na 30ª. Reunião Brasileira de Antropologia, da Associação Brasileira de Antropologia, João Pessoa/PB. 2016

SILVA, P M N. "*Testosterona 'por conta' e 'por fora': gênero, saúde e consumo de hormônios fora da legalidade entre homens trans brasileiros*". In: XII Reunión de Antropología Del Mercosur, 2017, Posadas, 2017. v. I. Disponível em:  
<<http://ram2017.com.ar/?p=2144>>. Acesso em: 30/05/2020.

WPAHT. Associação Mundial Profissional para a Saúde Transgênero. *Normas de atenção à saúde das pessoas trans e com variabilidade de gênero*. Disponível em:  
<[http://www.wpath.org/uploaded\\_files/140/files/SOC%20-%20Portuguese.pdf](http://www.wpath.org/uploaded_files/140/files/SOC%20-%20Portuguese.pdf)>.

Acesso em: 18/09/2017



**desenho s/ papel, 2017 – Lino Arruda**





## A emergência do debate da transmasculinidade negra

*Saman Ferreira*

### **Resumo**

Este artigo objetiva refletir a transmasculinidade negra, pensando esse corpo político que quebra os padrões de masculinidade hegemônica no Brasil. Utiliza-se das ferramentas de análise da interseccionalidade para traçar um paralelo entre gênero e raça que acomete este mesmo indivíduo, e para além, refletir nas concepções não biológicas e focar nos constructos sociais de identidades. Tendo em vista que as masculinidades é um estudo relativamente recente dentro da área de gênero, este artigo não pretende fixar nas teorias, mas sim ser convidativo ao diálogo e reflexão sobre o tema.

**Palavras-chave:** Masculinidades, Transmasculinidade, Gênero e Raça.

### **Considerações Iniciais**

As definições de transsexualidade normalmente apontam para uma não concordância entre sexo biológico e expressão de gênero. Mas, vale ressaltar que nem toda pessoa trans se sente desconfortável com sua genitália; as mudanças estéticas que buscam, em sua maioria, são com intuito de passar despercebido, o desconforto é apontado pela sociedade quando demonstra ignorância em não entender que existem homens com vaginas e mulheres com pênis e isso não os tornam menos homens e mulheres, tratamentos hormonais parecem constituir um ritual de passagem (BENEDETTI, 2005). O diálogo sobre gênero precisa avançar no biologismo e entender gênero como um evento social, que, apesar de utilizar do corpo uma ferramenta para essa expressão, ele não o define, e como diz Osmundo Pinho: “Temos então definido o corpo como uma instância da reprodução da sociedade opera através do processo de transmissão de estruturas culturais para o suporte para subjetivação mediante o engendramento de práticas determinadas” (PINHO, 2005).

Refletir a construção das masculinidades tendo como base esses aportes culturais que são fixados no patriarcalismo e machismo, esse contexto tem influência direta na construção de qualquer masculinidade, bem como a transmasculinidade negra e periférica. Os estudos de gênero, numa nova perspectiva, devem muito aos estudos





feministas que, como aponta Saffioti, têm “acumulado em três decênios de pesquisas feministas permite a defesa da postura que advoga a construção social de gênero, a fim de combater a escalada do pensamento conservador”. A cis heteronormatividade precisa ser questionada como algo além “natureza humana” (SAFFIOTI, 1991), existe esse lugar confortável para a pessoa cisgênera em detrimento das pessoas transgênero que são colocados sempre como o Outro (KILOMBA, 2019), tomando como referência a teórica Grada Kilomba aqui este Outro seria a representação de tudo que o cisgênero não deseja ser.

Existe um padrão de homem no mundo, mas aqui penso o homem brasileiro que representa a hegemonia, ocupam os maiores cargos e carregam consigo os estereótipos mais positivos em agravo de outros. Esse outro seria o homem, trans, negro e periférico que representa todo o oposto desse indivíduo hegemônico; para o homem negro fica a carga estereótipos sexuais falocêntricos que criam insegurança nos homens negros cis, então o que isso tende a causar nos homens trans pode ser ainda mais perverso. O genitalismo propõe a definição de gênero atrelada ao sexo, e, para além disso, as dimensões do sexo, o tamanho dito padrão para homens brasileiros que experimentam a insegurança e auto suficiência medidas pelo tamanho do falo, ser homem com buceta nesse sistema é desafiar mesmo toda essa estrutura.

O homem trans e negro é atravessado por gênero, raça e geralmente por classe, portanto existe a necessidade de pensar a interseccionalidade, que segundo Kimberlé Crenshaw é o fato demarcador das violências que cruzam nossos corpos e que nos põe em condições sociais de exclusão. O conceito de interseccionalidade, ao mesmo modo que identifica os diversos sistemas de opressões, também indicam experiências que influenciam na construção da identidade do indivíduo, as pessoas trans na infância geralmente são socializadas com o gênero identificado pela família a partir do sexo, e a construção dessa personalidade, dessa masculinidade é processual, individual na mesma medida que contextual. Costumo refletir a transmasculinidade negra e periférica como a saída de um lugar feminino oprimido e passar a ser visto (quando passável aos olhos da sociedade) como o opressor, a representação do corpo masculino negro “marginal”.

Nessa construção da transmasculinidade negra e periférica, precisa-se entender que as opressões sociais para com o indivíduo são ferramentas de dominação e controle do corpo. Nesse sentido, é importante refletir que “a dominação sempre envolve a objetificação do dominado; todas as formas de opressão implicam a desvalorização da



subjetividade do oprimido” (BRITTAN & MAYNARD, 1984, p. 199), portanto, esse artigo pretende pensar além das causas dos preconceitos sofridos durante a construção da transmasculinidade negra e periférica, discutir os efeitos nas subjetividades de cada indivíduo e por fim analisar as estratégias de resistência desse corpo político.

### **Construção da masculinidade**

O “sujeito homem” que tanto é entoado pela sociedade reflete a identidade de um homem muito específico, pode ser alterada de acordo com o contexto, apresenta ideais de beleza, inteligência, liderança, mas seja na passarela da moda ou na academia, esses são traços ligados ao homem cis branco e hétero. Quando um menino chora logo escuta a ordem “seja homem!”, ou quando opta por brincadeiras vistas socialmente como femininas, “seja macho, isso não é coisa de homem!” são falas que escutamos com alguma frequência, mas quem seria esse homem? Segundo a fala provocativa do Franz Fanon, “O homem negro não é um homem!” (1925 – 1961); desse modo, o autor apontava como o homem negro era reduzido a sua genitália por uma sociedade racista como os definem como máquinas sexuais e bem dotados, para os homens trans que tem vaginas a problemática é a construção dessa masculinidade sem o pênis.

O ideal europeu de masculinidade surge nos processos de colonização, que para eles seria um processo civilizatório, como se as outras culturas fossem inferiores e a cultura do branco fosse o padrão aceitável. Por isso, tudo que desviava dessa linha era subjugado, as identidades que fogem do padrão são tidas como “o Outro”; para Grada Kilomba, a mulher é “o Outro do Outro” (KILOMBA, 2019) por sofrer duplamente em sua humanidade, como pensaríamos então o homem-trans-negro-periférico? Atravessado por gênero, raça e classe, apesar de ser “homem” numa sociedade machista, esse indivíduo é homem trans e sua masculinidade é constantemente desafiada e deslegitimada, em contraponto a masculinidade hegemônica é bem ilustrada por Kimmel e Messner a seguir:

Assim, os homens brancos de classe média quando se olham no espelho se vêem como um ser humano universalmente generalizável. Eles não estão capacitados a enxergar como o gênero, a raça e a classe afetam suas experiências. Não é o que ocorre com os negros, pobres, mulheres, gays e todos os que de uma forma ou de outra vêem-se como “diferentes”. O que torna



os sujeitos marginais e/ou oprimidos são os mecanismos mais visíveis em nós, porque são os que nos causam dor em nossas vidas cotidianas. (KIMMEL & MESSNER apud OLIVEIRA, op. cit. p. 91)

No que se refere a gênero, a transmasculinidade desafia a cisgeneridade por si só, mas os trans negros são colocados também a mercê do racismo e muitas vezes do classicismo tendo em vista que no Brasil a maioria da população que vive em vulnerabilidade social são pretos e pardos. Em busca de representação desses homens trans negros, fiz uma busca nas redes sociais; as páginas que são direcionadas a esse público, a grande maioria, posta fotos de homens trans brancos, já em processo de hormonioterapia, com barba e estereótipos de um corpo masculino bem marcado, além da mamoplastia, que é uma cirurgia muito procurada por homens trans e que tem um custo muito alto. Essas ferramentas de saúde da população trans são inacessíveis a uma parcela dessa população, e o SUS ainda é deficiente nesse sentido, não oferece sequer os hormônios, é uma luta que caminha mesmo que a pequenos passos.

Essa não é e nem pretende ser uma quebra de braço entre as identidades trans, mas entender como os acessos são demarcados por violências. Alguns homens trans brancos de classe média estão presentes no YouTube; em seus vlogs falam sobre questões de gênero em sua perspectiva e é perceptível que sua realidade e de sua família sobre aquilo é mais natural, pode-se ver relatos de homens que assumem essa identidade muito cedo, logo contam aos pais que, apesar de estranharem a situação, acompanham e se fazem ativos, idas ao psicólogo, remédios para retardar a puberdade quando se descobre muito cedo, hormonioterapia garantida e alguns outros privilégios para viver suas subjetividades e sua masculinidade de forma confortável. Utilizei do termo “natural” para contrapor o patológico, que é parte do discurso cruel que impede o acesso de homens trans e negros a essas ferramentas de apoio.

O que se pode perceber é que as estruturas do sistema colaboram para a subjetivação da patologização de modo em que se justifica pela demanda da população trans em transicionar, sendo que esta transição está controlada pelo Estado através das portarias que regulam os ambulatórios especializados. Essa patologização consentida disfarçada de gestão corrobora com a ideia desses corpos estarem cada vez mais próximos do cisgênero para ser entendido como de fato pertencente ao seu gênero; a



simples afirmação disso não parece suficiente, assim como a autodeclaração de raça tem servido para acesso às universidades de forma negligenciada, mas isto é um assunto que renderia estudos mais específicos. O que se pretende fazer aqui com essa comparação é apontar o papel do estado e da sociedade na construção dessa transmasculinidade negra.

### **Representação da transmasculinidade negra**

Vale ater-se da discussão anterior o poder autoconferido a pessoas cisgêneras de legitimar ou deslegitimar as identidades trans, e geralmente tendo como parâmetro o que mais se aproxima da cisnormatividade com base em suas perspectivas individuais. Essas perspectivas podem ser entendidas aqui como enviesamentos ideológicos, que a Viviane Vergueiro em sua dissertação de mestrado vai chamar de “miradas cisnormativas” (SIMAKAWA, 2015), essas miradas que carregam consigo uma grande carga política e religiosa, que ultimamente tem até andado juntas. A manutenção desse poder é feita pela hegemonia social, que hoje ocupa grandes cargos políticos, colocando em constante ameaça os poucos direitos já conquistados e dificultando o avanço.

Assim como as pessoas cis sentem-se legitimadas a falar sobre a realidade trans, as pessoas brancas (grupo hegemônico) estão sempre querendo discursar sobre a experiência de minorias específicas no que desrespeita a raça. O debate então sobre transmasculinidade negra que tende a ser duplamente invisibilizado tem uma urgência para acontecer, mas principalmente de acontecer sendo feito pela voz dessas identidades, assim acontecerá a partir da reflexão do lugar de fala, que segundo Djamila Ribeiro tira o sujeito da platéia e o coloca como protagonista da sua própria história. O ideal é uma representação feita por si mesmo e não mais de forma caricata pela hegemonia.

É importante tomar conta desse discurso, mesmo não polarizando, porque só o homem trans negro pode falar de sua experiência. Apesar de estar exposto a transfobia, um homem trans branco não saberia dizer o que é voltar pra casa de noite e ser confundido com um criminoso, ou ver as pessoas optarem por ficar em pé no ônibus para não sentar do seu lado e muito menos sentir o desespero por ter esquecido a identidade em casa. Para um, essa lista de coisas pode parecer simples, para outro são determinantes para estar vivo ou para se ter saúde mental, sendo que o machismo influencia diretamente na saúde mental dos homens.

É preciso entender que tanto pessoas tradicionalmente generificadas quanto pessoas transgenerificadas têm a possibilidade de contornar (estrategicamente) nos



discursos de gênero disponíveis em seus milieux socioculturais; é importante contar com o que chamamos de cis- aliados, desde que tendo pessoas trans negras no recinto sua narrativa seja respeitada. Socializados em um ambiente totalmente cisnormativo e racista é comum que na própria comunidade trans exista reprodução de discursos que vão de encontro a esses estereótipos que tanto buscamos desconstruir. O também estudioso das transmasculinidades negra Bruno Santana traz uma ilustração na sua produção que exemplifica bem o que estamos debatendo aqui:

Como ilustração, descrevo um caso que me chamou atenção em um anúncio de venda de packer (prótese peniana que pode ser utilizada por homens trans para fazer volume, sexo e urinar em pé) compartilhado por um colega, em um grupo de homens trans com a seguinte informação: “Chegou o The monster packer (Negão do WhatsApp), feito especialmente para os homens trans negros!!” A figura do negão do WhatsApp utilizada no anúncio, faz menção à foto que “viralizou” nas redes sociais mostrando o pênis exagerado de um homem cis negro. Diante disso, percebo que dentro da própria comunidade dos homens trans há essa hierarquia racial na qual os homens negros trans precisam cumprir com as expectativas da masculinidade racializada para serem legitimados. (SANTANA, 2019)

Colocar a transmasculinidade negra em pauta é produzir uma narrativa que fuja a estereótipos como esses citados na fala do Bruno Santana. As identidades precisam ser pensadas para além da marginalização e do falocentrismo; sabe-se que as identidades são construídas socioculturalmente, assim como esses estereótipos, e se são construídos eles podem ser desconstruídos a partir do debate, entendendo lugar de fala, a quebra da hegemonia e superação do lugar do Outro. A representação da transmasculinidade negra tem de ser reformulada ultrapassando o cercado da violência, a passos esperançosos é o que fazemos aqui, repensando gênero na expectativa de desconstruí-lo.

### **Desconstruindo transmasculinidade negra**

Quando decidi escrever transmasculinidade negra fiquei receoso pela delicadeza do



tema e por estar diretamente envolvido, sendo homem trans negro e periférico. O debate sobre questões de gênero sempre fizeram parte do meu cotidiano, mas pensar a construção da minha identidade de gênero e como desconstruir o esperado para ela sempre foi um movimento contra-hegemônico difícil, a dificuldade nesse sentido é criar estratégias para contrapor um sistema que atualmente já é tão bem fixado no Brasil, como as masculinidades negras. Temo que serei mais pessoal a partir desse trecho, estava evitando isso, mas a academia está em processo de desconstrução assim como as concepções de gênero, tomo posto do que a icônica Conceição Evaristo chamaria de *escrevivência*.

Os homens cis experimentam da masculinidade como algo que não necessita reflexão, ao menos essa é a visão do senso comum, ser homem para eles é apenas seguir o que se esperam, ser o provedor da casa, viril, não demonstrar sentimentos, e qualquer desvio desse “padrão” é motivo pra ter sua sexualidade posta a questionamento. Enquanto a masculinidade, em especial minha experiência, foi refletir por medo de não reproduzir a masculinidade que sempre questioneei, a masculinidade agressiva que atualmente é comum vermos sendo definida como “tóxica”. Seus efeitos são sentidos tanto nos homens quanto nas mulheres que são as maiores vítimas do machismo; isso justifica a masculinidade ser uma pauta feminista e dos estudos de gênero, por isso a desconstrução dos papéis de gênero e a busca pela “inteligibilidade de gênero” (LOURO, 1997) ultrapassa a militância trans, como situa a Guacira Lopes Louro:

Uma das conseqüências mais significativas da desconstrução dessa oposição binária reside na possibilidade que abre para que se compreendam e incluam as diferentes formas de masculinidade e feminilidade que se constituem socialmente. A concepção dos gêneros como se produzindo dentro de uma lógica dicotômica implica um pólo que se contrapõe a outro (portanto uma idéia singular de masculinidade e de feminilidade), e isso supõe ignorar ou negar todos os sujeitos sociais que não se "enquadram" em uma dessas formas. (LOURO, 1997)

Estar fora dessas concepções de gênero é se questionar constantemente o que





precisa fazer para estar passável, é buscar entender porque é visto como menos homem, isso quando se é visto como um. É sentir seu corpo em constante vigilância, ter cuidado como anda, como fala, como gesticula, essa masculinidade condiciona os corpos a performar a masculinidade hegemônica, e nesse controle constante não se vive com fluidez, as tentativas de desconstrução são ferramentas para se viver a identidade livremente, até porque é bom lembrar que existem homens trans gays que não necessariamente são a determinação social de “afeminado” mas também não se sentem confortáveis em demonstrar os estereótipos de masculinidade, assim como os não binários.

Osmundo Pinho no seu estudo sobre o “Brau” analisa os corpos como receptor de conteúdo, mas também como disseminador de ideias; nesse sentido, segundo o autor, “temos então definido o corpo como uma instância da reprodução da sociedade opera através do processo de transmissão de estruturas culturais para o suporte para subjetivação mediante o engendramento de práticas determinadas” (PINHO, 2005). Para ultrapassar o processo de reprodução da masculinidade existe a emergência do debate sobre transmasculinidade negra, e a atuação deste corpo político nas produções, essa é a provocação que tira as pessoas cisgêneras desse lugar confortável e reivindica o nosso lugar, a fala, ao nome, à saúde e outros direitos que deveriam ser básicos, como direito a ir e vir em segurança e o direito a vida. Direito a vida deveria que é um dos princípios dos direitos humanos e tem sido violado para a comunidade LGBT, enquanto essas identidades estiverem sendo atacadas, esse debate tem que ser visto como prioritário.

### **Considerações Finais**

As análises aqui apresentadas não demonstram um contexto de tensões no que se refere aos estudos das transmasculinidades negras e as experiências desses corpos. Mesmo com esse processo de invisibilização violenta que enfrentamos, o fato desse tema estar sendo colocado em pauta, está tomando espaço e escrevendo suas narrativas é um motivo pra se ter esperança, posso dizer que existem homens trans negros se movimentando, construindo suas identidades de homens com bucetas diferindo das masculinidades que nos violentam. Esta é uma luta constante antagônica às masculinidades contra-hegemônicas.

A escrita desse artigo faz parte dessa luta, uma produção sobre transmasculinidade negra feita por um homem trans e negro dentro desse espaço



acadêmico racista e cisnormativo, essa é mais uma estratégia de resistência e contra o epistemicídio. Nessas disputas, as nossas transmasculinidades tem potencial para subverter a ordem e os discursos normativos, causando assim o que explica Samantha Buglione que “[...]o reconhecimento à identidade e o direito à diferença é que conduzirão a uma plataforma emancipatório e igualitária[...]” (BUGLIONE, 2010, p. 69). Somos responsáveis – me incluo nessa categoria de pessoas trans que lutam pelo fim da transfobia – pela produção dessa emancipação, não que esse seja um discurso meritocrata que diz que precisamos fazer por onde, mas quero dizer que precisamos tensionar aqui o CISTema para uma educação emancipatória e transgressora como bem coloca a teórica feminista Bell Hooks.

Trilhamos aqui um caminho para pensar a construção da masculinidade, da influência da masculinidade hegemônica na transmasculinidade, além de pensar as representações transmasculinas negras, e por último pensar em como desconstruir esses padrões. Ressalto aqui a importância de entender as masculinidades e as transmasculinidades, não só para apontar os erros nessa construção, ou como ela impacta na vida das mulheres, mas também pra perceber que os homens têm adoecido com essa masculinidade, e em especial a transmasculinidade do homem negro que vive esticado na avenida da interseccionalidade sendo atingido por todos os lados, todas as avenidas de opressão atingindo seus corpos. Esses são pontos que tiveram a necessidade de serem repetidos algumas vezes no decorrer deste trabalho, no intuito de promover a reflexão da forma mais didática possível.

Concluo esse artigo nesse momento com a vontade de retomá-lo, esperando encontrar um outro cenário daqui a alguns anos, de preferência positivo e avançado nesses debates. Espero também que esses anos não se alonguem; como iniciei, o debate finalizo lembrando da emergência do debate de transmasculinidade, não temos muito tempo pois a população trans está morrendo, homens trans e negros estão morrendo, precisamos avançar nisso, enquanto nós estivermos morrendo, é preciso pensar com urgência, em como levar esse debate para a sociedade. Para que possamos ultrapassar os 35 anos – expectativa de vida de um pessoa trans no Brasil – e voltar para avançar no diálogo sobre a transmasculinidade negra com vocês.

## Referências



HOOKS, bell. *Ensinando a Transgredir: A educação como prática da liberdade*. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2013.

BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BRITTAN, Arthur; MAYNARD, Mary. *Sexism, racism and oppression*. New York: Basil Blackwell, 1984.

BUGLIONE, Samantha (Org.); VENTURA, Miriam (Org.). *Direito à reprodução e à sexualidade: uma questão de ética e justiça*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2010. 65 - 105 p.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. In: Dossiê III Conferência Mundial contra o Racismo. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 10, n. 1, p.171-88, 2002.

FANON, FRANTZ. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Edufba, 2008.

KILOMBA, G. A máscara. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/clt/article/viewFile/115286/112968>> Acesso em 8 de mai. 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. *A emergência do gênero*. In: \_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. (1998) *Discursos Sobre a Masculinidade*. In: *Estudos Feministas* Vol. 06 n. 1 Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ.

PINHO, Osmundo de Araújo. *Etnografias do Brau: Corpo, masculinidade e raça na reafricanização em Salvador*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, Jan, 2005.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte, Letramento, 2017.

SANTANA, Bruno. *Pensando as Transmasculinidades Negras*. Cap.4. p. 95- 103. In: *Diálogos Contemporâneos Sobre Homens Negros e Masculinidades*. Ciclo Contínuo Editorial, 2019.

SAFFIOTI, Heleiete. *Posfácio: Conceituando gênero*. In: *Mulher brasileira é assim*.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Orientador: Prof. Dr. Djalma Thürler. 2015. 244 p. Pós-Graduação em Cultura e Sociedade - UFBA, IHAC, Salvador-ba, 2015.



## BIOS

**Apuã de Melo:** Meu nome é Apuã, significa peixe de água doce e eu amo água. Sou geminiano com ascendente em peixes, lua em câncer e vênus em touro (babado, né?). Me percebi trans há 3 anos quando assisti uma peça de Sophia Willian, "transpassar", passei dias sem dormir e aquilo tocou em algo dentro de mim que eu deixei adormecido por longos anos. Uma de minhas melhores amigas, Aurora Jamelo, me amadrinou hahah com o nome de Apuã e assim ficou até hoje. Sou Nordeste, Pernambucado, moro em Muribeca, uma favela na zona sul de Jaboatão dos Guararapes, cresci e me criei aqui, aos 17 me mudei pra o sertão do Pajeú, morei uns anos em Afogados da Ingazeira e depois voltei. Lá em Afogados, em 2018, fiz minha primeira exposição "distorção e mau contato", de lá pra cá tenho desenhado bem mais e escrito um pouco também. Tudo na minha arte fala sobre coisas que me perpassam, falam sobre as urgências do sentimento de uma pessoa que vive dentro do meu corpo, no mesmo espaço que eu fui e estou inserido. Não pinto ou escrevo só sobre negritude, sobre cultura negra ou urbana/favela. Pinto sobre como é sentir sendo esse apanhado de coisas, pinto sobre como é ser negro e é sentir sobre tudo que se vive enquanto negro e trans. Instagram: @transblackangel.



**Leonardo Luis:** profissional de educação física formado, pós-graduando em atividades aquáticas. Ativista de direitos humanos. Pesquisador sobre a temática de homens trans e trans no esporte.



**Daniel de Brito:** Sou homem trans, nordestino, residente atualmente no Rio, gosto de filosofia e ler o HQ do sandman, assistir liga da justiça ao invés dos vingadores, comer macarrão com alho e ajudar meus irmãos trans a dividir o cuscuz nesse tempo de pandemia. Minhas redes sociais são instagram: @\_passaroazul\_, twitter:@BritoDbrito.



**Tony Gabriel:** homem trans, negro. Sou de Mossoró-RN (Rio Grande do Norte) e eu acredito muito no poder da mudança, tudo é algo construído e aos poucos praticado. Acredito que teremos um mundo mais empático, feliz e sem tantas dores. Instagram: @eutonygabriel e @trans\_vivendo

**Oliver Cavalcante:** tenho 21 anos, aquariano e sou um homem trans. Comecei a escrever com 13 anos, onde me aprofundei no mundo das fanfics e descobri minha paixão pela escrita. Meus amigos próximos me consideram um poeta, mas as vezes eu sinto que sou bem amador para tal título. Aos 16 anos, conheci a comunidade de pessoas trans e acabei me vendo de início como uma pessoa não-binária, entretanto, eu sempre sentia que a “bússola do gênero” sempre apontava para o masculino e com isso, pesquisei mais a respeito sobre homens trans e me encontrei na letra “T” de “LGBT” da forma binária. Logo de início foi como se tudo fizesse sentido para mim, todos aqueles anos de disforia agora finalmente tinham um significado, eu já não me sentia perdido e com um sentimento de que tivesse faltando algo. Entretanto, nem tudo são rosas. Ter que me assumir duas vezes para a minha família foi complicado. No começo, eu havia assumido sobre minha sexualidade para eles com apenas 14 anos e explicar o que era pansexualidade foi uma luta, principalmente para minha mãe que achava tudo aquilo esquisito. Agora, explicar para a mesma que eu não me identificava com o gênero que foi designado ao meu nascimento foi outro nível. O começo foi uma





grande luta para ambos os lados, ter que entender o lado dela e ela ao meu foi difícil, contudo, não desisti assim tão fácil. Os anos se passaram de convívio e ela foi me aceitando e com isso, aos 20 anos, consegui minha tão requisitada primeira dosagem de testosterona. Hoje, aos 21, completei 1 ano de hormonização e só posso agradecer a minha mãe que pagou meu tratamento e buscou os médicos para as minhas consultas. Sou muito grato em ter o privilégio de ter alguém para me apoiar. Em conclusão, eu sou um homem com um sonho de querer ajudar ao máximo de pessoas que não tiveram esse privilégio, esse apoio inicial. Me machuca muito ver a comunidade LGBTQ+ sofrendo qualquer tipo de abuso e sei que ainda vou poder ajudar muitos como eu, seja com uma palavra de conforto ou um ombro amigo, mas sempre vou estar aqui por aqueles que carregam nosso arco-íris. Me sigam no Instagram: @poetrans E sintam-se a vontade de se inscreverem no meu canal do youtube: Papo Oliver



**Danilo Pietro:** Em minhas obras tento repassar o meu amor pelo axé, através dos orixás. Retrato também a transgeneridade, referente à sereia que em sua calda carrega as cores da bandeira trans e que foi inspirada em uma mulher travesti, artista, atriz e maravilhosa. E também retrato a importância de alguém que apoia a minha transição desde sempre e é muito importante pra mim que é a minha mãe, que me adotou com 19 anos e me apoiou desde então, estando comigo em todos os momentos.

**Caio Jade:** Graduado em Filosofia pela Universidade de São Paulo e mestrando no Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP. Estuda literatura LGBT, com foco em autobiografias Trans e processos de violência ética. Pesquisa masculinidades e escritas de si a partir de expressões de sexo/gênero silenciadas pelas culturas colonialistas. Atualmente tem publicado artigos em livros e em revistas acadêmicas. Trabalhou com performance apresentando-se em eventos como a reinauguração do SESC Avenida Paulista junto à plataforma Explode! (abril/2018); o festival Periferia Trans, Grajaú – SP (abril/2018); e a Mostra Textão no Museu da Diversidade, em São Paulo - SP (novembro/2018). Publicou os fanzines Caio,



Soldado/Marinheiro, Liberdade/Quem é você? e Osso Ódio Ruído. Participou como consultor artístico do projeto Trajetos celulares: não-histórias do Edital Cultural VAI da Prefeitura de São Paulo (fevereiro/2018). Coordenou as oficinas: Práticas de criação como estratégias de autocuidado, com Jialu Pombo, realizada no SESC Sorocaba (janeiro/2019); Cartas de amor para si mesma, com Tatiana Nascimento dos Santos, realizada em São Paulo – SP (setembro/2016; agosto/2017); Acontece – brincando de ser quem se é, com Gil Porto, realizada na Casa da Lagartixa Preta, Santo André - SP (março/2017) e na CASA 1 (junho/2017). Coordenou o minicurso Corpos, identidades e expressões de gênero em performance: desmontando a heterocismasculinidade branca na UFBA, em Salvador – BA (agosto/2018). Site: [www.caiojade.weebly.com](http://www.caiojade.weebly.com).

**Caru Brandi:** sou transmasculino, tenho 25 anos e moro atualmente na cidade de Porto Alegre/RS. Sou tatuador e faço ilustrações. Comecei a transicionar final de 2017, me entendendo como uma pessoa não-binária, após um período de difícil compreensão sobre o porquê da minha tristeza e confusão existencial (até ir compreendendo que eu não era uma mina cis hétero). Ter me relacionado com um menino trans, logo no início da minha transição, foi muito importante para me entender e compreender que há diversas formas de ser trans e diversas formas de expressar masculinidades e feminilidades. Quando entendi que eu sou trans, bateu muito medo de rejeição, incompreensão e violência. Comecei a tomar T em janeiro de 2020, um dia depois do meu aniversário (💉 08/01/2020). Desde final de 2019 venho desenhando transmasculinos. Pra mim, desenhar é uma das ferramentas de comunicação que eu mais gosto e a que mais me sinto livre. Com a transição, meu traço e o que eu desenho mudaram comigo, o que acho muito potente.





**Shay de los Santos Rodriguez:** pesquisador e escritor transmasculino. Primeiro homem trans formado em Arqueologia e Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU), pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Fiz/faço da Arqueologia assim como a minha vida, um ato político. A arqueologia pode estudar as relações de poder e com isso posso colocar em risco tudo aquilo que é considerado como naturalizado e determinado.

Durante a graduação dediquei as minhas pesquisas sobre as coisas contemporâneas e atuo principalmente com os seguintes temas: cotidiano, etnografia, teoria, gênero, sexualidade, sexo, corporalidade, tecnologia, masculinidades, transmasculinidades e cinema. Suas pesquisas e projetos têm como objetivo problematizar o patriarcado e destruir a masculinidade hegemônica. Pois existem várias masculinidades e assim múltiplas transmasculinidades...

Produções:

2016: Idealizador em conjunto com Pedro Moreira, do curta-metragem "Transitus".

2018: Idealizador do curta-metragem "Coisa" e do mini-metragem "Detector de Transfobia".

Artigo: Interseccionalidade: Cinema, Educação Ambiental e Gênero.

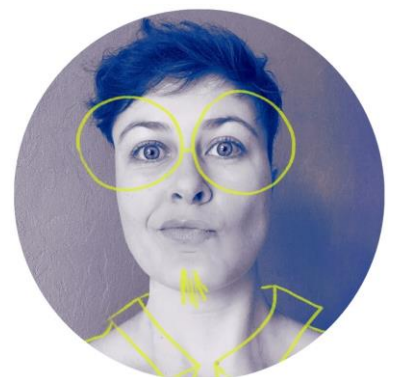
2019: Publicação do Livro: "SE EU COMPREI, ENTÃO É MEU!: coisas do cotidiano e do prazer sexual para além da heteronormatividade"

Artigo: Por que o homem é mais homem que o homem?

Artigo: Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica.

2020: escritas, como anais, resumos, artigos podem ser acessadas em: <https://furg.academia.edu/ShayRodr%C3%ADguez/Papers>.

**Thomas Terra:** sou transmasculino, apaixonado pelas artes e pela infância, desde que eu me entendo por gente. São quase 20 anos trabalhando com arte e filosofia com crianças e jovens, e mais de 15 anos escrevendo e ilustrando livros infanto juvenis. Minha identidade como Trans é quase recente e só a vivia no privado. Apenas este ano, em plena pandemia, num fôlego por vida, encontrei





a coragem de me assumir transvestigenero publicamente. Agora, minha luta é seguir contribuindo para a infância (e o futuro que, nela, se inicia) como Thomas, como um corpo trans em meio a tantos outros corpos. Sou gaúcho, mas moro fora do Brasil já fazem 7 anos. Morei na Argentina e na Austrália, atualmente moro na França, porém, certamente este não será meu destino final. O que me move no mundo é criar, por esta razão estou sempre escrevendo, pintando, fazendo novos projetos, olhando para novas possibilidades de expressão. Por ser muito curioso e gostar de me aprofundar nos meus interesses, estudei um bocado de coisa durante minha vida, dentro dos mais variados assuntos, como astrologia, ayurveda gestacional, filosofia, pedagogia, literatura e, atualmente, história da família e do gênero.



**Ernesto Nunes:** Homem transgênero. Psicólogo clínico. Anticapitalista. Brincante. Mestre em psicologia desenvolvimento humano. Integrante da comissão especial LGBTQI+ do Conselho Regional de Psicologia do DF.

**Julian Steven:** 23 anos, homem trans periférico, poeta, morador do extremo sul de São Paulo. Integrante do coletivo vilani-se que realiza o Sarau Despertar. Instagram: @alcateiamuda.



**Uarê:** pessoa não-binária, autodidata, autônoma. A pesquisa de movimento (dança e pós-pornografia) move a descoberta, a ilustração e a escrita concretizam e incarnam esse corpo ciborgue, quimicamente modificado, moldado a plástico e suor. Desde 2017 estuda dança contemporânea no CRD (Centro de Referência da Dança de SP), fez residências de dança como Macaquinhos (2019) e Corppas Liquiddas (2019); atua



como performer do Pornoshow produzido pela Ediy Porn, em SP. Idealiza e realiza o selo Móri Zines de publicações independentes. Está realizando a quarentena em isolamento social em Ilha Comprida/ SP.

**Lui Foito:** transmasculino não-binário, artista visual e graduando em Gestão de Políticas Públicas pela Universidade Federal do Ceará. Compõe seus trabalhos artísticos através de desenhos, poesias, esculturas de argila, fotografias e audiovisual.



**Caê Vatiere:** 20 anos, sou um estudante transgênero não-binário do 4º ano de Jornalismo da UNESP-Bauru. Atuei como assessor de comunicação do Cursinho Popular Primeiro de Maio e participei da XIV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã no Rio de Janeiro, do Congresso Brasileiro de Educação e palestrei no "Simpósio: Atenção Integral à Saúde LGBTQIA+" da IFMSA Brazil Uninove Bauru. Atualmente, trabalho no Jornal Fatos da Rua como repórter/editor e busco me especializar em jornalismo de educação e mídia cidadã.

**Cauê Assis:** Alguém que não sabe falar de si. Pois entende que quando terminamos a frase: "Eu sou..." já não somos os mesmos. Mas para manter as formalidades se apresenta como um ser em trânsito, em transformação, em uma transa constante com palavras, pensamentos e versos. Um corpo TRANS [que] borda poesia no tecido da vida. Nasceu em 15 de junho de 1993, na cidade de Maceió (ao som da música maluco beleza do Raul Seixas). Atualmente é graduando em psicologia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pesquisador e ativista das temáticas de gênero e sexualidade. Membro do FONATRANS e Sec. Geral da ACTTRANS. E-mail: caueassis15@gmail.com. Instagram: @caueassis\_.





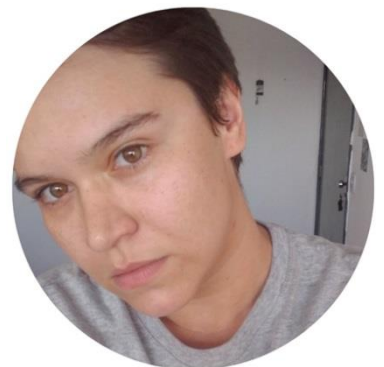
**Dhiego Monteiro:** Estudante de graduação de Defesa e Gestão Estratégica Internacional na UFRJ. Colaborador e jornalista voluntário do jornal impresso A voz da Favela e do portal de notícias da Agência de Notícias das Favelas. Membro do Coletivo Nacional Artístico Transpoetas. Criador do Instagram dedicado as pautas transmasculinas @dhimonte. Escritor de literatura e poesia nas plataformas Sweek e Amazon. Sou nordestino de PE e PB vivendo no Rio de Janeiro. 22 anos (aniversário em 23 de junho). Sou não-binário (Transmasculino e em parte um gênero que eu criei: o gênero nada). Pan e demissexual. Adepto de relações livres e poliamor.

**Kauê Conrado:** 26 anos, Fortaleza-Ce, Homem Trans, Agente de Segurança Privada, Umbandista.



**Bernardo dos Santos:** Bernardo dos Santos, 20 anos, pessoa transmasculina e pansexual. Serviço Social pela UNIRIO. Assessor técnico do Centro de cidadania LGBTI da Capital. Geminiano e apaixonado pela cor azul. Instagram: @menino.bernardo

**Gabriel Vicente Pontes (Gab Pontes):** homem trans, 25 anos, e moro em Fortaleza/CE. Sou formado em Serviço Social e atualmente estou cursando Mestrado em Sociologia. Gosto de cinema, livros, cores neutras, poemas e café. Facebook: Gab Pontes. Instagram: Gab Pontes @gabppontes







**Tali Ifé:** Mato-grossense morando a 5 anos no Morro do Palácio em Niterói Poeta, performer, arteiro, curador e produtor cultural graduando da UFF. Homem trans e bissexual de 23 anos, traz nos seus trabalhos e produções, reflexões, pesquisas e questionamentos sobre transições, deslocamentos e territorialidades, gênero e sexualidade, construção de masculinidades e corporeidades, ancestralidade e espiritualidades, construção e reconstrução de identidades. Acredita no fortalecimento e criação de redes e circuitos como caminho para o crescimento e potencialização de corpos trans e suas artes.

**Orlando Tailor Vinhoza:** Homem trans gay, comunista, artista ocasional e graduando em Serviço Social na Universidade Federal Fluminense (UFF). Para a monografia está pesquisando a produção teórica e a discussão de gênero dentro do Serviço Social. Por volta de 2013 estava passando por um momento bem difícil, não era uma pessoa muito feliz. Pra me distrair dessa situação, resolvi criar uma página no Facebook, chamada Tailor, onde postava quadrinhos de forma bem amadora. Nela eu postava histórias de pessoas trans, pois queria dar visibilidade a essa população, e nesse processo percebi que eu também sou trans e a partir daí minha vida foi melhorando, o que faltava era me entender e aceitar. A página chegou a ter 40 mil seguidores e me rendeu um curta que conta um pouco sobre mim e sobre outras pessoas trans também. Hoje ela já não existe, mas continuo focado em divulgar nossa história e dar visibilidade à comunidade. Twitter: @transviando  
Curta: <https://www.youtube.com/watch?v=WdfjPWG1-AM&t=496s>



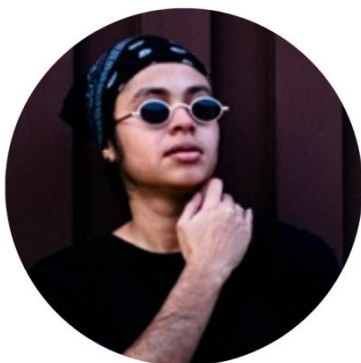




**Lino Arruda:** pesquisador, artista e quadrinista transmasculino. Dentre suas publicações independentes em quadrinhos se destacam os zines “Sapatoons Queerdrinhos”, “Quimer(d)a: Quadrinhos Dissidentes Antiespecistas”, “Anomalina na Heterolândia” e “Novo Corte de Peitos”. Atualmente, com o apoio financeiro do prêmio Itaú Rumos, desenvolve a *graphic novel* autobiográfica “Monstrans: experimentando horrormônios”, que será publicada em 2021.

Ademais, Lino é bacharel em artes visuais pela UNICAMP e pela Universidad Politecnica de Valencia (Espanha), mestre em história da arte pela USP (FAPESP) e doutor em Literatura pela UFSC / University of Arizona (CAPES/FULBRIGHT), onde desenvolveu sua tese sobre autorrepresentação travesti/trans\* em zines latino-americanos. Website: [www.linoarruda.com](http://www.linoarruda.com). Instagram: monstrans\_hq

**Dhan Tripodi:** Trans homem, graduando em Psicologia pela UNIFTC e no Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, na Universidade Federal da Bahia. Integrante do Gir@ – Grupo de Pesquisa Feminista em Política e Educação. Integrante do Núcleo de Homens Trans da Rede Trans Brasil. Integrante do Coletivo De Trans pra Frente, de Salvador-BA. Membro da Aliança Nacional LGBTI+. Membro da RENOHT – Rede Nacional de Organizações de Homens Trans. Principais áreas de interesse atualmente: Estudos Trans, Masculinidade, Interseccionalidade, Decolonialidade, Teorias Feministas e Queer.



**Esteban Rodrigues:** homem trans, negro, do subúrbio de Salvador. Poeta, professor, nascido em 1996 e em 2017. Em 2018 teve seu primeiro livro publicado, Sal a gosto, pela editora Padê, em Brasília. Participou da Jornada de Poesia LGBTQ+ 2018 em Brasília, rodas de conversa no FLI ILUFBA 2019, no Mural de Escrita Criativa: Cartas da Escrita Jovem promovido pelo PET Letras UFBA 2019, na Balada Literária Bahia 2019, além de ter



marcado presença no TransVersal Sarau da Diversidade 2019 e no Festival Nacional Transmasculineizando 2020.

**Kaio Lemos:** Coordenador da Revista Estudos Transviades. Homem trans, nordestino e candomblecista. Bacharel em Humanidades (UNILAB). Bacharel em Antropologia (UNILAB). Especialista nos Estudos de Gênero e Sexualidades (UFC). Mestrando em Antropologia (UFC/UNILAB). Presidente da ATRANSCE (Associação Transmasculina do Ceará). Secretário Executivo da RNHTTP (Rede Nacional de Travestis e Transexuais vivendo e convivendo com HIV/AIDS). Autor da obra “No candomblé, quem é homem e quem não é?”.



**Amiel Vieira:** homem trans intersexo, doutorando pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do ABC, graduado em Ciências Sociais pela Universidade Cruzeiro do Sul, presidente da ABRAI.

**Alex Pletu:** Pletu, nascido em 1995. Poeta, compositor, escritor, artista e produtor. Formado pelas ruas da Sul, Jardim São Luiz - SP, nasceu com a quebrada do Chácara Santana, Capão Redondo, Pq. Santo Antônio e Jardim Angela ao redor. Vive como quem discorre palavras e com o tempo ressignifica as vírgulas, reticências e pontos finais, e nos papéis da vida segue protagonista: é filho, é irmão, é amigo, é paixão, é afeto, é medroso, é sonhador, é velho, é novo, é muita coisa.. (Talvez não dê tempo de falar)



Porque ter discernimento do que se quer é pavimentar o local pra ir antes de chegar



[...]Preto, periférico, trans-poeta, sem esse lance de hora certa, ele seguiu de FUSCANELA...

Em 2020 formado em Artes Visuais, cursando Pós, não tem gatos, cachorros, nem avós, segue com a formação da rua, academia e determinados sentires, estabelece uma intimidade com a escrita como AS LINHAS PARA COM OS LIVROS

Um preto trans preto

Aliás

Mais um Demétrio presente



**Patrick M N Silva:** Homem trans e bissexual, bacharel em Antropologia pela UFF, mestre em Antropologia pelo PPGA/UFF, está cursando licenciatura em História na UFF e doutorado em Antropologia Social no PPGAS/Museu Nacional-UFRJ. Tem experiência de pesquisa nos estudos gênero e na antropologia urbana, atualmente é membro do Núcleo de Estudos em Corpos, Gênero e Sexualidade (NuSEX), ligado ao PPGAS. Site do NuSEX: <https://www.nusexufrj.org/> Instagram: @ptrk.m

**Saman Ferreira:** homem trans, preto e periférico. Bacharel em Humanidades e Graduando em Serviço Social pela Universidade Federal da Bahia – UFBA.

